

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rafael Domingues Adaime

A clínica e seu duplo

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo

2016

Rafael Domingues Adaime

A clínica e seu duplo

Doutorado em Psicologia Clínica

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik.

São Paulo
2016

Banca Examinadora

Luiz B. L. Orlandi

Peter Pál Pelbart

João Perci Schiavon

Damian J. Kraus

Bolsista CAPES e CNPq

Resumo

Esta tese é um estudo sobre procedimentos experimentais em psicoterapia, em que procuro dar visibilidade, através de alguns casos e elementos teóricos, para o modo como tenho trabalhado na clínica pela via da experimentação, por influência da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a esquizoanálise.

Abstract

This thesis is a study of experimental procedures in psychotherapy, in which I intend to give visibility through some cases and theoretical elements, to the way I have worked at the clinic through experimentation, by the influence of the work of Gilles Deleuze and Felix Guattari, the schizoanalysis.

Palavras chaves

Psicanálise, esquizoanálise, clínica experimental, experimentação e clínica, psicologia clínica, arte e clínica, filosofia da diferença, *corpo sem órgãos*.

Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Lacan, Donald Winnicott, Sigmund Freud, Antonin Artaud, Friedrich Nietzsche.

TESE DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

A CLÍNICA E SEU DUPLO

. ÍNDICE

...

a. Navegar é preciso (experimentação e cartografia) –	04
b. No princípio era o ovo (estudo sobre o <i>corpo sem órgãos</i> 1) –	35
c. Programas para máquinas desejantes (experimentação e clínica 1) –	73
d. Sobre ilha deserta (estudo sobre o <i>corpo sem órgãos</i> 2) –	115
e. A arte da clínica (experimentação e clínica 2) –	152
f. Vídeo autorretrato e Narcisismo –	165
v. Epílogo (enquanto prólogo)	176
x. Resumos (de cada bloco)	180
y. Agradecimentos -	182
z. Bibliografia -	183

Quando não resta nada a que se deva ir, o regresso traz a boa fortuna. Se ainda há algo a que se deva ir, apressar-se traz boa fortuna.

I CHING: LIBERAÇÃO



(autor desconhecido)

BLOCO A
NAVEGAR É PRECISO
(EXPERIMENTAÇÃO E CARTOGRAFIA)

acho que ninguém mais, tanto quanto Fernando Pessoa, fez reverberar até nós este encorajador lema de marinheiros destemidos:

Navegadores antigos tinham um frase gloriosa:
*navegar é preciso, viver não é preciso*¹;

a enunciação mais antiga desta frase parece ter sido feita por Pompeu Magno, que viveu nas décadas que antecederam o nascimento do Cristo, tendo sido o responsável, aliás, pela conquista romana de Jerusalém. conforme Plutarco, em sua biografia dedicada ao grande herói², para encorajar os guerreiros a zarparem consigo, enquanto todos se achavam temerosos devido as péssimas condições do céu e do mar, ele teria dito algo assim, em latim:

“navigare necesse est, vivere non est necesse”³,

que podemos traduzir, literalmente, como num espelho, assim:

navegar necessário é, viver não é necessário;

ou ainda, mantendo o mesmo sentido, mas acomodando melhor a frase:

navegar é necessário, viver não é.

tal qual, conforme o significado desta tradução, Fernando Pessoa toma o lema para si utilizando “preciso” no lugar de “necessário”, mas com o mesmo sentido, como adiante veremos na sequencia do mesmo texto, porque não há nada de

1 em sites; por exemplo neste que aparece quando pesquisamos no Google:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>

2 *A vida de Pompeu*. Plutarco. ainda sobre Pompeu: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pompeu>

3 https://it.wikipedia.org/wiki/Navigare_necesse_est,_vivere_non_est_necesse

muito “preciso” nem em viver, nem em navegar.

as vezes se encontra uma interpretação desse texto compreendendo o “navegar é preciso” como se fosse uma referência a uma suposta precisão alcançada na evolução da arte naval, com os melhores instrumentos e mapas, e o “viver não é preciso” como sendo uma referência a falta de precisão na arte de viver a vida; mas não é disso que se trata. pois ainda hoje, o que há de precisamente preciso em navegar no alto mar, no fora, sem referência nenhuma do litoral? nada que justifique o epíteto. navegar *não* é tão “pré-ciso” ou tão “pre-visível” assim, como se poderia querer. além do mais, a própria história da navegação, muito provavelmente, pode ser contada mais por naufrágios, do que por sucessos; há razões muito reais para se temer os grandes oceanos.

e assim segue o texto do lusitano poeta:

Quero para mim o espírito d’esta frase,
transformada a forma para a casar com o que eu
sou: viver não é **necessário**; o que é **necessário**
é criar.

no caso de Pompeu, podemos supor, não era exatamente a navegação a finalidade última da sua necessidade; navegar era ainda apenas um meio para alguma outra coisa: a execução de uma missão, a conquista de um território, uma batalha naval. Pompeu, como praticamente todo político latino da época, é um general, executa a guerra a partir de objetivos políticos, coletivos – por isso navegar é necessário, mais do que tentar preservar uma vida individual sem sentido. navegar é preciso, no caso de Pompeu, porque é com o seu navio que o guerreiro conduz a si mesmo e ao seu exército na exploração de terras desconhecidas e povos alienígenas; como, aliás, também fizera o grande Alexandre, uns três séculos antes, ligando ocidente e oriente no mapa. a “necessidade” de conquistar novos territórios, riquezas e poder dominava os sonhos e os feitos daqueles povos de guerreiros.

da frase famosa, Fernando Pessoa substituirá uma ação por outra, para torná-la

sua, como ele diz: *criar* em vez de *navegar* – simplesmente porque ele é artista e não marujo; mas do mesmo modo que é para o marujo *navegar*, também para o artista *criar* será ainda um caminho para uma outra coisa:

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

navegar é a experimentação do navegador, criar é a do artista ou do escritor. do ponto de vista que adotamos, em que *preciso* quer dizer *necessário*, não há diferença importante para o *sentido* da frase quando mudamos a ação que se deseja; o mesmo ainda aconteceria se na nossa vez de tomar a frase *para torná-la nossa*, no lugar de *navegar* ou de *criar*, introduzíssemos o verbo experimentar: *experimentar é preciso, viver não é preciso*. o que faz com que se possa variar o verbo do primeiro período? qualquer verbo caberia ali?

também podemos entender *navegar* e *criar* como típicas *ações experimentais*, ou ainda, pensar que *navegar* e *criar* são ações que podem ser empreendidas no estilo experimental ou não. mas ainda não é isso a *outra coisa* que parece estar por trás dessas ações todas; no meu modo de ver, é justamente aí que o lema diz respeito ao tipo de clínica que investiguei durante esta pesquisa, a mesma clínica que em toda a sua história, desde o seu nascimento, *sempre precisou* inventar maneiras para tentar lidar com problemas de todos os tipos – exatamente por isso, nesta tese estamos tratando a experimentação como a sua sublime arte, o seu duplo inseparável.

a resposta parece estar na ponta oposta da frase: “...viver não é preciso”. lembremos da nossa tradução: “...viver não é necessário”.

é daí que surge um farol ou ponto de referência para qualquer ação que inserirmos no primeiro período da frase. é claro que “viver não é preciso” não é

o caso de um enunciado tanatomaníaco, maldizendo a vida, louvando o reino dos mortos; justamente o contrário: a vida está sendo alvo aí, de um verdadeiro elogio disfarçado em um ato humano qualquer que lhe empreste valor e sentido. nós, seres humanos, somos os mestres na arte da manipulação do desejo. para todos os outros animais a natureza tem os seus programas biológicos rígidos, mas com os seres humanos aconteceu alguma coisa diferente – o “monolito” em “2001: uma odisseia no espaço⁴”: em vez de um puro fluxo de impulso biológico, chamado instinto, determinar os destinos de um ser humano em cada ato, na relação com os outros seres e o ambiente, esse mutante que inventou a si mesmo, o “comedor de pão” nas palavras de Homero⁵, conheceu um jeito de interferir na produção natural e aprendeu a se instalar na fronteira entre os dois mundos: eis o trabalho das *máquinas de desejo*, que tomam o impulso e o maquinam em outras necessidades, atos imprevistos. fazer pão, inventar um modo de processar o trigo e transformá-lo em uma massa possível de se conservar por dias, depois de assada. a mera corrida diária atrás de alimento, na coleta ou na caça, se transformou em um sofisticado menu, sistemas de estocagem, hora de comer, modos de se “com-portar” à mesa etc.

nos seres humanos, o *milagre* foi o desejoso impulso, ou fluxo de desejo, se tornar uma espécie de massa de modelagem, matéria-prima para outra coisa, donde se pode produzir de um mero afecto, uma criação marginal ao determinismo das forças naturais; este mutante, criou suas máquinas para fabricar desejos, capazes de transformar *forças* brutas em *formas* plenas de sentidos desconhecidos.

o famoso lema de marinharia também é auferido aos Argonautas, navegadores gregos do período pré-helênico, cujo tripulante mais famoso talvez fosse o rei Jasão, que orientado por sua rainha Medéia, “feiticeira estrangeira”, realiza uma das expedições mais lendárias desta nau e da sua tripulação, no rapto do pelego de ouro. mesmo variando o local do seu aparecimento, em nossas pesquisas, sempre encontramos este lema valorando um certo tipo de vida associada ao risco e ao gosto pela viagem e a aventura, elogiando o tipo de vida cujo destino

4 filme de Stanley Kubrick, 1968.

5 Odisseia: Canto I, verso 348; p. 33

aponta para o deslocamento por *mares nunca antes navegados*, cujo exemplo mítico nos servirá até hoje, por associação, para nos referirmos a arte de viver uma vida humana.

o ato que é necessário, que o sujeito precisa fazer, que pode variar na frase, é portanto típico da própria *condição humana*, próprio ao desejo tornado livre das determinações instintivas – portanto, é o desejo que está por trás de qualquer ação que se coloque no começo desta frase; é ele quem dá sentido à necessidade, é ele aquela outra coisa que pode variar os atos e o sentido da vida, da vida ligada a força, a pulsão, ao fora.

. concluindo, o que importa, o invariável, é o valor e o sentido da frase enquanto expressão de um certo valor da vida – ode ao *espírito livre* ou àquele desejante de que os seus desejos, individuais ou coletivos, também possam navegar em oceanos plenos, nos limites do portal do tempo, na borda do que vem do futuro, do porvir e do vir-a-ser. trata-se, de um ponto de vista *esquizo*, da possibilidade de *Partir*, donde a figura do “esquizo” veio substituir o “neurótico” como referência - “o esquizo sabe partir, ele faz do partir algo tão simples quanto nascer e morrer. (...) sua viagem ocorre estranhamente no mesmo lugar, (...) é uma viagem em intensidade, em torno da máquina desejante⁶”. é o *processo esquizo* e não o esquizofrênico propriamente dito, que está em foco aí, como imagem do que escapa as produções sociais, as produções de subjetividade dominantes etc. nesta perspectiva, não se precisa sair do lugar espacial, geográfico, para *partir* em uma viagem intensiva... são “*os homens do desejo*”, nessa passagem d'o Anti-Édipo, “aqueles que sabem partir”.

Cristóvão Colombo foi um outro antepassado de Fernando Pessoa que também usou deste lema eterno, no final da introdução do seu *Diário da descoberta da América*, antes da primeira viagem, quando ele expõe e reafirma os planos combinados com os reis católicos, da recém-nascida Espanha, que ainda viviam

6 O anti-Édipo: O Processo. Partir. p. 177. ed. 34, 2010.

no regozijo da vitória sobre os árabes em Granada:

...pensei em descrever toda esta viagem mui pontualmente, dia após dia, relatando tudo o que fizesse, visse e acontecesse, como adiante se verá. Também, Senhores Monarcas, além de descrever cada noite o que suceder durante o dia, e de dia o que navegar durante a noite, tenho a intenção de traçar nova carta de navegação, na qual colocarei todo o mar e terras do Mar Oceano em seus devidos lugares, sob os respectivos ventos, e ainda mais, de compor um livro e estabelecer toda a analogia em pintura, por latitude do equinócio e longitude do Ocidente; e sobretudo cumpre muito que esqueça o sono e me empenhe em navegar, porque assim é preciso, o que me dará grande trabalho⁷.

pode-se dizer que é o seu método que Colombo expõe aí; e com isso chegaremos mais perto do que nos interessa a respeito da navegações. neste fragmento desse texto histórico podemos ver, ao mesmo tempo, o que entendemos por experimentação e cartografia.

antes de mais nada, está o próprio roteiro desta viagem como a sua experimentação principal, traçado a partir de desejos considerados insanos para os seus contemporâneos, programada em sua rota rumo ao oeste, avançando no mais temeroso dos mares, que o imaginário da época, alimentado pelos terrores católicos, considerava como o caminho para o fim do mundo; a viagem propriamente dita, no nosso modo de ver, será a sua maior experimentação.

ao mesmo tempo, o Almirante apresenta ao leitor, através dos monarcas castelhanos, os dois modos de registro que manterá consigo: o diário de bordo e um mapa sendo desenhado sobre o percurso da nave, no amplo oceano, em direção ao sol poente;

⁷ Diários da descoberta da América. p. 28-30.

na prática, o próprio diário de bordo vai sendo o lugar de registro imediato das distâncias percorridas, das posições, em cada mínima variação; pois disso também dependiam as suas vidas; escrevendo, ele vai traçando a linha que a sua nau vai riscando por onde passa no grande Atlântico, ao se distanciar cada vez mais dos limites conhecidos.

esses dois meios de registro que o Colombo está apresentando, são meios de guardar alguma coisa diante da intensidade que se espera para uma viagem desta envergadura - “cabe muito que esqueça o sono e que me empenhe em navegar, porque assim é preciso”; ciente de que depois de partir não haverá tempo nem para dormir, ele inventa um programa para ele mesmo cumprir, a propósito da obrigação do registro diário dos acontecimentos, e firma isso no próprio diário, dirigindo-se aos monarcas, como um modo de ancorar o empreendimento em um patamar de lei, de acordo, onde o outro está implicado na sua relação consigo mesmo:

“...pensei em descrever toda esta viagem mui pontualmente...”

“...escrever a noite o que suceder de dia, e de dia o que navegar durante a noite...”

como todo comandante de navio ibérico, daquela época, Colombo tem o seu diário de bordo – não é uma exclusividade sua. bordo quer dizer, tecnicamente falando, a viga central que vai da proa à popa de um navio, ao longo de toda a parte debaixo do casco, dividindo a nau em duas partes simétricas – estibordo (direita) e bombordo (esquerda). o diário de bordo, portanto, é um *diário* que se realiza *sobre um bordo*, e que passou a servir como nome para o diário de viajantes de todos os tipos; através dele e com ele, nau e marujo tornam-se um único ser; o navegador se compõe com a nau, com os seus movimentos e condições, e no diário exprime os acontecimentos vividos por essa comunhão.

depois de zarpar do porto espanhol, indo na direção das Ilhas Canárias, em cujo porto faria os últimos preparativos na frota, ele escreverá o primeiro dia do seu

diário:

Sexta-feira, 3 de agosto. – Partimos quinta-feira , aos três dias de agosto de 1492, da barra de Saltes, às oito horas. Avançamos umas sessenta milhas, com grande exaltação até o por do sol, em direção ao sul, o que vem a dar quinze léguas; depois a sudoeste e, ao sul, quarta do sudoeste, que era o caminho para as Canárias⁸.

o Colombo almirante tem conhecimento de toda a cartografia produzida sobre o Atlântico até então; em seu repertório estão os mais importantes mapas da época; seu genro foi um célebre fidalgo português, navegador e afamado cartógrafo; seu irmão, junto com ele na viagem, é cartógrafo de ofício.

isso tudo vai lhe dando sustentação, desde o começo da ativação do seu sonho de conseguir ser o primeiro europeu a dar a volta ao mundo. Colombo achava que poderia chegar até “Cipango”, o nome com o qual Marco Polo, que o influenciava, se refere ao Japão, no seu “Livro das maravilhas⁹”.

mas de que adiantava tudo isso, nesta viagem? como sabemos, Colombo nunca chegará ao Japão, mas em outro lugar; o que é típico dessas viagens intensas por rotas desconhecidas, imprevisíveis; você sempre poderá chegar onde não havia previsto; eis aí, aliás, toda a imprecisão em navegar, e a plena aproximação desta arte com qualquer outro tipo de experimentação que se entenda por *im-previsível*, como a própria arte de viver a vida. de nada adiantam os mapas, porque a viagem de Colombo fora programada na direção do para fora de todos os mapas, rumo ao que não havia sido mapeado ainda.

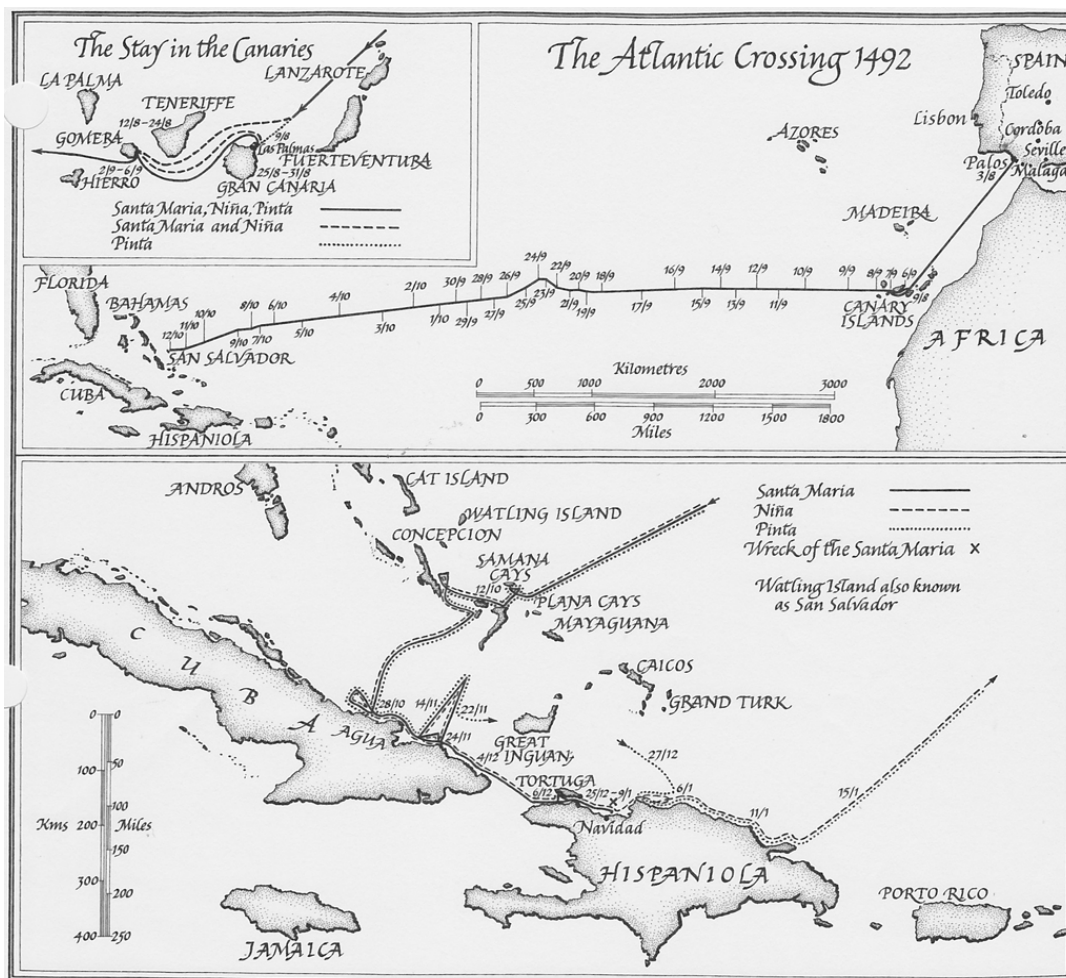
. a bússola da caravela de Colombo está fixada ao navio, na bancada em frente ao timão, bem visível para o piloto, cuja função, é manter o navio sempre no caminho do oeste: bússola navio e homens como uma coisa só. mas nem sempre é possível manter-se nesta direção, rumo ao sol poente, as condições nem

8 Diários da descoberta da América, p. 30. Ed. L&PM

9 O Livro das maravilhas. Ed. L&PM.

sempre são as ideais: ora uma corrente marítima desconhecida os leva para o noroeste, ora ventos desconcertantes os conduzem ao sudoeste; quando não ficavam parados por dias, no meio do nada, sem nenhum fluxo de corrente, nem vento algum. a caravela seguia a diante, conforme um imprevisível zig-zague.

Colombo, que na introdução do diário expõe a sua ambição de realizar uma cartografia definitiva do Atlântico, vai ser levado em outra direção, pois encontra nova rota e novas terras e os seus planos mudam; ele perguntará a cada selvagem, dos milhares que encontrará em cada lugar, “onde está o ouro?” - os desejos mudam, se reorganizam, mudando também as necessidades. a viagem da descoberta, o seu registro geográfico - cartográfico, se transformará no único mapa produzido pela viagem de Colombo; único, porém, grandioso, estabelecendo a base de uma rota que em poucos anos dominará um continente inteiro.



mas o mapa da viagem transatlântica não será a única cartografia significativa do navegador; o seu diário de bordo expressará também linhas de uma cartografia existencial e se tornará o primeiro registro, de uma primeira viagem, que será seguida por tantas outras vidas nos próximos quinhentos anos, até os nossos dias – radical desterritorialização de todo um continente em direção a um outro; que já era ocupado por outros povos.

Colombo passa algumas semanas viajando por algumas ilhas do Caribe, encontrando muita gente e se comunicando com os nativos: primeiro ele chega na Bahamas, e batiza de San Salvador, a primeira terra à vista e abordada pela expedição; depois navega pela parte oriental de Cuba e em seguida descobre também a Espanhola, o atual bi-devastado Haiti, de onde a viagem de retorno a Espanha começaria, três meses depois da chegada em 12 de outubro de 1492, sem que ele chegasse ao continente propriamente dito e sem que descobrisse se tratar de um imenso continente; aliás, Colombo morrerá sem saber que a sua viagem descobriu mais que um punhado de excelentes ilhas tropicais. na Espanhola haverá o primeiro confronto entre nativos e europeus, uma pequena escaramuça, donde os índios bateram em retirada assim que sentiram-se em desvantagem, apesar de estarem com uma maioria de guerreiros de quatro por um, segundo o diário do almirante. (segundo relatório do frei Bartolomé de las Casas, em 1552 já não restará nenhuma índio livre ou vivo na Espanhola, exterminados pelos espanhóis).

viajando por todos esses lugares, Colombo vai entrevistando e relatando o visto e descoberto em seu diário de bordo, que mais parece um diário de antropólogo, agrimensor, guerreiro ou mercador; ou tudo isso junto – sua cartografia indo muito além dos pontos cardeais, latitudes, graus, ventos e correntes marinhas:

“(...) muito índios na praia. o Almirante mandou que o barco fosse até lá levando homens bem armados”; o Almirante é ele próprio, escrevendo sobre si em terceira pessoa em todo o diário:

“Diz que ali não havia ferro nem ouro nem qualquer outro metal...”

“Diz que o arco dessa gente eram do tamanho dos da França e Inglaterra. (...) as flechas feitas de talos de cana-de-açúcar quando estão germinando, que ficam bem retos (...)”

“Ali havia algodão em quantidade, bem longo e fino, e muitas aroeira, além de ouro e cobre”.

“Tem também muito pimentão, que é a pimenta local, superior à nossa, e todo mundo só come com ele, que acham muito saudável: daria pra se carregar cinquenta caravelas por ano só nessa Espanhola”.

ele vai navegando de ilha em ilha, e nelas procurando portos, passando mais tempo no barco do que em terra firme:

“ontem quando o Almirante ia ao Río del Oro, diz que viu três sereias que saltaram bem alto, acima do mar, mas não eram tão bonitas quanto pintam (...)”.

depois de três meses navegando e reconhecendo as terras do Caribe, após a descoberta, Colombo prepara-se para retornar a Europa, e ser recebido com as boas graças pelos reis castelhanos, mas não sem antes “fincar bandeira” em solo alheio. segundo a historia oficial, alguns tripulantes da expedição, pedem ao Almirante para ficarem no local, guardando a posição até que eles retornem da Europa, na segunda viagem transatlântica. o grupo de 39 homens, contrói e instala-se num pequeno forte improvisado na praia, que batizam de Navidad, dando origem a primeira colônia da América. mas quando Colombo retorna, em sua segunda viagem, quase um ano depois da descoberta, oito meses depois de deixar o Caribe, todos os colonos que ficaram no “paraíso terreal” haviam sido mortos, sem haver vestígios e o forte havia se transformado em cinzas; nunca se soube o que aconteceu em detalhes, mas já era o segundo confronto entre europeus e nativos americanos, dos muitos outros combates e massacres que estavam por vir até a conquista completa.

os novos reinos europeus têm objetivos bem claros para toda “ilha e terra firme” que encontrarem; a viagem de Colombo era apenas o começo.

NAVEGAÇÕES E CARTOGRAFIA NAVAL

as navegações pelo Atlântico, cada uma das suas expedições, foram uma exemplar experimentação coletiva, que durou séculos intensos, com as suas cartografias, mapas, diários de bordo que contam as histórias desta grande aventura. até a primeira viagem transatlântica de Colombo, o mapa mundi ainda era o de Ptolomeu, que viveu entre o primeiro e o segundo século:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ptolomeu#/media/File:PtolemyWorldMap.jpg>

a grande referência na área ainda era o seu livro “Geografia”, que reunia os conhecimentos geográficos mais importantes do Império Romano do segundo século. a coleção de mapas desta obra pode ser vista, com boa qualidade, na página da Wikipedia dedicada ao clássico:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Geography_\(Ptolemy\)#Cartographical_treatise](https://en.wikipedia.org/wiki/Geography_(Ptolemy)#Cartographical_treatise)

isso pra gente ver, pra dar uma ideia, de que a arte cartográfica é muito antiga; do agrimensor ao cartógrafo. a Terra vai sendo mensurada, mapeada e agregando valor na economia dos territórios humanos. Ptolomeu foi um marco, seus mapas do *ano um*, duraram 1500 anos. neles, a gente pode notar as regiões consideradas desconhecidas, ilimitadas, como a Africa sub-equatorial - “Terra incógnita”, pode-se ler no mapa Ptolomaico. para os povos do Mediterrâneo, apenas existia a Africa do norte, mediterrânea, e o caminho do rio Nilo entre o Egito e a Etiópia Interior; o imenso deserto do Saara sempre foi uma barreira intransponível e além dele ainda haveria a floresta tropical do Congo. com a descoberta da América, as culturas do “velho mundo” serão lançadas do mundinho em que viviam há milhares de anos, ao planeta imenso e integral – só pra se ter uma ideia, na Odisseia, Homero mostra que para os povos gregos as nascentes do rio Nilo eram o próprio Zeus¹⁰.

o mapa mundi do ano um estava chegando ao seu fim de linha; os próximos séculos viriam a ser muito favoráveis a arte cartográfica. os cartógrafos, ou a

10 Odisseia, Canto IV, verso 477.

cartografia, estarão a bordo em todas as expedições pelo “oceano ocidental”, estabelecerão o mapa das novas rotas, a posição da latitude de cada porto conhecido, na África e na Índia, começarão a produção de inúmeros mapas sobre as novas “ilhas e terras firmes” encontradas na América e, principalmente, todo este engenho acabará por começar a chegar em um novo mapa mundi, que substituirá a cartografia secular de Ptolomeu.

mas a arte cartográfica não começou com Ptolomeu. podemos pensar que ela já estava ativa no simples reconhecimento de área que um ser humano selvagem pudesse fazer, seja por função de exploração de uma região desconhecida, seja pela abordagem de uma possível zona de caça, ou então em busca de fontes de água doce etc. - a vida humana vai cartografando seus territórios existencial, mesmo antes da invenção da escrita, mesmo antes de usar um pedaço de carvão para diagramar em rochas, trilhas eternas; na arte rupestre já encontramos uma cartografia, que diagrama os percursos dos animais, as fontes de água, etcetera. do mundinho do caçador-coletor ao mundo desconhecido e ilimitado dos nômades que falam com deus no deserto, até o imenso planeta Terra desvendado com a viagem de Colombo, o ser humano vai desenhando, geo-grafando, inscrevendo as linhas dos seus territórios conhecidos e desconhecidos sobre uma *superfície* ainda *em branco* para os do velho mundo.

...

nas primeiras expedições do século XV para o alto mar, aqueles navegadores pioneiros dispunham de mínimos recursos que permitiram às embarcações da época oferecerem viagens mais seguras, longe das rotas litorâneas, da chamada *navegação de cabotagem*. os pilotos e capitães possuíam tais instrumentos para determinar a posição da nave com *relativa* precisão, longe da visão da costa, no chamado alto mar.

a lendária escola de Sagres, que não era bem uma academia naval ou uma escola institucional, mas um grupo de trabalho reunido em torno do engenho e financiamento do multi-famoso infante D. Henrique; tinha como propósito a pesquisa e a produção de novas embarcações: um elite de cientistas e

marinheiros do mediterrâneo, daquele começo de século XV: geógrafos e cartógrafos, astrônomos e engenheiros navais, além dos marinheiros, capitães, almirantes todo gênero de marujo-militar e civil – poli-fértil babel ocupando um estaleiro junto ao forte de Sagres com o programa de pesquisar navegação e construir as melhores caravelas. era uma Tercena naval, com navios armados para a exploração marítima e territorial, financiada pelo ouro monarquista, que vinha desejoso de produzir embarcações capazes de afastar a sua rota comercial com a Índia, da muito conturbada política do Levante.

foram capazes de desenvolver melhoramentos para o astrolábio, o quadrante e a balestilha, que permitiram aos navegadores determinar melhor sua posição e rota usando como referência o sol e as estrelas, na relação entre os astros e a terra: o sol durante o dia, os planetas e estrelas durante a noite; principalmente a estrela polar, para os do norte, que já era usada desde os antigos navegadores do mediterrâneo.

por exemplo Ulisses, que maldito de Poseidon, navega, deriva e naufraga, mais de uma vez, sempre procurando pela estrela do norte, tentando seguir em sua direção, guia para o regresso ao paço de Penélope, na ínsula Ítaca; a Odisseia, aliás, é uma grande viagem através de um território grego apresentado como um imenso arquipélago; todo explorado com navios remeiros, com pouco apoio de vela.

uma estrela guia é muito pouco para se orientar nesses grandes mares; uma bússola é o mínimo que se poderia querer numa situação dessas, se você não pode ver um estrela guia no céu ou ver o sol durante o dia; imaginem a situação dos navegantes daquela época quando o céu estava nublado-chuvoso ou carregado de neblina, por dias seguidos? a bússola¹¹ sem dúvida foi o dispositivo de navegação mais importante da *Era dos descobrimentos*. teria sido inventada pelos chineses por volta do ano mil; é um dispositivo capaz de fazer a leitura do invisível, entrando em composição com as linhas de forças magnético-elétricas da Terra, e permitindo com isso, que um ser humano possa saber se orientar em relação ao eixo norte-sul; a partir desta informação, de onde é o norte, ou o sul,

11 hiperlynk: <https://es.wikipedia.org/wiki/Brújula>

chegar onde se deseja ou voltar para casa, fica duas vezes mais possível.

até que aqueles marujos da escola de Sagres começassem a desenvolver a navegação em alto mar atlântico, os europeus só haviam navegado pelo mar Mediterrâneo, quase sempre o mais perto possível da costa, e pelas costas litorâneas do Atlântico, na Iberia, Grã-bretanha e Escandinávia. para começar a poder controlar as suas naveas mais avançadas tecnologicamente, na época, as caravelas, em alto mar foi preciso a entrada em cena de uma invenção tecnologia que mudaria o rumo da navegação e do mundo na direção dos europeus: a vela portuguesa. com ela, logo no começo do século quinze, os portugueses vão começar o seu ataque a Africa, primeiro ao norte, depois em direção ao sul, criando “colônias” em terras já habitadas.

o oceano Atlântico foi conquistado mui lentamente, a partir da revolução provocada pela invenção das caravelas e da inserção da vela portuguesa, que permitiram, junto com o aperfeiçoamento dos dispositivos de orientação, que os marinheiros europeus deixassem a navegação de cabotagem, ao longo das costas, e passassem a se aventurar em alto mar, longe das referências visuais continentais.

mesmo com esses avanços tecnológicos, toda a navegação em alto-mar, naquela época, era uma experimentação no sentido estrito – uma ação experimental, sobre a qual não se sabia o que poderia acontecer, onde iria chegar, o que poderia encontrar, nem mesmo se iria poder retornar. partir em um navio, zarpar rumo ao Atlântico, era o princípio das incertezas. o período que vai do redescobrimto da ilha do Porto Santo e da ilha da Madeira, e da conquista de ambas em 1418, até Cristóvão Colombo chegar ao arquipélago caribenho, em 1492, corresponde ao período da grande expansão da arte naval, acompanhada pela sua inseparável e científica companheira, a cartografia naval. o oceano está sendo mapeado, conhecido, reconhecido, explorado de um modo que nunca havia sido antes. até chegar ao mapa que Colombo levou consigo na primeira viagem, muitos outros foram desenhados por navegadores cartógrafos; de modo que podemos dizer que o mapa de Colombo é muitos mapas - coletivo de mapas sobrepostos, selecionados pelo repertório pessoal do Almirante.

o século XV foi todo dedicado as descobertas e redescobertas, no além mar; da conquista, uma a uma, das ilhas atlânticas do além Hades. depois da Madeira e das Canárias, o de arquipélago dos Açores, em 1427, os exploradores seguem ao sul para conquistarem o mar africano; em 1422 eles ultrapassam o cabo Não, considerado até então, o limite intransponível ao sul, para os povos do mediterrâneo (*terra incognita*); em 1434, Gil Eanes contorna o cabo Bojador e em 1456, eles chegam ao arquipélago do Cabo Verde, praticamente na linha do equador, mesma latitude do mar do Caribe; seguindo rumo ao sul, conquistando posições comerciais ao longo da Africa, até que em 1487 Bartolomeu Dias consegue a façanha de contornar o cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente primordial, estabelecendo a famosa rota naval entre o Atlântico e o oceano Índico¹².

a cartografia naval do século 15 é o diário do Homem, esse animal terrestre, começando a se arriscar, para além do que jamais tinha conseguido, num meio completamente inóspito a sua sobrevivência – o seu deserto absoluto. soprados pelo vento, sacudidos por ondas maiores que os seus navios, à mercê das tempestades celestes, sem nenhum motor de propulsão, à revelia das forças mais selvagens da terra; não por acaso, os oceanos Atlântico e Índico foram conquistados às custas da vida de tantos homens, entre naufragos desconhecidos e grandes heróis da espécie.

sobrevindo a conquista do oceano Indico, com o domínio da navegação pelo litoral e alto mar Africano, o Atlantico vai sendo aos poucos mapeado. o grande sonho dos mais brilhantes navegadores daquele primeiro período, impulsionados pelo desejo dos reinos que os financiavam, era chegar a dominar o Atlântico no mapa. muitos dos navegadores mais importantes, eram ao mesmo tempo cartógrafos ou levavam cartógrafos em suas expedições.

um navegador e um cartógrafo se destacam no primeiro período das navegações, ainda sob a batuta do Infante, Gil Eanes, o navegador que dominou o cabo

12 no geral, fontes de pesquisa na Wikipedia; me dei esse direito, em assuntos de áreas vizinhas as minhas.

Bojador¹³, e Jehuda Cresques, o cartógrafo¹⁴.

quem acabou realizando a ambição cartográfica de Colombo, de uma cartografia avançada sobre o oceano Atlântico, o almirante português, herói da instalação da colônia comercial em Doha, na Índia, Duarte Medeiros Pacheco (o “Aquiles lusitano” de Camões). o rei D. Manuel I de Portugal, alarmado com a descoberta do Caribe pelos castelhanos, depois de seis décadas de domínio português nas navegações, com a assinatura do tratado de Tordesilhas, em 1494, envia o almirante Duarte Pacheco em missão de exploração cartográfica completa do oceano. o registro dessa viagem secreta é dedicado e remetido ao rei, com o nome cifrado *Esmeraldo de Situ Orbis*, contendo a latitude de todos os portos da costa ocidental africana e talvez a sua mais importante descoberta, o reconhecimento do vasto litoral brasileiro, como se pode ver a seguir:

Como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar Oceano, onde é achada e navegada uma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela e é grandemente povoada. Tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma arte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela. É achado nela muito e fino brasil com outras muitas cousas de que os navios nestes Reinos vem grandemente povoados¹⁵.

somente dois anos mais tarde, a expedição de Pedro Álvares Cabral chega ao Porto Seguro no Brasil, já tem destino e objetivos certos; tomar posse da terra. Cabral nem mesmo era um navegador, mas um comerciante. em 1500 a rota comercial já estava bem estabelecida, e muito mais mercadores se uniam as expedições, eram proprietários de navios e frotas. a expedição de Pedro Álvares, com treze caravelas e experientes pilotos e capitães, ficou pouco tempo em solo

13 https://pt.wikipedia.org/wiki/Gil_Eanes

14 https://pt.wikipedia.org/wiki/Jehuda_Cresques

15 <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242845>.

brasileiro, pois seu destino final era a Índia; no caminho, enfrentam uma tempestade violenta no Atlântico sul, perdendo sete navios. Cabral consegue cumprir sua missão na Índia com relativo sucesso, enfrentando rebeliões locais, e retorna a Portugal; mas nunca mais ao Brasil, que na mesma hora começa a ser usado comercialmente para a extração do pau-brasil, árvore que inventará os brasileiros antes deles inventarem o Brasil (“brasileiros” era como eram chamados os que trabalhavam na extração e mercado do pau-brasil¹⁶).

de tão secreto, Esmeraldo de Situ Orbis, só foi encontrado e tornado público para o nosso conhecimento, em 1892. possui a descrição de todas as dezenas de portos que Portugal estava conquistando ou criando na gigantesca costa ocidental africana, além do registro de outras dezenas de lugares, com a marcação da latitude de cada um dessas localidades. esta obra de “cosmografia e marinharia”, conforme definição do seu autor, está entre os mais notáveis exemplos que encontrei, de procedimentos cartográficos realizados durante uma viagem expedição.

16 Historia do Brasil, de Afrânio Peixoto.

CARTOGRAFIA ESQUIZO

sobre este tipo de cartografia, que nos implica de imediato, tentarei falar o modo como em mim se deu um entendimento e meio de aplicação: a vejo como uma cartografia tal qual as outras possíveis, somente com outro objeto imediato, os territórios subjetivo e existencial humanos, a partir de uma perspectiva *esquizo*.

. mas nem por isso deixando de lado a inflexão do contexto geográfico na produção de subjetividade, sendo que somos praticamente forjados pela própria Terra, nuns casos mais que noutros, conforme as condições que ela nos oferece para viver as nossas vidas.

essa concepção de território existencial ou subjetivo, segundo sabemos, vem de Guattari. território subjetivo, entendo como aquele mais a ver com as zonas construídas em torno do *ego*, enquanto o outro, o existencial, podendo ser mais amplo, indo desde os campos egóicos e inconscientes a todo o contexto onde a vida humana está implicada, ali onde ela acontece (natureza, *socius*); conforme, aliás, o modo como Guattari trabalha em “As três ecologias”, onde ele propõe pensarmos em três ecologias, sendo uma delas a da *subjetividade*, a outra o *social* (cultural, relacional, ética, política etc.) e a terceira a *natureza* selvagem (o fora, o recalcado, o inumano etc.). a cartografia esquizo poderia ser algo nesta linha: fazer a leitura de um *caso* a partir da análise de como essas três ecologias estariam incidindo. algo na linha de uma *análise institucional*, parece.

. um outro sentido possível; ao menos uma outra ideia sobre de onde podemos partir para pensar esse assunto: o fato de ser uma cartografia do tipo “esquizoanalítica” implica em que? que sentido o “esquizo” emprega na cartografia? uma análise esquizo, segundo entendo, conforme O anti-édipo, poderia ter três campos de incidência, de trabalho: um sobre a edipianização, outro na percepção dos desejos e uma última ligada a análise dos investimentos sociais. eles chamam esses três campos de “*as tarefas da esquizoanálise*¹⁷”, e talvez seja o primeiro lugar onde se pensar em “método” nessa “esquizoanálise” de Guattari e Deleuze. então, como seria fazer uma cartografia conforme as

17 O anti-Édipo. ed. 2010. p. 426. “Primeira tarefa positiva da esquizoanálise”.

“tarefas de uma esquizoanálise”? ou o mais correto seria dizer: como seria fazer uma cartografia dos processos e procedimentos que ocorram numa análise do tipo esquizo?

. na origem desta pesquisa de doutorado, parti com esses assuntos ainda vivos no repertório adquirido nos estudos e aprendizados realizados no período do mestrado. além da cartografia como método de registro dos experimentos clínicos e respectivos estudos, de um outro lado, duas ou três referências desses autores sobre seus métodos, que podiam ajudar ao trabalho clínico, foram foco de estudos: as já citadas “tarefas da esquizoanálise”, “como criar para si um corpo sem órgãos”, ao qual dedico um capítulo desta tese, e o “Método de dramatização”, donde vem o *fundamento ético*, para tentar deixar claro que qualquer experimentação clínica *deve* partir sempre de algo que *emana* do próprio caso, como Gilles Deleuze defende nesse discurso¹⁸.

. por conta disso, desde o mestrado venho pensando a cartografia esquizo como um método de registro adjacente a uma experimentação, pesquisa, estudo ou trabalho clínico, e não como a experimentação em si – a cartografia, no nosso modo de ver, é a experimentação do registro; de modo que as experimentações propriamente ditas, seja a do clínico que somente escuta, como a do que trabalha sustentando o campo de ocupação para o psicótico, serão feitas a partir das instruções de como construir um campo experimental para um desejo qualquer, que vemos em “como criar para si um corpo sem órgãos”, ou então, nas “tarefas da esquizoanálise” apontando para as linhas de foco de uma análise do tipo *esquizo*.

– que tem a ver a cartografia geográfica e naval com a *cartografia esquizoanalítica*, além de ambas serem cartografias?

– por ambas serem consideradas cartografias, o que esses dois gêneros têm em comum?

. concluindo a introdução deste item, sobre a *cartografia esquizo*, queria dizer

18 “O método de dramatização”; na coletânea “Ilha deserta e outros textos”. Ed. Iluminuras.

que o assunto se separa em dois no meu modo de abordar: um ligado a entender o sentido de cartografia e o outro de entender o que seria uma abordagem esquizo da cartografia. o que entendo por *cartografia*, desde a base de comparação com a arte cartográfica mesmo, já vimos no trecho sobre cartografia naval, mas e o que é ser esquizoanalítica?

– o que há de tão radical no campo da clínica que mereça ser colocado no mesmo nível de radicalidade que foi a experiência com o oceano a partir do século xv?

– o que na clínica poderia guardar alguma semelhança com a dramaticidade trágica vivida pela tripulação de Colombo naquela viagem pioneira?

“lançar-se ao mar, o seu deserto absoluto”: é que o ser humano, personagem principal do campo de trabalho do psicólogo, também tem o seu deserto subjetivo absoluto: é o seu avesso, o seu oposto, o seu lado obscuro, independente, mas do qual ele depende, que muitas vezes faz as coisas acontecerem em sua vida, repetidas vezes, sem que ele consiga interferir no que lhe acontece (situação das engrenagens neuróticas, do sujeito alienado em si mesmo). lançar-se ao mar também pode ser visto na linha de todos os modos de dessubjetivação experimental a que nos ligamos; como as viagens com drogas, alucinógenos, onde nunca se sabe até onde podemos chegar. “você nunca saberá o que é suficiente, a menos que saiba o que é mais que suficiente”, diz William Blake em um dos seus Provérbios¹⁹. são as viagens mentais e subjetivas: “bad trip, good trip”. por fim, nesse sentido, a cartografia esquizo pode ser pensada como a cartografia naval, por conta da radicalidade do que rodeia o campo do inconsciente e do desejo.

Cadernos de Subjetividade n. 1 – 1996:

“... cartografia como novos mundos...” - Félix Guattari

Para mim, a cartografia está ligada à preocupação com a composição de novas práticas. O que me preocupa é o

19 Provérbios do Inferno. em: O casamento do céu e do inferno. Ed. L&PM

antagonismo entre a prática e a teoria. Há, para mim, uma prática que implica, de maneira imanente, a teoria. Há uma teoria que é produtora de práticas, produtora daquilo que chamo de 'focos existenciais'. Mas a cartografia não é uma palavra feliz; vemos que os sistêmicos a empregaram muito. Poderíamos falar de uma construção de 'corpo sem órgãos', uma construção de um território existencial²⁰. (p. 33)

podemos ver que nem mesmo Guattari parece estar seguro do que ele quer com esta expressão, ou já não a tem junto consigo; preocupado com o uso em outra área... foi mais ou menos nesse sentido que pensei em ir até o passado da geografia para examinar mais de perto o que era a arte da cartografia, para daí retirar um sentido que se componha com o movimento esquizo e os métodos “esquizo-analíticos”. a partir desse retorno ao passado da cartografia, foi que me pareceu correto pensar e praticar uma *cartografia esquizo* ao modo das cartografias navais de alto mar (se estivéssemos falando de uma *cartografia neurótica*, talvez não pudéssemos fazer o mesmo). como vimos, no início do século XV, o alto mar é o que poderíamos considerar como uma superfície “lisa²¹”, ainda não decodificado, sem rotas, sem pontos de referência, o desconhecido no mais alto grau. esta é a primeira aproximação que noto entre a cartografia marítima e o que Guattari quer afiliando a sua prática junto as artes cartográficas, a relação com o desconhecido ou, como ele diz na passagem supracitada, “a composição de novas práticas”; enfim, porque novas práticas são como novos caminhos, novas rotas ou, se quisermos, podemos dizer até mesmo “novas técnicas”. porque se no vemos inclinados e necessitados a inventar novas práticas, no meu caso, por exemplo, experimentações clínicas, precisamos ter, ao mesmo tempo, um meio para o registro de como tudo foi pensado e feito e o que aconteceu durante e depois dos processos; evidentemente, isso pode gerar experimentações seriadas, aplicáveis a outros casos, assim como uma variedades de programas experimentais que pode vir a se tornarem procedimentos clínicos “permanentes”.

20 Cadernos de Subjetividade n 1. Núcleo de estudos da subjetividade. 1996

21 fazendo link com o par conceitual “liso” e “estriado”, que pode-se conhecer em Mil Platôs, Vol 5.

do nosso modo de ver, portanto, a cartografia é um método de registro para qualquer tipo de empreendimento experimental, caracterizado por ser realizado ao mesmo tempo em que a ação acontece, característica destacada por Suely Rolnik na sua *Cartografia Sentimental*. ...se percorre um território, geográfico ou existencial, desenhando o percurso em um papel, diagramando as linhas e posições alcançadas, fazendo pequenas anotações sobre o cenário, a terra, o homem, como nos *Sertões*, de Euclides da Cunha; a cartografia como um meio de registro de uma experimentação qualquer, que se faz ao mesmo tempo em que a experiência acontece - registro imediato, contemporâneo, *on board*.

assim como lá no alto mar, numa pesquisa ou cartografia *esquizo* a gente mantém o hábito de registrar, em plena viagem, seja pelo meio que for, como ocorrem os nossos movimentos e o que acontece nas nossas experimentações. anotar tudo que fosse acontecendo, a ideia de inventar novas práticas dentro do contexto analítico, implicava viajar com um diário de bordo. todo viajante que anota quando viaja, o faz porque é o meio mais rápido de registrar o que está acontecendo, durante a velocidade inapreensível em que costumam acontecer as viagens mais intensas: a aventura, o desconhecido, precisam de meios adjacentes de registro, que ao meu modo de ver são as *cartografias*, como Guattari escolheu chamar, porque se não aquele novo caminho pode se fechar para sempre. do mesmo modo para vários tipos de *viagens* ou para o que chamamos de *experimentação*; são os nosso propósitos científicos e os nossos desejos de que essas possíveis novas práticas possam servir a outros que sigam caminhos semelhantes aos nossos.

“ – o que aconteceu?”²²

na cartografia naval a base da localização de uma posição é dada pelo ponto de encontro entre a latitude e a longitude.

22 em “as três novelas ou o que se passou” (prefiro “as três novelas ou o que aconteceu”): em *Mil Platôs*, platô 8; mas o que importa, conforme as determinações intensivas de certos tipos de viagens, é difícil relembrar “o que aconteceu”. toda a obra de Castaneda, por exemplo, a partir do livro seis, passa a ser uma obra de “recapitulação” das coisas vividas em *estados alterados de consciência* (nem sempre por drogas, como se costuma pensar), que ele não lembrava que tinham *acontecido* em sua consciência normal, como se pode ver em *O presente da águia*, desde autor.

a nossa cartografia esquizo também tem os seus dois níveis de registro, apesar de incidir sobre outro objeto, porque o nosso oceano é outro.

nossas marcas também são feitas de acordo com a latitude e a longitude; donde a latitude é o registro do aspecto intensivo - latitude de latejar, de pulsar, de pulsão, de força e de ritmo; e a longitude como o registro do extensivo, do aspecto formal da experiência²³.

também escolhemos
as nossas *séries* de pesquisa,
as nossas *linhas* de estudo
e de abordagem,
como quem define as suas rotas,
de acordo com as necessidades do caminho.

por fim, nós também trabalhamos com a
reunião dos registros de modo a
fazer uma recapitulação dessas viagens, através da sobreposição e da análise das
cartografias que realizamos à bordo do nosso meio de experimentação.

nós também zigzagueamos em nossas pesquisas, como Colombo na direção da sua rota oeste, nos deixando levar (mesmo porque, muitas vezes, não temos escolha) por um movimento que dizem ser como o dos rizomas, que prosseguem em várias direções ao mesmo tempo: impossível, Colombo descobrirá isto nas suas viagens seguintes, navegar sem as horas de deriva e o jogo com o acaso das tempestades²⁴.

23 em *Mil Platôs*.

24 grato a Ana Godoy por esta observação que me ajudou a entender a relação *navegação e deriva*. pode-se ver o pensamento da autora, a esse respeito, tanto em seu “A força das ilhas evanescentes”, como no livro “A menor das ecologias” (ver referencias na bibliografia).

este trabalho de pesquisa sobre clínica experimental, lidou com uma variada gama de métodos e até mesmo se poderia dizer que ele tem algo de uma “metodologia”, no sentido de um estudo de métodos, já que se moveu pelo terreno das experimentações clínicas, da técnica psicanalítica e “esquizoanalítica”, tomado principalmente pelo viés das experimentações conduzidas a partir de programas, instruções, modos de usar, o que passei a chamar de experimentação programada.

então, existiu nesta pesquisa, tanto o conjunto de métodos utilizados nas experimentações que investigamos, que eu defino como “experimental esquizoanalítico”, para deixar claro de que tipo de experimentação se trata, ou seja, segundo os critérios que encontramos nos textos de Deleuze e Guattari, principalmente, em torno dos já referidos anteriormente, mas principalmente em “Como criar um Cso...²⁵”. portanto, situo este trabalho entre esses métodos experimentais que pesquisamos, em torno na prática clínica, e a cartografia do tipo “esquizoanalítica”, como seu meio adjacente de registro.

meu assunto central foi a experimentação na clínica. no título, estou querendo dizer que chegamos a conclusão, depois desses anos de pesquisa, que a experimentação é o duplo da clínica: uma experimentação, ou ação experimental, entendida como atos cujos efeitos são desconhecidos, atos que levam a efeitos imprevisíveis²⁶. neste sentido, podemos notar a proximidade com o navegador que precisa *partir*, o esquizo que é o “que sabe *partir*, e com o trabalho de quem conduz uma análise ou processo psicoterapêutico qualquer – nunca que sabe de ante-mão o que virá pela frente; no mais, a experimentação é imanente a arte da clínica porque quase sempre os nossos atos levam a efeitos imprevisíveis, que vamos acompanhando com a maior atenção e proximidade possível.

além do já dito, concluí através desta pesquisa, que a experimentação está para o adulto assim como o brincar está para as crianças. cheguei nesta percepção,

25 Mil Platôs 3.

26 conforme John Cage, citado em O Anti-édipo.

favorecido pelo encontro com a obra do pediatra e psicanalista Donald Winnicott, mestre da clínica dos infantes, que diz: “onde o brincar não é possível, o trabalho do terapeuta é dirigido no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é²⁷”, pois segundo ele, “é somente no brincar que um indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo²⁸”; que dizer, acho que apenas me diferencio de Winnicott a esse respeito, porque ele fala do brincar em relação ao adulto também; na minha perspectiva, redizendo, o brincar é das crianças e a experimentação é o brincar do adulto.

a experimentação esquizo indica um caminho para a construção de uma experimentação ou de um campo experimental para um desejo qualquer; que é o que eu entendo, e demonstrarei, por se *criar um corpo sem órgãos para si*.

partindo de um desejo, uma experimentação “esquizoanalítica” tem como motor, que a faz funcionar, um programa e as suas “duas fases”: uma para fabricar a experimentação e a outra para fazer circular, fazer funcionar.

uma experimentação segundo a esquizoanálise e a *cartografia* como o seu duplo, seu meio conjugado, entendido como o registro dos processos realizados na pesquisa ou na clínica.

entendo que também é essa a perspectiva sobre esse assunto no texto *Anotar e nomadizar*²⁹, de Luiz Orlandi, onde o autor trata da reunião desses dois elementos, a viagem e o registro, a experimentação e a cartografia. anotar é um tipo de registro relativo a tomar notas, fazer anotações, e nomadizar um modo de viajar, deslocando-se, geralmente, por algum tipo de série que determina a ação, dentro de um vasto território, ou de um território a outro, por diferentes motivos. daria no mesmo, no meu modo de ver, dizer experimentar e cartografar, ou vice-versa³⁰.

27 O brincar e a realidade, p. 21

28 idem, p. 19.

29 não sei onde está publicado; minha versão vinha do xerox da Filosofia.

30 sobre metodologia, do Orlandi, há também algo sobre a composição de uma pesquisa a partir de um arranjo entre blocos e séries para a pesquisa; e também o curso sobre “os procedimentos expressivos

metodologia em dois flancos: uma experimentação e seu meio conjugado de registro: um processo experimental, movido por procedimentos e programas, e o seu registro em andamento adjunto.

do ponto de vista ético, só deveria haver um motivo para se inventar uma experimentação clínica específica: uma necessidade; não do próprio psicólogo, ele mesmo tendendo a um ideal experimentador, agindo de modo a tornar o paciente mero objeto da sua própria vontade, mas uma necessidade imposta pelo caso e a sua respectiva problemática. a experimentação é um duplo da clínica porque um clínico está sempre lidando com problemas, que vem do outro, aliás, e para eles é preciso encontrar um meio de dar alguma resposta. só para ficar em exemplos deste contexto, foi assim com Freud, com a invenção de um novo meio de trabalhar com as histerias conversivas, e também com Guattari, ao pensar a sua esquizoanálise como um jeito diferenciado de tratar com as psicoses.

o registro detalhado de cada experimentação, e das suas premissas, estava ligado a necessidade científica, se tratando de clínica, de se interpretar os efeitos desses recursos sem precedentes na literatura específica, portanto, sem verificação anterior. donde advém esta pesquisa, como meio de expandir estudos e apresentar os resultados da análise desses dispositivos, assim como do manejo das experimentações incomuns em clínica.

os registros implicavam a necessidade de verificar os efeitos e as consequências dessas experimentações e técnicas inventadas para lidar com cada situação; os acontecimentos foram registrados, tanto do ponto de vista do funcionamento prático de uma experimentação, como do porque e a partir de que possível repertório ela foi inventada e como do ponto de vista dos efeitos produzidos, consequências observadas; sendo que a clínica implica o trabalho, a análise do próprio analista e o seu acompanhamento em supervisão; a pesquisa, alimentada pelas situações vividas na clínica, acompanhada pela orientação e

do caso”, de 2005 e 2006 na PUC-SP.

acompanhamento do Núcleo, nas figuras dos orientadores que tive tanto no mestrado, como no doutorado, dos outros professores e colaboradores que deram aulas por lá nesse período, e da sempre importante contribuição das leituras dos colegas de grupo de orientação; aos quais aproveito para expressar minha gratidão.

nesse sentido, procurei registrar de algum meio todas as experimentações incomuns realizadas na clínica por minha iniciativa – realizadas sempre a partir da escuta do caso, das suas *emanações*, e com a concordância do paciente – . em cadernetas, diários de clínica, gravações de áudio e vídeo. e também fiz experimentações com dispositivos que já eram cartográficos por si mesmo; como o jogo do rabisco, que produzia um desenho, e o Fale Consigo, com as gravações de autorretratos.

do outro lado, procurei também registrar tudo que tivesse a ver com experimentação, vindo da parte do paciente; por exemplo, a relação deles com os objetos disponíveis no espaço e com as instalações onde se acomodar – rede, divã, tatame; ou ainda, o trabalho a partir da escuta de algo que eu entendesse como tendo a ver com experimentação; por exemplo, a fala sobre um desejo, sobre um projeto de vida, sobre um empreendimento qualquer e a problematização sobre o seu início, a sua sustentação etc.

além disso, foram definidas as linhas ou séries da pesquisa: corpo sem órgãos, experimentações programadas; cartografia e navegação; história dos bandeirantes e dos gaúchos; técnica psicanalítica; história da psicanálise e experimentações de psicanalistas: Freud, Ferenczi, Balint, Winnicott, Klein, Reich, Lacan; ilha deserta, sobrevivência, “evolução”; dispositivo de vídeo autorretrato: estádio do espelho, narcisismo, Narciso de Ovídio, “rostidade”, Eu e função do Eu, etc.

Há um texto de Michel Serres, Hermes³¹, em que num certo momento ele sugere a diferença entre dois tipos metodológicos na história das ciências, através das

31 ver referência na bibliografia.

seguintes imagens... o primeiro tipo seria como colher maçãs em um pomar, o segundo como catar cogumelos... o catador de cogumelos nunca tem certeza se os encontrará. Ele parte de alguns sinais que a natureza lhe dá em relação ao momento de frutificação dos fungos: certas épocas do ano, chuva (umidade), sol, esterco bovino. Ele se coloca em movimento sem destino geográfico certo... sua procura tem a dimensão dos campos de criação bovina. Diferente é o modo do coletor de maçãs em um pomar projetado, com os domínios sobre as técnicas de cultivo, o conhecimento sobre as estações do ano que determinarão a época certa para plantar, cuidar e colher.

O catador de cogumelos sai à campo na expectativa de ser encontrado – “os cogumelos se mostrarão a você, ou não”, dizem. O micélio tem aparência rizomática, sem começo nem fim, sem estruturas principal e secundárias, e é o fungo propriamente dito... semelhante ao algodão doce branco, ou a trama de um casulo de seda... mas com aspecto mais leve e menos hermético que o desses exemplos... e ocupa o interior do esterco bovino; os cogumelos são os frutos do micélio. O micélio é como o rizoma, um rizoma que produz um fruto intempestivo... como o que a Lagarta apresenta para Alice, no País das maravilhas, de Lewis Carrol³².

Primeiro, caminhe até tua primeira planta e lá observe atentamente como escoar a água de torrente a partir deste ponto. A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água escavou, e assim conhecerá a direção do escoamento. Busque então a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da tua. Todas aquelas que crescem entre estas duas são para ti. Mais tarde, quando estas últimas derem por sua vez grãos, tu poderás, seguindo o curso das águas, a partir de cada uma destas plantas, aumentar teu território.
(Citação de A erva do diabo, de Carlos Castañeda, em *Rizoma, Mil Platôs*)

32 ver referência na bibliografia.

A vós, intrépidos buscadores e tentadores de mundos
por descobrir, e quem quer que algum dia, com
astuciosas velas, se embarcasse para mares temerosos.

F. Nietzsche
Assim falou Zaratustra: Da visão e do enigma

BLOCO B:
NO PRINCÍPIO ERA O OVO
(ESTUDO SOBRE O CORPO SEM ÓRGÃOS 1)

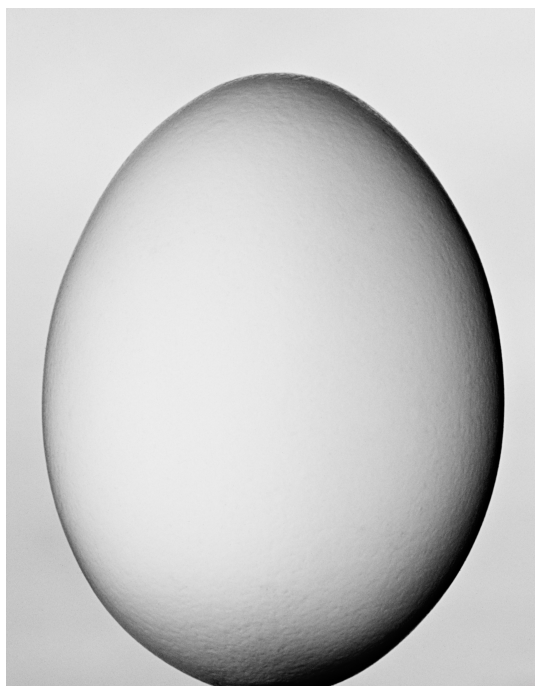


foto: Bruno Bernardi

O QUE É O CORPO SEM ÓRGÃOS ?

“O *corpo sem órgãos* é o ovo”;

esta frase afirmativa é nossa velha conhecida, e vamos tentar mostrar como ela pode ser tomada ao pé da letra, ou seja, que dizer um *corpo sem órgãos* é exatamente o mesmo que dizer um *ovo*.

“O CsO é o ovo. (...) O ovo é o CsO” (P. 27), está no texto 6 de Mil Platôs, parágrafo 21.

então, seguindo esta definição, podemos tentar compreender o que é um *corpo sem órgãos*, compreendendo o que é um ovo...

para ser fabricado, um ovo depende do encontro entre duas partes distintas que se atraem. é assim em toda reprodução animal. a fecundação produz um ovo e assim começa uma vida que não se sabe de antemão, no que vai dar. o ovo é uma célula capaz de gerar todas as linhagens celulares do indivíduo adulto.

“É capaz de guardar as características genéticas dos progenitores, podendo gerar todas as linhagens celulares do organismo adulto [totipotente]. (...) Através de várias divisões mitóticas dá origem a um novo indivíduo³³ (embrião)”³⁴. a potência de uma célula específica o seu potencial de diferenciação, ou potencial de se dividir e produzir diferentes tipos de células diferenciadas³⁵.

Nesta passagem o ovo é definido como uma individuação orgânica não submetida ainda ao regime das *formas* (ou *códigos*) organizadoras; definida apenas pelos *dinamismos espaço-temporais* no seu interior, puro regime de *forças* (ou *fluxos*).

No caso do ovo de uma ave, como aquele que nos é o mais próximo e utilizado como fonte de alimento, o da galinha, seria como pensá-lo no estado em que o comemos normalmente, uma célula única, anterior a formação do embrião - antes de começar a ser chocado. em tal estado, só com a clara e a gema, como dizemos, o ovo já contém todos os programas (genéticos) que funcionarão, cada um na sua hora, na condução da vida biológica do indivíduo, até mesmo determinando o seu envelhecimento e a sua finitude.

o ovo é um individuação produzida pela complexa, e ao mesmo tempo simples,

33 parece que essa interpretação da ciência biológica, separa ovo de indivíduo; que conceito de indivíduo é esse?

34 <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zigoto>

35 http://pt.wikipedia.org/wiki/Pot%C3%Aancia_celular#Totipot.C3.AAncia

união entre duas partes complementares. assim como a semente que jogamos na terra e, conforme as condições que encontra, se transforma em uma planta qualquer, essas duas partes procuram uma a outra e, do seu ocaso, surge um novo indivíduo; são os gametas: quando unidos, fecundados um pelo outro, deixam de existir enquanto metades individuais dando origem a uma nova individuação: eis aí o *princípio* de que falamos, com este título que afirma *no princípio era o ovo*. com uma ressalva: não é o ovo que *era*, mas o princípio; já que o ovo existe do princípio ao fim.

“O *corpo sem órgãos* é o ovo. Mas o ovo não é regressivo: ao contrário, ele é contemporâneo por excelência, carrega-se sempre consigo, como seu próprio meio de experimentação, seu meio associado³⁶”.

comumente é o ovo de galinha que nos acerca à memória, quando pensamos em ovo; mas todas as aves põem ovos, da Curruíra à Avestruz, incluindo o infamiliar Cuco, que coloca os *seus* em ninho alheio. não chega a ser um privilégio das aves, todos sabemos, que os répteis também fabricam os *seus* protegidos por um casca, ou concha: crocodilos, tartarugas, cobras e lagartos, costumam enterrá-los, onde geralmente eles ficam por conta própria, sem a necessidade dos adultos por perto, mantendo a temperatura e oferecendo proteção contra os famintos.

geralmente ligamos a ideia de ovo a uma casca. mas nem todos os ovos tem casca. os peixes e anfíbios, que estão em conexão direta com o meio aquático, põem os seus ovos na água, ou junto dela; sem nenhuma casca ou concha.

a confusão que se coloca está entre a casca de certos ovos e os ovos em si. a casca não é o ovo; quando um animalzinho rebenta a casca do seu ovo: o que ele está deixando para trás é a casca, não o ovo. essa ideia, que parece difícil, é das mais importantes tentarmos esclarecer neste começo: o bichinho que sai da casca, passarinho, jacaré, ainda é um ovo ou ainda tem características de ovo, apesar de agora estar saindo da casca; entre o instante anterior a casca ser rompida e o instante posterior, quando o animalzinho já está fora, - qual a

36 Mil platôs. Vol. 3. Platô 6.

diferença? - não representa muita diferença em relação ao indivíduo e a sua organização biológica.

se o ovo não é igual a casca, então o que é?

a diferença entre o ovo das aves e dos répteis para o ovo dos mamíferos, como os humanos, é que nos primeiros o ovo é expelido para fora do corpo da mãe e continua seu caminho protegido pela casca, abrigado em algum ninho que tenha as condições necessárias; os mamíferos teriam “evoluído” no sentido de manter o ovo dentro do corpo materno até que o embrião atinja uma maturidade que já lhe permita uma mínima independência.

a galinha reproduz o ovo. a resposta para a pergunta “o que vem antes, ovo ou galinha?” é ambos ou nenhum. o ovo é contemporâneo, adjacente a galinha; e vice versa. neste caso, não há antes ou depois. o ovo é o ovo; já a galinha, ela pode ser tomada como um indivíduo ou representando a sua espécie; no contexto da pergunta, seguindo os interesses desta pesquisa, diríamos que é na galinha, enquanto espécie, que está guardado o programa para a sua re-produção (receita para fazer outro igual, da mesma espécie; é como um programa de replicação); por outro lado, o indivíduo adulto fêmea que chamamos de galinha ainda é um ovo, assim como um ovo já é um indivíduo novo, apesar de não organizado, de literalmente indiferenciado. o ovo e a galinha são contemporâneos; o ovo é adjacente ao indivíduo adulto.

um ovo é uma unidade individuada em constante movimentação progressiva e processual. da luz vem o ovo – só bem depois, o verbo. algo acontece com a luz, oferecendo-lhe resistência, conservando a sua natureza, mas forjando as suas linhas de forças na direção de uma forma; nestes seres de que falamos, a forma basal será sempre o ovo; mas não a casca – pouco importa se ela existe ou não. animais considerados mais antigos pela ciência evolucionista, como os peixes e os anfíbios, põe os seus ovos no ambiente em que vivem, sem nenhuma concha que lhes separe do meio externo; contato direto entre a membrana externa e a água ou o ar.

. e se o ovo for humano, será preciso muito mais trabalho para vingar plenamente e, mesmo com todo o esforço, não haverá a menor garantia.

ZIGOTO

é como chamamos o ovo no caso dos seres humanos. ovo sem casca; extrema complexificação. é esse ovo de *homo sapiens* que mais nos interessa no que diz respeito ao nosso gênero de clínica.

no outro extremo do mundo dos ovos, em relação aos peixes, aves e répteis, estão os mamíferos. segundo conceitos atuais da evolução biomecânica dos animais vertebrados, com os mamíferos se darão muitas novidades. a que nos interessa evidentemente, é a que diz respeito ao ovo: esses animais passarão a levar a gestação da sua réplica, para dentro do corpo de um deles; a mãe. pela primeira vez na história da terra, em alguma época muito remota, esses animais foram os primeiros que deixaram de por ovos. em vez de expelir seus ovos e acomodá-los em ninhos, protegidos e nutridos pela casca, eles passaram a mantê-los dentro do corpo; o corpo substituindo a concha e o ovo se desenvolvendo ligado ao corpo materno, que o alimenta com oxigênio e as outras coisas que ele necessita; até já ter condições, em alguns casos, de nascer e sair andando com as próprias pernas.

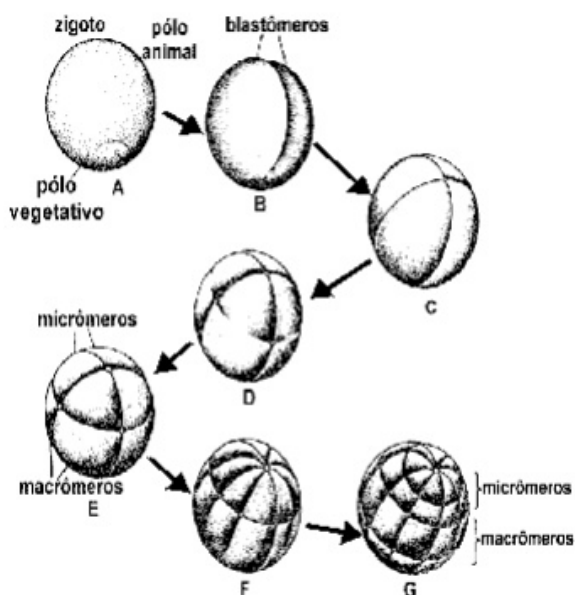
mas o princípio do *processo de individuação*³⁷ é o mesmo, o ovo.

para ser originado ele depende do encontro entre duas partes distintas que se atraem, os gametas - óvulo, espermatozóide. quando a fecundação gera um ovo, *uma* nova vida começa, da qual quase nada se pode saber de antemão, quando muito se irá vingar plenamente, quanto ao seu possível destino de se tornar humano; mas ali, naquela célula, muito já está definido, ao menos do ponto de vista biológico.

o zigoto, assim como qualquer ovo, é uma célula capaz de gerar todas as

37 tomando o conceito de Gilbert Simondon e Gilles Deleuze; há dois textos a respeito na bibliografia, um de cada autor.

linhagens celulares do indivíduo adulto, permanecendo vivo e atuante durante toda a sua vida, independentemente da sua imagem não corresponder mais a forma ovo que estamos habituados a imaginar.



“O ovo é o meio de intensidade pura (...), a intensidade Zero como princípio de produção. (...) O ovo é o CsO. O CsO não existe "antes" do organismo, ele é adjacente, e não pára de se fazer. (...) a criança (...) arranca da forma orgânica da mãe uma matéria intensa e desestratificada que constitui, (...) sua ruptura perpétua com o passado, sua experiência, sua experimentação atual”³⁸.

38 Mil Platos 3, p. 27. Parágrafo 21

EMPIRISMO TRANSCENDENTAO

o ovo é o tao. o tao não se explica. o tao explica o tao – taotologia.

yin/yang

as duas forças elementares do sistema caos/cosmo, segundo o taoísmo.

céu e terra, claro e escuro, homem e mulher, positivo e negativo, etecetera e tao.

mas todos esses exemplos ainda são ainda imagens do tao, não o tao em si.

o tao é o zero.

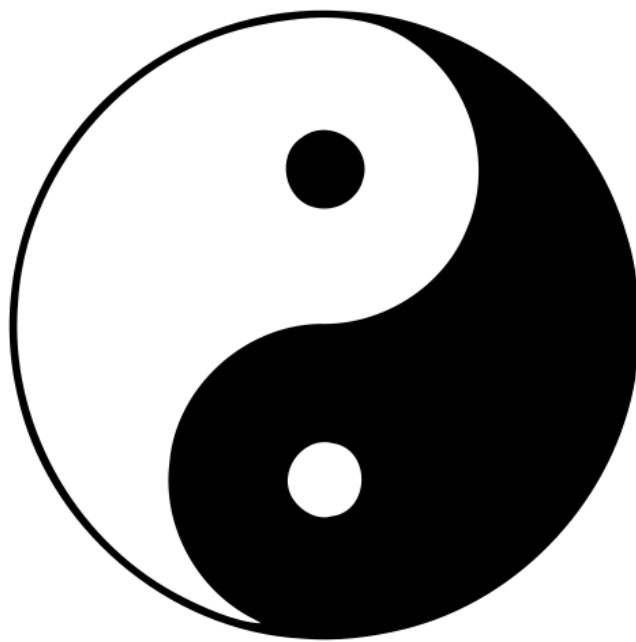
: – *Zoura*, tu acha que a gente poderia falar, em torno do Deleuze, de que ele é adepto de um *empirismo transcendentao*, com *O, de ovo*?

segundo Zourabichvili³⁹, diferentemente do *empirismo* de John Locke, onde a *tábula rasa* vira uma imagem de referência a um princípio como zero, que será deixado para trás, origem longínqua, passado tão remoto como a das camadas primevas dos seres inorgânicos, minerais e cristais, Deleuze fala de um *empirismo transcendental*, a respeito do que se aplica a ele próprio, acho que querendo mostrar com essa expressão, a duplicidade não dialética da vida, as suas duas faces contemporâneas – não é que o zero (o ovo) era, ele continua sendo, ativo e tao... como aquela face da vida ligada diretamente na *força*. não se trata de um empirismo a partir de um plano vazio (o plano é cheio), mas da passagem de um plano a outro, como sendo a própria pragmática deste *empirismo*, que é transcendental justamente por se inclinar em direção ao fora, ao virtual, ao real. a “passagem pela fronteira” que está no *Anti-Édipo*, mas também em *Imagem-Tempo*⁴⁰, quando ele fala sobre Godard, e de relance comenta que a questão da montagem, do roteiro, para dar sentido ao filme, tem a ver com a passagem pela fronteira. o encontro entre yin e yang gera o tao, o

39 ver verbete “empirismo transcendental”, em *O Vocabulário de Deleuze*, de F. Zourabichvili

40 livro de Gilles Deleuze; referência na bibliografia.

momento em que todo o recomeço é possível, FU, O Retorno, o ponto de mutação; quando chega ao zero pleno, *algo dispara*⁴¹.



41 de “A arte cavalheiresca do arqueiro Zen”, Herrigel, p. 63.

A CONSTRUÇÃO E OS TRÊS ESTRATOS (produção de Subjetividade)
Artaud e o *corpo sem órgãos*.

este platô número seis, sobre “como criar para si um *corpo sem órgãos*”, começa de modo meio enigmático, beirando um dificultoso abstratismo conceitual, mas sobretudo implicando o leitor naquilo que será dito - “de todo modo *você* tem um...”; isso ficará no ar, *você* ficará pensando, por exemplo, se tem mesmo *um* ou se isso é apenas algum recurso didático qualquer, misticismo filosófico, e pode acabar sendo levado a uma interpretação transcendentalizante, ou pior, a entender que se trata de uma luta contra o corpo, quando é justamente o contrário; mas *você* também pode interpretar desse jeito, simplesmente por já estar muito separado do *seu* próprio *corpo sem órgãos* – vai ver *você* não se enxerga.

mas o “*você*” também pode te deixar pensando: é que eles pretendem falar de uma coisa que está junto, ou seja, que faz parte constitutiva de qualquer um que possa estar lendo o texto: será então uma generalização? já que estão, de antemão, dizendo que todos os leitores têm *um*?

neste primeiro parágrafo, são feitas as honras a Antonin Artaud; é o que importa destacar neste bloco: “Artaud declara guerra aos órgãos: *Para acabar com o juízo de Deus*, 'porque atem-me se quiserem, mas nada há de mais inútil do que um órgão'. É uma experimentação (...)” (p. 10). neste ponto, para dar continuidade ao nosso propósito, seremos levados ao texto citado, cujo fragmento em que Artaud diz “*corpo sem órgãos*”, curiosamente, não foi incluído por Deleuze-Guattari; eles citam a passagem imediatamente anterior, conforme já mostramos acima – em seguida apresentarei por completo o bloco em que Artaud se refere a um *corpo sem órgãos*; cabe dizer que o sujeito da quarta frase é o Homem:

“Porque atem-me se quiserem,
mas nada há de mais inútil do que um órgão.

Quando tiverem conseguido um *corpo sem órgãos*, então, o terão libertado dos seus automatismos e devolvido a sua verdadeira liberdade⁴².”

mas ainda será preciso recuarmos um pouco mais no original, até a estrofe anterior a esta, para tentar entender melhor o que o autor quer dizer e, conseqüentemente, de onde partem Deleuze-Guattari na sua transformação da expressão *corpo sem órgãos* em conceito seu; é preciso ver que sentido o autor deu para *órgão* e porque então ele dirá que não existe nada de mais inútil. antes convém dizer que tudo aquilo que Artaud considera como sendo ameaças ao *espírito livre*, ou seja, a moral e os seus costumes, o controle dos corpos, da sexualidade e do erotismo, ele chamará nesta obra de *juízo de Deus*; mas logo deixando entender que é do juízo de um certo tipo de Homem que se trata, fazendo um ataque direto contra os modos de produção de seres humanos investidos pela civilização ocidental europeia dominante, da qual a América, do norte ao sul, tornou-se uma extensão.

“O homem é doente porque é mal construído.
Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente,
deus
e juntamente com deus
os seus órgãos⁴³”.

esses órgãos aos quais ele se refere, portanto, não são os órgãos vitais que compõe todos corpos e sem os quais a vida pode se tornar inviável, são os órgãos de deus; investidos por esse *Deus do juízo* e os seus mecanismos de controle dos corpos e produção de subjetividade domesticada. para Artaud, segundo nosso modo de ver, *conseguir um corpo sem órgãos* seria dirigir esforços na direção das possibilidades de se tentar restaurar nos corpos a sua condição de potência, anterior ao domínio dos juízos.

42 tradução final minha, a partir do francês, Obras Completas, Antonin Artaud (ver na bibliografia).

43 idem.

donde podemos pensar, do ponto de vista clínico: se o ser humano é produto de um processo de produção, se ele é construído, é possível que ele seja reconstruído? e até que ponto?

“o homem é doente porque é mal construído”, quer dizer que se pensarmos no processo de construção e pudermos fazer algo a esse respeito, talvez pudéssemos ter seres humanos ocidentais em outra condição. fora isso, com o Homem construído de modo a torná-lo doente, para Artaud a clínica passa por “raspar os órgãos do juízo de Deus” até chegar a ter de volta um corpo sem esses órgãos do juízo.

mas como se produz um ser humano? dizer que é através da reprodução sexuada não basta; porque não se trata disso, porque aí se define apenas a reprodução biológica, a carga genética. não temos um programa genético que nos faça atingir um vida vertical, sustentados apenas sobre dois pés; nem mesmo genes que nos façam falar uma língua *naturalmente*; e nem mesmo algo de biológico que venha a constituir uma subjetividade, uma autopercepção em torno de uma ideia de *Eu*.

- quer dizer que um ser humano não está garantido por natureza?
- sim, quer dizer isso mesmo.
- mas e Deus? não foi Ele quem construiu o Homem?
- bom, Deus... ...é que essa é uma longa história, mais antiga do que Ele.
- ora, faça-me o favor!
- *você* não se lembra mais?

o Homem é o animal que inventou um modo de fabricar a si mesmo; como um mutante, quase um deus, almejando para si o governo de todas as outras espécies de vida, ele aprendeu a transmitir a sua fórmula para cada nova réplica: aprender a caminhar, falar e ter o controle do fogo, são algumas dentre as mais essenciais do seu repertório cultural - impossíveis de se aprender sozinho, não instintivas.

o homem não só criou sua própria espécie como aprendeu a produzir um outro ser humano; ele se reproduz, se replica; como os *replicantes* do clássico filme

“Blade Runner”, onde o homem da ficção é aquele capaz de criar um andróide que se confunde com ele próprio. a cada bebê que nasce neste mundo, o mesmo processo milenar precisa ser repetido, para que se consiga transformá-lo em um novo ser humano - andar e falar parecem coisas naturais, diante da complexidade desta produção, mas não são. andar e falar são realizações que podemos chamar de sobre-naturais; não há programas biológicos nem instintos para isso; são necessários outros programas, máquinas complexas, toda uma engenharia implicada nesta fabricação.

em Blade Runner, segundo a perspectiva deste clínico, o que está em jogo são as condições sobre dois modos possíveis de se viver uma vida humana: como escravo ou como homem livre (*pendulação* entre esses dois pólos). até se poderia pensar que é um filme com um fundo nietzscheano. Roy é a figura do ser humano que tornou o seu desejo livre, e Deckard o sujeito alienado de si mesmo, que desconhece a sua origem, aquele, como tenho pensado, que *não se enxerga*.

como ouvi Foucault dizendo: *liberdade é deixar de ser escravo de si mesmo*⁴⁴.

ainda no mesmo texto, Artaud já havia dito que “o Homem poderia ter escolhido o sangue, mas preferiu a merda”; ele vai colocando lado a lado um certo homem produto de uma certa civilização, e de outro, aquilo que o homem também poderia ser, ou ter sido, se pudesse ser construído ou se reconstruir de outro jeito.

“o homem, quando não é reprimido, é um animal erótico (...)”.

vejo pelo menos duas linhas de incidência da produção de Homem, a que Artaud se refere: uma na zona da subjetividade, colocada como investimento dos micróbios de deus e outra na zona do organismo, tomado como a organização na

44 Documentário: Foucault por ele mesmo; Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To&t=8s>

qual o corpo foi submetido. segundo entendemos, para Artaud, uma saída possível seria poder reconstruir o homem, “colocando-o novamente na mesa de autópsia para refazer a sua anatomia; desnudando-o para raspar dele o deus do juízo moral”.

A Psicologia que se empenha em reduzir o desconhecido ao conhecido, ou seja, ao cotidiano e ao comum, é a causa dessa diminuição e desse desperdício assustador de energia, que me parece ter chegado ao último grau. E me parece que tanto o teatro como nós mesmos devemos acabar com a psicologia⁴⁵.

o corpo sem órgãos seria o corpo que sobrevive “abaixo” dessa organização dos órgãos que chamamos organismo; ver desse modo é uma questão de *percepção direta*⁴⁶.

Parágrafo 16, pg. 21⁴⁷ (todos os trechos entre aspas a seguir):

“Percebemos pouco a pouco que o CsO não é de modo algum o contrário dos órgãos. Seus inimigos não são os órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo”.

...quando um bebezinho humano nasce e aos poucos vai adaptando o ritmo das suas mamadas e sonecas ao *fuso horário* da mãe, e logo mais ao tique-taque dos relógios.

“É verdade que Artaud desenvolve sua luta contra os órgãos, mas, ao mesmo tempo, contra o organismo que ele tem: O corpo é o corpo. Ele é sozinho. E não tem necessidade de órgãos. O corpo nunca é um organismo. Os organismos são os inimigos do corpo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas, com seus "órgãos

45 Antonin Artaud. Acabar com as obras-primas, in: O teatro e seu duplo. 1999. Ed. Martins Fontes.

46 chamo *percepção direta* ou *ampliada* em referência a como Castañeda usa essas expressões para dizer de uma percepção extra-ordinária.

47 Mil platôs 3.

verdadeiros" que devem ser compostos e colocados, ele se opõe ao organismo, à organização orgânica dos órgãos”.

...e depois, todas as outras regulações que ainda se deverá impor ao corpo: por exemplo, a hora do almoço, a hora de dormir, o relógio organizando a vida do corpo e não mais a *pulsão*. – *você* almoça quando está com fome ou quando está na hora? o corpo é o corpo, quer dizer que é o corpo em sua plenitude, os desejos servindo de bússola para as ações, e estas prolongando aqueles.

“O juízo de Deus, o sistema do juízo de Deus, o sistema teológico, é precisamente a operação Daquele que faz um organismo, uma organização de órgãos que se chama organismo porque Ele não pode suportar o CsO, porque Ele o persegue, aniquila para passar antes e fazer passar antes o organismo”.

é que Deus, nesse sentido aí, é lei; porque ele não pode suportar o que flui, precisa regular, por em ordem, organizar, codificar, formalizar; é o “pólo paranóico dos investimentos sociais⁴⁸”; é a Igreja que produz o “animal reprimido”. aqui se está falando de um tipo de forma-t-ação subjetiva sendo construída sobre o corpo; o juízo é do lado das formas, mas um tipo de forma; creio que nesse caso estamos falando da instituição religiosa que reinou absoluta sobre a Europa e o mundo, que inventou um subsolo sombrio para os seus atos mais sujos e perversos; outros povos e épocas certamente conseguiram construir algo melhor para o campo da sexualidade do que o que vivemos com o abominável modelo católico – o desejo passa a ser perseguido, caçado e castrada como o próprio diabo, antes de se manifestar como ações pela via do corpo; seja *moviment-ação*, seja linguagem.

“O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder”.

sistema saber-poder, regulação do normal e do patológico, do que quer dizer saúde e doença.

48 O anti-Édipo; capítulo 4: “O campo social”.

“O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. Os estratos são liames, pinças. 'Atem-me se vocês quiserem'. Nós não paramos de ser estratificados”.

os estratos são as camadas criadas pelos investimentos da maquinaria envolvida na construção de um ser humano; segundo os autores, além do organismo enquanto organização do corpo, a linguagem, sistemas de significação, e a subjetividade, a função do Eu. dizendo por outra via, teríamos não só a *produção* de subjetividade (Eu), mas também de uma organização do corpo, e da produção do estrato da linguagem (escuta-fala, signos, reconhecer símbolos etc.). quando se pensa em construção de um ser humano, uma singularidade, seriam essas três as principais linhas de incidência dos sistemas de produção coletivo da replica de um ser humano. estrato, território ou campo: variações da forma dentro de imagens ligadas a Terra, a área, ao espaço – nessa linha, a Terra ovo-pleno, lisa, vai recebendo micro-sedimentos, como até hoje em dia, de fato, partículas aéreas vindo com as chuvas, lavas vulcânicas solidificando-se no grande mar, formando camadas de calcário, camadas de areia, formas de vida orgânica, etcetera... são os estratos na linguagem da Terra, e da sua *geologia da moral*(...).

“Mas o que é este nós, que não sou eu, posto que o sujeito não menos do que o organismo pertence a um estrato e dele depende? Respondemos agora: é o CsO(...”.

“*nós*” ... “é o *corpo sem órgãos*”.

o que quer dizer?

“este nós, que não sou eu”, que não é o sujeito.

que dizer, no mínimo, que *você* são dois, que *você* é duplo ou duplicado.

é isso que eu penso que quer dizer, no fundo.

(...)

de onde nos aproximamos do problema clínico central da tese:
se um ser humano é uma construção sobre o ovo, e este ovo é seu contemporâneo durante toda a sua vida, um ser humano pode, portanto, ser reconstruído a partir da matéria intensa ainda presente nesse ovo?
ele pode, por conta disso, re-começar? se recriar, se reinventar?
e até que ponto?

(...)

- “o homem é um animal em vias de se despojar da espécie⁴⁹”

ele constrói o seu próprio monstro, a sua própria espécie, ele é aquele que criou a si mesmo e, incrédulo com a sua própria invenção, também gerou os seus próprios deuses; reconhecendo e submetendo-se as forças eternas.

ao mesmo tempo, nunca poderá deixar totalmente para trás a sua ancestralidade simiana - como no portal do tempo de Zaratustra⁵⁰, ao mesmo tempo passado, presente e futuro; ou seja, o animal no Homem é adjacente ao mutante que ele constrói a cada nova geração; sempre ali, por baixo, submetido as forças constantes do recalçamento. no entanto, ele sempre aponta para o sentido do mais distante do seu pertencimento a espécie anima: dos instintos o homem cria instituições.

não é a morte iminente que preocupa um ser humano, mas haver, para ele, o futuro; e o que fazer com ele. os animais passam muito mais tempo que o homem, preocupados com a possibilidade iminente de morrer; suas linhas defensivas estão sempre em alerta; se cochilarem, pode ser o fim. já o ser humano é mais despreocupado, talvez por ser duplicado, por viver em dois lugares ao mesmo tempo, quase sempre alienado deste fato.

por acaso, “complexo de Édipo” não seria isso aí?
diga-se de passagem, a (micro) percepção freudiana incidiu sobre algo próximo

49 Instintos e instituições; G. Deleuze

50 Nietzsche

a este ponto, a partir do momento em que lhe foi possível perceber que para tornar-se humano cada um de nós precisava atravessar os processos repressivos ou “formativos” da *sociedade*, deixando grande parte do “seu animal” (da sua espécie) trancado no porão, a sete chaves. esse embate entre instintos e formas da cultura não seria a imagem descascada do “complexo de Édipo”?

pensar em um “complexo de Édipo”, usando este mito como imagem da problemática que a criança humana encontra para se tornar um ser humano, para “virar sócia”, ainda é apenas uma imagem do que de fato acontece com os infantes que, para se tornarem humanos precisam ao mesmo tempo deixar de lado sua dimensão animal.

o ser humano, como no mito de Narciso, não vê bem a si mesmo – o *conhece-te a si mesmo*, de Delphos, pode ter este sentido também; parece que Édipo não entendeu ou não pôde pensar no sentido, talvez porque desconhecia o seu passado remoto, a sua história antes mesmo de receber o seu nome; já vinha marcado pelo destino – “pobre *pés inchados*”. *conhecer a si mesmo* é reconhecer que a sua composição integral é dupla, e que o ovo está por baixo, na base da construção, do outro lado da fronteira.

...seriam dois os níveis de incidência do que chamamos, a partir de Freud, de *recalque* ou *repressão*, como na edição da Imago: um deles incidindo sobre as (pulsões) sexuais e agressivas, desde as primeiras descobertas e experimentações pré-psicanalíticas: o *desvio* do caminho natural do instinto, no caso dos seres humanos, é o animal em vias de se separar da espécie (é por conta desses “*desvios*” que Freud vai as “*perversões*” para enxergar um viés das singularidades humanas; o outro nível, que vem da perspectiva esquizoanalítica, expresso em *O anti-Édipo*, pensa que se existe algo a que possamos considerar de recalçamento originário, esse seria o recalçamento do ovo ou do *corpo sem órgãos*, tal qual temos visto; ou seja, os estratos que se produzem na construção do ser humano começam, antes de mais nada, cobrindo o *corpo sem órgãos*, desde as primeiras sedimentações, fazendo com isso que o campo vivo das

forças fique pressionado pelas “instituições” organizadoras, configuradoras, de formatação, e conseqüentemente sobre o acesso que se poderia ter a ele;

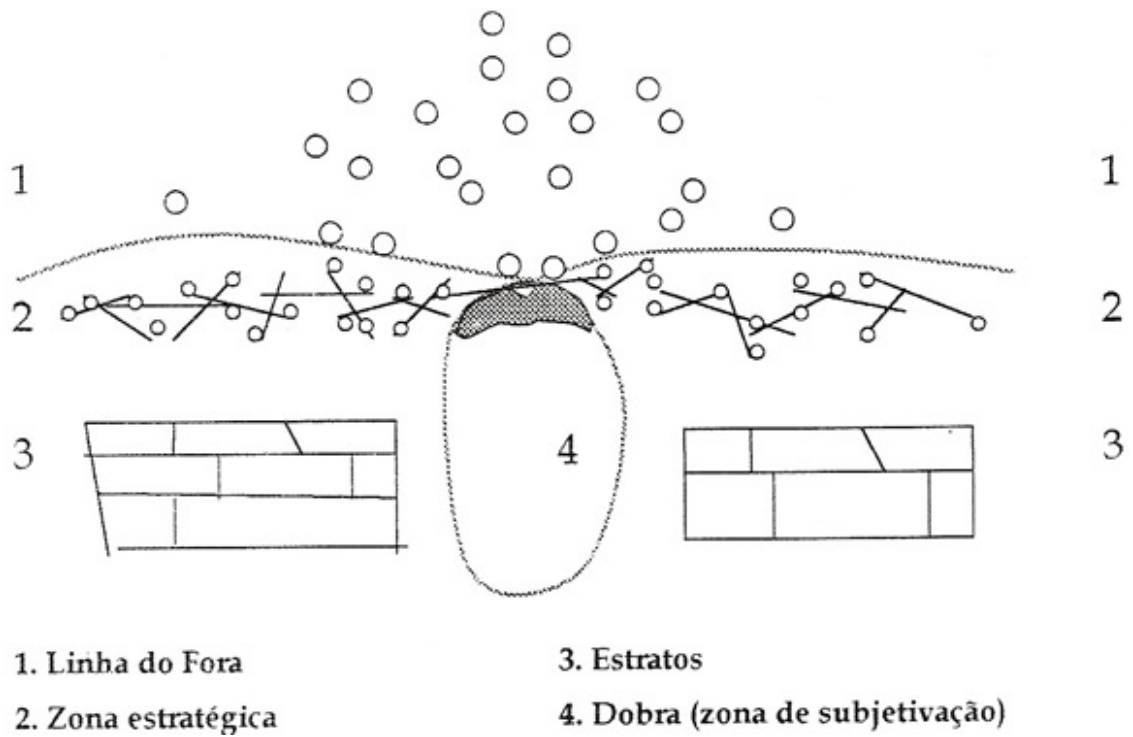
na perspectiva que estamos propondo, vimos que a *construção* de um ser humano ocorre sobre o ovo, mas ela não substitui o ovo - ela o cobre, por assim dizer; por isso a associação com o recalçamento. o ovo, considerado como puro regime de forças, será o plano de sustentação para as formas produzidas pela construção humana; o ovo, sendo campo de forças, é liso. coberto pelas construções e estratos que produzem um ser humano, o ovo é pressionado para baixo pelas forças organizadoras que produzem o seu recalçamento, porque querem afastar de si a sua potência caótica que, como a água e o vento, tudo pode levar de arrasto consigo. numa face a construção, noutra face o campo das forças vivas e soltas; eis as duas dimensões da vida no caminho humano.

de volta ao platô seis; avançando; parágrafo 17:

“Consideremos os três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação” (p. 22)

(...)

dobra da subjetivação no *Foucault*, de Deleuze⁵¹:



51 capítulo "As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação).

COMO CRIAR UM CORPO SEM ÓRGÃOS:

mas agora, *você* pode estar se perguntando: se o corpo sem órgãos, (no aspecto biológico), é anterior aos estratos, como seria possível “criar um corpo sem órgãos para si”?

a ideia de um único ovo, unidade essencial dada desde a origem, o processo de individuação, não sugere o ovo como dado resultado da reprodução biológica, o encontro entre gametas etc.?

podemos retornar ao princípio do texto que nos tem orientado neste bloco, *Como criar para si um cso* – a propósito, organizar este texto pela numeração dos parágrafo nos foi muito útil para fins de estudo, além do mais, tornou mais evidente que ele tem todo o jeito de ter sido escrito de modo experimental, fazendo jus ao seu tema principal, a experimentação na relação *desejo-corpo sem órgãos*; um ou mais parágrafos formam blocos específicos de abordagem, mas todos são montados de uma maneira quase independente nas passagens de fronteiras; de certo modo, acredito que pode ser possível até mesmo remanejar esses blocos e fazer a leitura de outro modo, com outro roteiro. as séries que destaquei são essas: o que é o corpo sem órgãos; os três grandes estratos humanos; como criar um cso; exemplos de Cso (masoquista, drogado, Tao, Tantra etc); Artaud (Cso, Tarahumaras etc.); Castañeda (tonal-nagual); prudência e Ética (Espinosa).

retomando, trago o parágrafo número um para ver se nos ajuda com a questão de como um ser humano adulto poderia “criar um Cso”, sendo que a nossa tendência seria continuar vendo o ovo como essência-origem remota e não como adjacente. este parágrafo é a introdução do texto e tem a virtude de provocar vertigens, de parecer incompreensível, metafísico, transcendental; aliás, essa dificuldade toda que a escrita e edição do texto causam, exige maior esforço do leitor, quiça, force o leitor desejante de compreender, a precisar ele próprio entrar em experimentação com o texto; quem sabe, tenha sido algo assim que acabei fazendo. o primeiro parágrafo é endereçado ao leitor, assim como outras passagens do texto, tendo repetidas vezes a colocação do “você” como aquele

para quem se dirige o discurso. por outro lado, apresenta o *corpo sem órgãos* de um modo que pode parecer contraditório, como veremos no aposto a seguir:

“De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista ou seja dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou” (parágrafo 1).

ok. ter um ou vários pode ser mais fácil de compreender; gostaria de destacar, para nos manter dentro do assunto que abordamos com a pergunta que *eu* pensei que *você* leitor poderia estar se fazendo, ou me fazendo, a questão da pré-existência ou não do ovo: *você* tem um... *não que ele pré-exista; se bem que, sob certos aspectos, ele pré-exista*. as duas coisas ao mesmo tempo, porque variam as perspectivas e o tempo – por isso *pode parecer* contraditório ou mero jogo de palavras. sob que aspectos ele pré-existe? o ovo biológico pré-existe enquanto primeiro movimento de uma individuação, como vimos; o ovo psíquico também, haja visto que o ser humano será construído em seus três estratos preponderantes, primeiramente, sobre o ovo biológico, sobre o corpo; deste lado, o corpo sem órgãos pré-existe a toda a intervenção humana que será realizada a partir do nascimento; além do mais, seguindo o texto ao pé da letra, ele pré-existe a *você* – o Eu, ou ego, vem depois do ovo, nesta perspectiva temporal (mais tarde voltaremos a este assunto, da invenção do Eu, ou do estrato da subjetivação, quando tratarmos, no bloco F, do Fale consigo e do estádio do espelho). na citação a seguir, a questão da anterioridade volta a aparecer, no sentido do que estamos dizendo:

parágrafo 7: “...tratamos o CsO como o ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos, o ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares (...), os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras” (p. 13-14).

passando do antes para o depois... e ao porque o CsO é ao mesmo tempo anterior, adjacente e porvir. vimos há pouco que o ovo “anterior” é o do

princípio; que ele não é fixo no passado remoto, como um cristal, mas que é adjacente por toda a vida; mas e o ovo porvir? este é aquele possível de se criar ou fazer a partir da matriz – conforme a nossa perspectiva forjada a partir da esquizoanálise, só é possível *criar* um CsO na medida em que seja possível ao desejo chegar ao ovo, sua superfície de “inscrição”, desenho, diagramação – o corpo sem órgãos como superfície a partir da qual um movimento de construção pode começar; dali e ali o desejo pode começar a construção de um novo campo ou território, que eles também vão chamar de corpo sem órgãos, e tem a ver com um novo começo possível, um recomeço; nesta perspectiva que vos proponho, esse cso ou ovo que eles estão ensinando a fazer neste texto, nunca seria aquele ovo biológico “anterior”, do princípio, somente produzido da mesma matéria, do mesmo solo. ... a associação com um “pedaço da placenta materna que se carrega consigo”; só que a placenta, parece-me, pertence biologicamente ao universo do ovo.

...você tem um... pelo menos, o biológico⁵², a superfície imanente, sobre a qual tudo será construído para se produzir o ser humano: hierarquia entre o ovo biológico e o ovo subjetivo? no princípio é o ovo biológico, sobre ele se construirá o ser humano, alicerçado na grade dos três principais “estratos”.

...ou vários... diz respeito, no meu modo de ver, a possibilidade de proliferação dos campos investidos pelo desejo: um mesmo sujeito podendo multiplicar as suas linhas desejantes em diferentes caminhos – um corpo sem órgãos como campo de investimento do desejo de se tornar analista, outro para o trabalho de realizador de vídeos, outro para as experimentações com alucinógenos, outro para o projeto de habitar uma casa na montanha como experiência similar a de uma ilha deserta, outro para o escritor de tese, etcetera (só pra ficar num exemplo próximo) – e as correspondências, zonas de passagens e conexões entre esses diferentes CsO num plano de consistência. outro modo de ver isso: segundo Guattari, numa conversa no Núcleo de Subjetividade publicada no Cadernos de Subjetividade, edição especial de 1996, “falar de uma construção de um corpo sem órgãos” é o mesmo que dizer “a construção de um território

52 nesse texto de Mil Platôs há três tipos de ovo, no que diz respeito aos humanos: o biológico, o psíquico e o cósmico. estamos de acordo.

existencial”⁵³ (pg. 33).

(o biológico como o anterior adjacente ainda sem organização e o cso que se cria como um campo ou zona de construção para os desejos, que eles também vão chamar de sem órgão porque constitui a partir da matriz um terra virgem.)

no próximo bloco, provavelmente isso ficará mais claro, quando passarmos para o tratamento dos casos que escolhi como exemplares. mesmo assim, ainda tentarei avançar um pouco mais aqui, mais exatamente, com o que quer dizer *criar um corpo sem órgãos*, não se tratando da reprodução sexuada - pois através dela é possível criar um ovo, como já vimos. a questão é a mesma – reproduzir um ovo – mas não é a mesma coisa ou o mesmo ovo; se bem que em certo aspecto é o mesmo. talvez ajude, dar uma olhada no título do texto em francês: “28 novembre 1947 - comment se faire un corps sans organes?”. primeiro, uma mera observação, que não levaremos muito adiante aqui: no original, o título é um pergunta, mas na tradução brasileira é uma afirmação, já que o ponto de interrogação, não sei porque, foi suprimido pelos tradutores. mas vamos ao que interessa (se é que interessa): trouxe o título por causa do verbo “faire” que pode ser sinônimo de *créer, produire* (criar, produzir), mas que é traduzido ao português, literalmente, como “fazer”. acho que há uma única, e talvez tola, razão para esta digressão pela tradução de uma língua que passo longe de conhecer bem: a possibilidade de experimentar o jogo, em português, entre “criar” e “fazer” - *como fazer um corpo sem órgãos?* ou *como fazer um ovo?*. pode ser só um detalhe insignificante: ou seja, entendo que *criar*, em português, vai mais no sentido de criar do zero, de começar algo totalmente novo, por isso mais a ver com a ideia de reprodução biológica, da junção das duas partes que *criam* um novo ovo; por outro lado, *fazer* parece não implicar em confusões com o ato da criação; apesar que no Gênesis, *criar* está na terceira pessoa do singular, se referindo ao ato do personagem - “No princípio Deus criou o céu e a terra...”; e *fazer* está na fala da deidade - “Deus disse: 'Faça-se a luz!’” - mas seria preciso ver isso com mais demora. concluindo, não quero dizer que o uso do verbo *criar* esteja equivocado, errado, ou algo assim, apenas observar que, por algum motivo ou em alguma circunstância, ou para alguém,

53 Cadernos de Subjetividade, especial Guattari: Guattari, o paradigma estético.

experimentar o verbo “fazer” no lugar de “criar” pode ajudar a compreender melhor a ideia.

de volta ao que mais interessa: se o *cso*, como estamos afirmando, é o ovo, como um ser humano adulto poderia criar ou fazer um ovo para si mesmo? já vimos isso: este ovo ou *cso* é adjacente, contemporâneo e, sobre ele, existe a construção dos estratos e segmentariedades das formas da vida humana, em cada cultura e época, que podem produzir um sujeito quase completamente formatado pela produção seriada investida pelas instituições responsáveis pela fabricação do homem dócil, do animal de rebanho, como diz Nietzsche. então, criar ou fazer um *cso* seria um processo que começaria pelas condições para se abrir passagem entre os estratos até tocar o fundo, o ovo que está embaixo das sedimentações⁵⁴; não é possível chegar a tocar o ovo inteiro, mas uma parte dele, digamos. este acesso a um pedaço de ovo – é o “pedaço de imanência⁵⁵” –, onde o desejo vai poder se inscrever e passar a existir de fato, enquanto ato, é o que chamamos em esquizoanálise, de um *novo ovo* ou de novos corpos sem órgãos; literalmente sem órgãos, no sentido que estamos trabalhando, já que a “limpeza” (Guattari fala em “fazer a faxina do inconsciente”⁵⁶) das camadas de sedimentos molares instituídos, que são como órgãos sobre o ovo, organizações que sobredeterminam esta zona das forças inomináveis, gera uma espécie de abertura ou passagem até essa superfície *não organizada*; ou ainda, que teve aquilo que lhe encobria desorganizado, diluído etc – em outras palavras, o *cso* é um limite, uma fronteira (de dimensão incalculável e tortuosa) entre as formas e as forças, ele é o fora que *nos* habita, enquanto meio a partir do qual é possível começar ou re-começar um construtivismo desejanste.

a “esquizoanálise” tem aí um dos seus sentidos: esquizo quer dizer *separado* (do grego *skhizo*: separar, dividir, fender⁵⁷); o “louco”, agora permeado por Foucault, antes mesmo de ser o *separado* da sociedade pela sua classificação como doente e internação compulsória em manicômios, é aquele *separado* de

54 para quem quiser estudar o *Cso* a partir dos exemplos da geologia, ver em Mil Platôs vol. 1 “A geologia da moral”.

55 idem. parágrafo 14; pg. 20

56 se não me engano, em *Inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*.

57 Dicionário Houaiss

um tipo de produção de subjetividade e controle dos corpos que fabrica a normalidade, pairando no imaginário social como o seu duplo avizinhado, já que o não-louco vê nele aquilo que pode vir a se tornar e, muitas vezes, auto-observando-se pergunta para si mesmo: não sou eu também um louco? o esquizo é a imagem daquilo que faz os códigos estabelecidos se desarticularem, escaparem em direção ao fora (...), ao ovo, as zonas onde o Eu já não se reconhece mais em si mesmo nem no outro. uma esquizoanálise pode ser uma análise pensada no sentido do trabalho com a psicose, mas também, pode significar uma análise das *linhas esquizos* presentes nas configurações neuróticas: são as suas linhas de fuga, (contra) seus desejos que não chegam a encontrar o CsO para fecundar e germinar uma nova gleba, um novo território existencial.

neste sentido viria a crítica da “esquizoanálise” a respeito de uma certa disposição em psicanálise, a de centrar seus esforços na história pessoal do sujeito, de ficar limitada, segundo este ponto de vista, a zona dos estratos, e não ir mais adiante até chegar a “matéria intensa e não formatada, não estratificada, a matriz intensiva...” (parágrafo 7, pg. 13), ou seja, ao corpo sem órgãos.

“Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente o nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação” (parágrafo 3, pg. 11).

mas até onde isso pode nos levar? há problemas por aqui; nem todo trabalho com a história pessoal pode ser considerado uma anamnese, tipo de entrevista dirigida sobre a história do paciente, a partir de uma grade médica. tá certo que não se deveria “parar no eu”, num modelo (estereótipo), numa identificação consigo mesmo e sua história pessoal, rebatido nos enquadres de um modelo psicanalítico que, em tese, levaria a uma vida adaptada ao ideal do analista. mas pergunto: como seria possível “desfazer suficientemente o nosso eu”, no trabalho clínico, que é do que se trata, já que se está falando na psicanálise, sem ser levado pelo caminho em que o sujeito pode vir perceber como ele próprio foi

construído? como diz Foucault: “ser livre é deixar de ser escravo de si mesmo⁵⁸”. pois não é disso que se trata? em outras palavras, encontramos em William Blake algo parecido, mas que também pode nos ajudar aqui: “quem sofreu o teu domínio, te conhece⁵⁹”. ora, se os processos de subjetivação constroem o “estrato da subjetividade”, como estamos vendo, como se libertar do domínio exercido por essas formatações sem conhecê-lo? ao meu ver, nesse tipo de clínica, é só à medida que o *eu* vai conhecendo a sua dupla construção, é que ele vai podendo ir mais longe, até as fronteiras do inominável, até devir outra coisa – que nada terá a ver com tornar-se uma certa flor que vive solitária na companhia do seu próprio reflexo.

sobre a interpretação, teria pouco a dizer aqui: acho possível pensar em algo que poderíamos chamar de “interpretação imanente”; ou seja, uma interpretação no sentido daquilo que a partir do mundo das formas consegue *ver* o campo das forças. seria outra coisa em relação ao tipo de interpretação psicanalítica que entendo que se está criticando aqui, apoiado em outras críticas similares em outras tantas obras, não só de Guattari e Deleuze, como de muitos psicanalistas. a interpretação decalcada em um campo teórico que coleciona imagens, modelos, totens dos acontecimentos trágicos que vive um ser humano; quer dizer, esse processo trágico que é deixar de ser pleno animal e *dever ser humano*, fica colado ao modelo do mito de “Édipo”, mas quase como um recurso didático dos primórdios psicanalíticos, que acaba virando uma imagem que gruda sobre todo o campo da Psicanálise (aqui com P maiúsculo) instituída, dos bancos de formação, das Associações etc. a psicanálise é uma grande torre de babel; o parágrafo que estamos vendo: onde a psicanálise “diz”... pode ser um bom exemplo disso: “seria preciso dizer” ainda parece uma língua psico-analítica se expressando; um enunciado psicanalítico – crítico. como estar fora do campo psicanalítico quando se trata das clínicas do desejo? aliás, o “substituir”, em momento algum parece querer dizer “é preciso substituir a psicanálise pela esquizoanálise”. terreno de grande confusão entre nós, “esquizoanalistas” - antevejo aqueus na ágora, pegando no cabo das suas bigumeas espadas e nas hastes das suas lanças pontiagudas... “*A ira, deusa, celebra do Peleio Aquiles, o*

58 Documentário: *Foucault por ele mesmo*

59 *Provérbios do inferno*.

irado desvario...”⁶⁰. as vezes parece que estamos as voltas com uma grande confusão. nem mesmo Guattari e Deleuze se entendem completamente, como sabemos. Deleuze não encontra no seu próprio Cso os mesmos problemas que nós, como Guattari, encontramos nos nossos campos psi's. na clínica, poderia ser perverso, no meu ponto de vista, chegar para alguém e dizer: “você deve fazer assim...”, “você deve fazer assado...”; não é por aí... isto é o dragão de Zaratustr...” “nas suas escamas está escrito: tu deves”⁶¹. não acredito que Deleuze não tenha esta dimensão do negócio...

pelo menos, disso resultam boas questões para se pensar sobre o que é, como praticamos, que sentidos tem isso que chamamos de *esquizoanálise*: o quanto ela se contrói como uma crítica e alternativa a psicanálise na clínica das “neuroses”; o quanto ela se propõe como clínica das psicoses, ainda dentro do campo psicanalítico, mas passando a relação transferencial para o campo institucional e dando sustentação aos campos experimentais dos pacientes; o quanto ela pode ser tomada como um crítica construtiva da psicanálise, possibilitando que essa, resgatados os seus fundamentos, possa envolver em direção ao próprio cso e se refazer daí (qual é o cso da psicanálise? eis uma questão!); o quanto ela se propõe como uma psicoterapia esquizoanalítica, tomando o “modelo do esquizo”, em vez do sistema neurótico – “esquizoterapia”, como propus chamar no mestrado. chamo a atenção para isto, porque acho importante a gente pensar o que está sendo feito no Brasil com o nome ou o jeito de uma “psicoterapia esquizoanalítica”.

mas vou seguir adiante, na minha arenga sobre o parágrafo 11; ainda falta falar sobre o esquecimento e a experimentação. que esquecimento é este? pra mim, é o tipo que Nietzsche definiu como “ativo”. nada a ver com perder a lembrança das coisas, amnésia etc. o esquecimento ativo consiste em algo que decorre de uma modificação no regime conflitivo entre forças ativas e reativas; ou seja, seria preciso intervir no sentido de produzir um esquecimento que é como uma desativação dos traços mnemônicos seja de um trauma ou das maquinarias de subjetivação dominantes, assim como dos sistemas de produção do organismo;

60 *Iliada*. vol 1. primeiro verso.

61 Nietzsche, Assim falou Zaratustra: “As três metamorfoses”

como no caso da *mnemotécnica*, importante em *O anti-Édipo*, trabalhando a partir de *A genealogia da moral*. então, sendo o esquecimento... ativo, não basta dizer para alguém: “vamos, esqueça!”. do nosso ponto de vista (é plural porque acho que não estou sozinho nessa), é um certo tipo de trabalho com a história pessoal, acompanhado de interpretações imanentes e experimentações, que podem levar a uma saída desse gênero.

vale notar, mesmo em Carlos Castañeda, que os autores citam cinco vezes em *Mil Platôs*, mais por influência de Deleuze, creio eu, a tarefa que ele chama de “Apagar a história pessoal”, em *Viagem à Ixtlan*⁶², passa em primeiro lugar por apagar seus rastros familiares e relacionais (fato que hoje sabemos ter a ver, por exemplo, com a incerteza sobre o local de nascimento de Castañeda), mas também levará, mais adiante em sua obra, aos procedimentos mais avançados em relação a história pessoal, que eles chamam de “recapitulação”, que consiste em lembrar de todos os pormenores da sua história de vida; segundo esses feiticeiros, somente depois de recapitular tudo é possível que o feiticeiro vá a diante no caminho da sua “formação”. um detalhe, a esse respeito: em relação a esse tipo de “caminho”, o correto é pensarmos como um “caminho do feiticeiro” ou um “caminho do xamã”, que dá no mesmo, em vez de entendermos como um “caminho do guerreiro”, como está na maioria das suas obras, principalmente, as primeiras (que são, diga-se de passagem, as que Deleuze referencia); não se trata de um erro de tradução ou algo assim, mas de um fato. Castañeda está inserido em um grupo de feiticeiros que praticam *feiticearia* (conforme a definição na introdução do seu livro “O poder do silêncio”); não se trata de um grupo de pessoas se preparando para uma guerra, eles não compõem um exército. a referência aos guerreiros, ao “caminho do guerreiro”, está ligada apenas ao tipo de disciplina e árduas práticas experimentais que esses homens e mulheres precisam considerar para alcançarem os seus propósitos, semelhante com a que reconhecemos como atributos dos guerreiros; que treinam duramente, acordam cedo ou mal dorme etc.

por último a experimentação; aí chegamos no meu campo de pesquisa,

62 capítulo 2: “Apagando a história pessoal”

propriamente. tudo que venho dizendo até agora, neste comentário do parágrafo 11 é para chegar aqui. para mim não se trata, digo novamente, neste tipo de clínica, de substituir a anamnese pelo esquecimento e a interpretação pela experimentação; eu diria: substituir a anamnese por outro tipo de trato com a história pessoal, do que o referido como anamnese, e substituir as interpretações transcendentais por interpretações imanentes. mas quem fala é apenas um psicólogo, eminentemente pragmático.

por que levar isto a este ponto? por causa da experimentação. não se trata de qualquer experimentação: temos o programa, que faz funcionar, e a prudência; não aquela “velha e feia solteirona cortejada pela impotência”, como diz William Blake⁶³, mas a prudência que convém aos vós pelo desconhecido abstrato: o marinheiro que leva uma bússola ou um mapa; o alpinista que tem a sua corda, seus mosquetões e grampos; do mesmo modo, para lidar com experimentação em clínica é preciso ter as mesmas precauções, porque se trata também, dependendo como acontece, de modo a levar em direção ao fora; não necessariamente ao fora ele mesmo, mas naquela direção, na direção do ovo.

portanto, em outros até casos pode ser, mas quanto a uma clínica que trabalha com o desejo, como as nossas, me parece que não se trata simplesmente de colocar o esquecimento e a experimentação no lugar de outra coisa.

não há dúvidas, que Deleuze e Guattari estão de acordo conosco neste ponto, porque implica a própria ética a qual nos submetemos em contento, de que na clínica não se trata de dirigir o desejo do paciente, nem de uma relação de mestria, de ensino e aprendizagem, como no caso de Castañeda: “você deve...” etc. o analista ou terapeuta não consegue ajudar tanto quanto é possível, na oficina mecânica das máquinas desejantes, se ele próprio aparecer demais: sua “pessoa”, suas referências, sugestões, regras, modos de fazer etcetera; pois ele também só está a altura do trabalho que tem de ser feito, se possuir as condições que diminuam o seu ego; ele precisa estar e não estar, quase num transe ou num sonho, habitando a fronteira entre os dois mundos – é o *devoir-imperceptível* do analista. e por que o analista precisaria ir a esse ponto, do imperceptível? por

63 Provérbios do inferno.

causa da transferência? ou da transversalidade?

aquele *você* que destacamos como sendo o destinatário da narrativa, não está sempre presente no texto, que está falando com muita gente, não só com os clínicos psis, para que o “você deve...” não se aplica; o *você* tem seu intento de se dirigir ao indivíduo qualquer, que queira construir um caminho, que tenha desejos para construir, fazer como podem os artistas, por exemplo, que têm os seus programas, territórios de trabalho, repertórios, ferramentas etc, o *você* está procurando convocar o íntimo – “será que *você* tem condições? todos podem, ou melhor, todos têm em potencial esta possibilidade, e *você*?”.

o *você* também parece adequado ao tipo de discurso vertical das relações de mestria, como nos ensinamentos de feitiçaria que o próprio Castañeda conta.

“(...) o índio chega a combater os mecanismos de interpretação para instaurar em seu discípulo uma semiótica pré-significante ou mesmo um diagrama assignificante: Chega! Você me cansa! Experimente ao invés de significar e de interpretar! Encontre você mesmo seus lugares, suas territorialidades, seu regime, sua linha de fuga!” (Platô 5)

“você”, “instaurar em seu discípulo”, “faça isso ao invés daquilo”, “encontre você mesmo...” não serve diretamente em nada para o campo clínica; precisamos decifrar, porque ao menos serve para acender uma faísca na mente dos psicólogos, que despertam e ruminam sonhos vespertinos, com questões desse gênero:

mas o que fazer, com estas instruções todas de *como criar um corpo sem órgãos*, se o caso é de uma figura que não consegue criar e manter os seus próprios *corpos sem órgãos*, os seus campos de experimentação habitual, seus territórios existências, seus planos e planejamentos?

porque é com isso que estamos lidando o tempo todo em nosso trabalho; não é? no trabalho receptivo de clínica, geralmente estamos diante de um sujeito separado daquilo que pode; sem as condições necessárias para ele próprio fazer

e manter um campo experimental para si, sozinho; pelas condições de entrave a que sua “nóia” o submete – então, o *you* deve..., para esses, não passaria de algo próximo a uma palavra de ordem, com a qual nada poderiam fazer, a não ser arrumar um outro exemplo de frustração e fracasso, da confirmação de imagens sobre os seus piores destinos possíveis – aqueles destinos que vêm de certos diagramas do passado (“cristais de tempo”).

Deleuze e Guattari parecem saber de tudo isso, mas a gente precisa *ir* com muita calma neste ponto, a meu ver, para tentar evitar os piores equívocos pragmáticos, que podem surgir, no porvir deste campo, do “movimento esquizoanalítico”. por exemplo, em relação ao texto ainda, o “para si” do seu título pode fazer toda a diferença na interpretação do texto, no que diz respeito a esse assunto, desdobrando-o para o uso do clínico, como tento fazer aqui nesta obra – este “para si” está fazendo link com aquele “você” - então, deste ponto de vista, *como criar (ou fazer) para si um corpo sem órgãos* está se dirigindo ao sujeito da primeira pessoa – o Eu – para quem o discurso em tom imperativo se dirige, dizendo de que modo ele precisaria agir para chegar a “construir sua pequena máquina privada”⁶⁴.

o que significa “conduzir alguém até as suas máquinas desejanter”⁶⁵?

neste ponto, até podemos pensar que o “você” também se dirige a clínica, mas naquilo que implica o próprio clínico, que precisa se inventar enquanto tal, criar o seu modo de trabalhar, construir um campo experimental para sua prática. o analista, assim como o artista, também precisa construir um território próprio. mas quando estamos falando de clínica, qualquer coisa parecida com “conduzir alguém” deve ser vista com muita calma para se evitar maus equívocos.

“conduzir às máquinas desejanter” não quer dizer ele, o próprio analista, levar os desejos do paciente, “condicioná-los”, mas criar as condições para que o trabalho da análise, partindo do que emana do próprio caso, favoreça esse movimento de descoberta e criação das máquinas de desejo ...para que o desejo

64 Platô 6: Mil Platôs.

65 Anti-édipo

que está impedido possa vir a se desenredar das tramas e enredos do destino, chegando as zonas do fora de onde poderia, em tese, inventar um destino onde se sinta falando alguma coisa em nome próprio.

enquanto a psicanálise aponta para um pesquisa através da historia pessoal, no passado, em como o sujeito foi construído, para a resolução do complexo de Édipo do narcisismo e dos conflitos da infância, a esquizoanálise sugere que a gente também pode operar com o campo da construção de futuro; a partir da escuta dos desejos que se pretende realizar, das coisas que se oensa em fazer, ao mesmo tempo em que o sujeito na análise vai se desedipianizando. há um modo de escutar os desejos natimortos, escondidos pelas defesas imaginárias. enquanto a psicanálise nos orienta com o trabalho de recapitular a historia pessoal, e fazer o trabalho sujo, a esquizoanálise estaria propondo que esse tipo de clínica analítica, também pode apontar para o futuro, sem, no entanto, isso significar a condução e orientação dos desejos dos pacientes; mais algo no campo do manejo da escuta dos campos experimentais que vem com os desejos que apontam para o futuro; não ainda realizados, seja arrumar uma namorada, esposa etc, seja tornar-se um fotógrafo ou escritor; ou já realizados.

a tarefa negativa da “esquizoanálise” não seria, conforme O anti-édipo, “destruir o Édipo”⁶⁶? mas de que modo? e o que isso quer dizer? não há trabalho mais identificado com o movimento psicanalítico do que este; a psicanálise vem trabalhando nesse campo desde a sua origem. não estamos, então, do mesmo lado?

voltemos aquela imagem do Édipo, de que falamos, no sentido do processo de fabricação que acontece com *todos os seres humanos*. olhando apenas para a imagem do mito, nunca seria possível generalizá-la para toda a espécie, mas se raspamos esta imagem até conseguirmos *ver* o jogo das forças que ela oculta, veremos as tais máquinas de desejo a todo vapor.

revejamos: falar dessas forças inomináveis através da imagem de Édipo, num certo período ou linha da psicanálise, reduziu o problema do desejo a uma

66 As tarefas da esquizoanálise, em O anti-Édipo.

bagatela; mas não podemos jogar a criança fora junto com a água do banho. o “complexo”, que pode gerar inúmeros “conflitos”, está na própria complexidade do se tornar um ser humano. a criança *sapiens* é o único infante que experimenta a fronteira entre o animal e o humano. ela possui, ao mesmo tempo, seus instintos animais integrais, que são literalmente programas biológico-genéticos, pois conduzem os atos em determinadas direções inevitáveis, e o desejo, como complexificação dos instintos em direção a outras saídas ou caminhos pulsionais (por exemplo, o que João Perci Schiavon⁶⁷ trabalha como a *sublimação*, a partir da sua *perspectiva pulsional*). o ser humano é o único animal capaz de transformar a determinação dos institutos biológicos, desviando o seu caminho para outras direções.

como criar, fazer ou reproduzir um ovo? eis a questão ...pragmática e de clínica.

PEQUENO GLOSSÁRIO INTERMEDIÁRIO:

(máquinas – programa – dispositivo – experimentação)

DAS MÁQUINAS: para se chegar a uma ideia do que são as máquinas desejantes, que nos concernem mais diretamente: considerando os três tipos de máquinas conforme em *O anti-Édipo*⁶⁸: máquinas técnicas, sociais e desejantes (ou *de desejo*); entendendo por máquina qualquer sistema *fluxo – corte de fluxo*⁶⁹ (...ou corte de força; linha de força, como sinônimo de fluxo); e por programa, algo que faz as máquinas, ou outras coisas, funcionarem deste ou daquele modo.

das máquinas técnicas: atualmente, na comunicação social, nos acostumamos a falar de tecnologia como tudo aquilo ligado aos computadores e celulares, a era da informação computadorizada, e também das máquinas do modelo fabril, as grandes indústrias mecanizadas, controladas por microcomputadores; por outro lado, alguns especialistas se referem a essas ferramentas contemporâneas como

67 Tese: Pragmatismo pulsional. disponível na biblioteca da PUC, endereço eletrônico.

68 Deleuze e Guattari [1972]

69 aulas de Deleuze sobre “capitalismo e esquizofrenia”: *Derrames entre el capitalismo y la esquizofrenia*. Editorial Cactus.

novas tecnologias – vejo mais por aí.

numa aula de introdução a esquizoanálise, que estava dando para estudantes de Psicologia⁷⁰, notei que a dificuldade de alguns em formar uma percepção do que poderiam ser *máquinas desejantes*, estava ligada a um tipo de uso da palavra máquina, no mesmo sentido do que acontece com *tecnologia*. em nossos dias pós industriais, uma boa parte das pessoas, quando escuta a palavra máquina, recebe na sua percepção interna imagens das máquinas que consideramos serem as *técnicas*: engrenagens, fábricas, peças de metal, tubulações soprando vapores, esteiras de montagem; serras elétricas, motoserras, correias, guinchos, guindastes; motores à vapor, locomotivas fumegantes, fornos queimando lenha, aquecendo água, circulando o gasoso; navios movidos por motores movidos à vapor, dando mais poder de comando aos pilotos; casas de máquinas; fábricas têxteis queimando carvão mineral por toda Londres acinzentada, fumegando; motores à combustão, automóveis, motocicletas, aeronaves, foguetes, mísseis, astronaves.

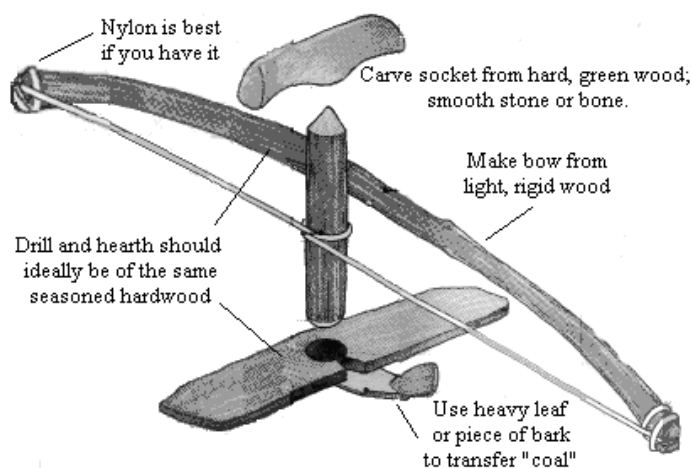
num motor à combustão por queima de matéria fóssil refinada, como a gasolina ou óleo diesel, o movimento giratório de um pistão, corta um fluxo de combustível líquido introduzido por um bico injetor, fechando a câmara ao qual está acoplado, ao mesmo tempo em que uma faísca elétrica é acionada, criando uma entropia explosiva do sistema; a partir daí, a energia produzida neste processo passará adiante, por meio de conexões de peças mecânicas, como bastões de aço, presos uns aos outros por parafusos poderosos, alavancas e engates sucessivos, e outras peças mais, que transmitirão a energia, por fim, as rodas, por exemplo: entramos no mundo dos objetos parciais, no miúdo mundo das partes de uma máquina complexa que produz, no fim, algum tipo de movimento.

do ponto de vista que entendemos ser também o da esquizoanálise, a técnica e a tecnologia são coisas muito arcaicas, no que diz respeito ao universo humano.

⁷⁰ em 2014, a convite da professora Suely Rolnik, colaborei com 4 aulas no curso Introdução à esquizoanálise, da faculdade de Psicologia da PUC-SP, que funcionaram como um estágio docência, supervisionado pela professora Maria Cristina Vicentin.

exemplos muito antigos de * * * máquinas técnicas podem ser encontrados nos antepassados mais remotos, nos povos mais primitivos e pioneiros que pudermos imaginar: por exemplo, no evento do controle sobre a produção do fogo, pelos seres humanos, os dispositivos que eram utilizados para criar chamas por fricção entre madeira, como a broca e o arco, estão no começo de uma longa história experimental de invenção de meios de se produzir fogo, que tem como representante, em nossos dias, os palitos de fósforo e isqueiros que podemos encontrar em quase todo lugar.

nessa mesma linha, podemos até considerar que “por baixo” ou seja, *recalcado*, em cada interruptor de lâmpada das nossas casas, existe uma broca para acender fogo por fricção – compreendem este ponto de vista? a eletricidade não é ainda o ser humano controlando, manipulando o fogo, a energia do fogo, a sua revelia, para os mais diferentes fins? a energia do atrito das madeiras, que gera calor, criando brasas, não é ainda da mesma espécie que a energia gerada pela passagem da água em altíssima velocidade pelas turbinas de uma hidrelétrica? e a luzinha da tela do seu computador ou celular, não teria ainda algo a ver com a broca para fazer fogo?



da máquina orgânica: os corpos de todos os animais, não tem algo com as máquinas? estamos acostumados pelos paradigmas científicos do século 19 e 20 a pensar em máquinas como peças de metal, engrenagens, motor etc; como já disse; mas na medida em que tomamos o conceito de máquina de Deleuze e Guattari, ou seja, sistema de fluxo e corte-de-fluxo, não fica mais amplo o contexto do que podemos considerar como máquina? Guattari insiste num ponto, não é o Homem que inventou a máquina como algo anti-natural, a máquina lhe é naturalmente constitutiva, desde sua organicidade: o coração é uma máquina que corta o fluxo de sangue (bombeia), o anus é uma máquina que corta o fluxo de merda, o “aparelho” digestivo processa alimentos para transformá-los em energia tal qual um motor à combustão, uma hidrelétrica etc; definimos pelo tipo de funcionamento. e mesmo na Psicanálise mais primordial, mais revolucionária, Freud não irá tratar tudo como partes de um “aparelho psíquico”? eis aí, o que queríamos dizer.

das máquinas sociais: “a inconstância da alma selvagem e a murta⁷¹”; considerando que em todos nós, “civilizados” e “bárbaros”, a alma selvagem dorme quieta, sob as camadas do recalçamento, eis aí um bom exemplo metafórico: as máquinas sociais cortam os fluxos de desejos individuais, produzindo subjetividade comuns, coletivas e até massificadas, homogeneizadas, serializadas – a alma selvagem é como a murta, a gente pode para esculpir a planta, mas logo alguns galhos rebeldes saem da linha de produção que planejamos; aí temos de podar novamente e, quando vemos em seguida, lá escapou mais uma linha vegetal em fuga. os jesuítas estavam mais acostumados com os amedrontados europeus; apesar de que o selvagem sempre está ativo em cada ser humano, independentemente do quão formatado ele tenha sido pelos processos de subjetivação sociais.

outra boa fonte d'onde pensar as máquinas técnicas é a partir da tese de Suely Rolnik sobre “A produção do desejo na era da mídia”, ou seja, conforme entendo, em primeiro lugar, o desejo pode ser produzido, é produzido, e a mídia

71 colo aqui este exemplo tratado por Eduardo Viveiros de Castro, em *A inconstância da alma selvagem*.

funciona como uma máquina social de produção de desejo; por exemplo, aquilo que Suely em outro texto, homônimo, chama de “Subjetividade Pret-à-Porte”, a construção de tipos pela mídia e certo sistema da moda, que oferece modelitos prontos para serem comprados depois do desfile, ou seja, novíssimo e únicos, mas que não são apenas modelitos de roupas, mas também de um estilo, de um modo de ser, se comportar, sentir, etcetera. um bom exemplo, pra elucidar esta perspectiva, é o próprio exemplo que Deleuze dá na sua aula sobre “máquinas” nas aulas que deu durante a criação d'O anti-Édipo⁷², do cabelo e corte de cabelo de uma moça; que aliás, já citei mais pra frente desta tese: o cabelo que cresce é um fluxo do corpo, da natureza, da máquina-corpo, do cosmos; a tesoura que vai cortar o cabelo é uma máquina técnica; e a escolha do tipo de corte conforme os modelitos *pret-à-porte*, são produções das máquinas sociais: “eu quero um cabelo como o da Angelina Jolie, porque ela luta pelo direitos humanos internacionais, adotou crianças de diferentes etnias e não aceitou ser traída pelo Brad Pitt”.

das máquinas desejantes: no caso da máquinas de desejo, o que estará sendo cortado é um fluxo de desejo; instinto, pulsão, desejo, máquinas desejantes; fluxo (instinto) e corte-de-fluxo. máquina, como vemos n'O anti-édipo e nas aulas de Deleuze, durante a criação do livro, é definido com um “sistema de fluxo e corte de fluxo”

(...)

72 Gilles Deleuze, Derrames: entre el capitalismo y la esquizofrenia. Editorial Cactus, Buenos Aires. 2005.

... até que então, seguindo o texto “como criar para si...”, a gente vai encontrando uma espécie de fórmula de como criar literalmente um corpo sem órgãos:

segundo Deleuze e Guattar, são necessárias duas fases distintas para se criar um CsO, ou campo experimental, como tenho usado: “uma é para a fabricação do CsO, a outra para fazer aí circular, passar algo; são, no entanto, os mesmos procedimentos que presidem as duas fases...” (MP3. p.12). A primeira fase é para a fabricação do dispositivo e/ou experimentação e a segunda para a invenção do programa, que será o “motor da experimentação”. Uma depende da outra, e as duas dependem do tipo de “*corpo*” que se pretende criar: *um corpo sem órgão para... que? o que? ...*

o método experimental, segundo a “esquizoanálise”: a criação de um corpo sem órgãos tem duas fases (fabricação e funcionamento) e um programa, e se orienta e refaz a partir dos efeitos produzidos. então, com isso que, aquele ovo, original e ao mesmo tempo adjacente, pode ser alcançado e ativado por meio de procedimentos experimentais.

“que tipo de cso criar?”: qual o propósito de uma experimentação? Estes casos, que conduzi de acordo com o *programa experimental esquizoanalítico*, tiveram suas descrições no mestrado definidas pelo tipo de corpo (sem órgãos) fabricado: *um corpo para viajar, um corpo para falar e um corpo para brincar*.

BLOCO C:
OS PROGRAMAS PARA MÁQUINAS DESEJANTES
(EXPERIMENTAÇÃO E CLÍNICA 1)

o programa experimental esquizoanalítico, tem por intento conduzir até as máquinas desejantes do caso.

...e “as tarefas da esquizoanálise”: 1, destruir o Édipo / 2. quais são as máquinas desejantes, os desejos de alguém / 3. ao que ligar essas máquinas. 4. análise dos “dois pólos do investimento social” (esquizo-paranóia).

como fazer? como escutar?

*que tipo de corpo sem órgãos ou campo experimental desejamos criar?
que dispositivos fabricaremos para a invenção do campo experimental (CsO)?
que programa inventaremos para o funcionamento do dispositivo e da
experimentação?
de que modo cuidaremos da acolhida dos efeitos da experimentação?
(cartografia dos acontecimentos e efeitos, durante e depois.)*

Partir – escuta, a partir do caso, primeiro movimento experimental.

Viajar – experimentações, processos e variações programáticas.

Manter – manter os próprios campos experimentais; quando o analista se torna dispensável: a morte do analista.

nesta passagem, meu objetivo é descrever alguns casos em que houve experimentações em clínica, conforme tenho procedido, segundo o meu entendimento das contribuições da esquizoanálise sobre a prática propriamente dita das experimentações em clínica, a partir da apresentação de alguns dos mais relevantes dispositivos que me aconteceu inventar, desde o início do meu

trabalho com clínica. até agora, venho fazendo um caminho por algumas teorias que dão sustentação a ele, forjando o conceito de clínica que estou usando: mas sem estar satisfeito com o resultado da escrita teórica, separada da sua aplicação direta no ato terapêutico, vejamos agora o que acontece ao trazer à baila situações em que experimentações foram necessárias para lidar com as problemáticas dos casos.

então, neste bloco C, vou tentar seguir o seguinte programa: os blocos serão reunidos pelo tipo de dispositivo inventado para funcionar em uma situação específica, surgido a partir da problemática de um paciente ou inventado para a composição das instalações da sala da clínica, assim como os seus utensílios.

o que vai guiar esta a apresentação dos casos neste bloco, a linha de abordagem que nos guiará sobre os registros, será o tipo de dispositivo, objetos, móvel, instalação, etc. e as experimentações incomuns inventadas em cada caso.

assim como o fio condutor da dissertação de mestrado, em que o começo de um pensamento sobre a questão da experimentação na clínica, foi a descrição de cada um dos dispositivos que coloquei para funcionar em cada um dos meus quatro primeiros casos:

os objetos relacionais e práticas corporais com o primeiro deles;

o vídeo autorretrato, desenvolvido com um paciente com dificuldades para falar em público;

o jogo do rabisco, com um menino de dez anos;

e uma instalação de ganchos nas paredes da sala, que eram ligados por linhas de crochê, com uma paciente que tinha crises de pânico, e que, vendada, andava por entre a trama de linhas.

no entanto, há uma ordem cronológica infiltrada obliquamente nesta linha seriada de dispositivos, pois a maioria deles foi inventado durante um período de

grande inspiração e maior investimento na invenção de ferramentas e experimentações que pudessem contribuir com os casos que os pacientes traziam; a partir da dramaturgia expressa em cada caso. é a fase de minha clínica que vejo como a mais influenciada pela esquizoanálise, de onde precisei inventar planos de estudos e o doutorado para tentar compreender melhor os seus efeitos e utilização.

a ideia agora é recapitular, com a ajuda das anotações nos cadernos (diários), a partir do começo; no entanto, para a apresentação destes casos de invenção de dispositivos e experimentações, percebo que preciso entrar um pouco nas razões que levaram a construção de cada um deles; entendo que desse modo, serei mais capaz de apresentar (para vocês) o modo como essas experimentações foram inventadas e porque alguns desses dispositivos utilizados nesses experimentos se mantiveram na caixa de ferramentas desta clínica.

a clínica enquanto sala também passou por varias fases e diferentes configurações, sendo levada a isso pelas próprias experimentações; não pensei em dedicar um relato especial sobre isso, mas acredito que será necessário fazer menção e essas transformações do consultório quando houver relação direta com as experimentações; por exemplo, os pequenos ganchos nas paredes da sala, na experimentação com a trama de linhas, ou mesmo a TV e a filmadora pensadas como elementos presentes o tempo todo no espaço, mesmo quando não utilizadas; a instalação da rede de deitar no consultório é um exemplo de algo que deu trabalho para pensar como seria feito.

1) EXPERIMENTO CLÍNICO EM UMA *CRISE DE PÂNICO*.

PARTIR

este primeiro caso de uma experimentação incomum na clínica, que apresentarei agora, foi escolhido como abre-alas deste bloco porque através dele é possível mostrar todos os princípios e meios envolvidos numa experimentação, tal qual estou praticando e pesquisando. diz de uma queixa que começa sendo expressa como uma “crise”, com sintomas de ansiedade aguda e surtos de pânico. a figura chega com um diagnóstico de *síndrome do pânico*; que segundo certa perspectiva estava correto. é daí que partimos, do que *emana do próprio caso*⁷³, ou seja, as experimentações incomuns em clínica, segundo já expomos, devem começar a partir de algo expresso pelo próprio caso, entendido enquanto um *campo problemático* - é somente a partir da escuta, ou percepção, do que se passa ao nível do desejo, que um terapeuta poderia engendrar seus meios para que alguma diferença se insinue entre as repetições do mesmo das enfermidades psicológicas e somáticas; considerando que há doença onde o desejo se encontra bloqueado, capturado, desviado para os sintomas, impedido de se tornar uma expressão ou ação que lhe corresponda.

um clínico, desta espécie que trabalha com o desejo, precisa estar em dois mundos ao mesmo tempo, o perceptível e o imperceptível, o mundo das formas e o campo das forças; e se a interpretação (imane)nte) lhe é imprescindível, assim como a experimentação, deve ser porque ele tem algo com os *núncios*, sua arte se realiza na fronteira entre o que é dito e o que pode ser escutado do que é dito.

. o que o caso emana: ansiedade e angústia estão presentes desde muito cedo na vida desta figura - “sempre pensei que um dia isso poderia explodir. essa ansiedade extrema me acompanha há muito tempo e eu sabia, de algum modo, que algum dia alguma coisa poderia estourar dentro de mim; sempre tive medo disso”. as crises de pânico começam a funcionar depois que o mundo em que ela vivia, no qual apostava todas as suas fichas (trabalho, desejos), com o qual criara os seus principais valores existenciais, de repente, começa a entrar em erosão,

73 “Método de dramatização”.

mostrando uma carantonha diabólica que até então, ela e os sócios só podiam reconhecer como a faceta perversa dos seus adversários mais detestáveis - “perdi a confiança no mundo e nas pessoas”. quando a crise política envolvendo a instituição da qual ela participava e com a qual se identificava, vem a público, passam-se nove meses até que aconteça a sua primeira crise de pânico: angústia extrema, desespero, coração em disparada, medo de morrer. perder a confiança no mundo e nas pessoas que até então eram a sustentação da sua própria vida, é como estar separada, sozinha, desesperada literalmente; todos os elos e alicerces se desfazem e a figura se vê, de uma hora para a outra, sem chão, firmamento e esperanças.

“por que eu não consigo controlar estas crises? não consigo entender porque elas acontecem e acho que só vou conseguir retomar o (meu) governo (do meu corpo e da minha vida) quando conseguir entender o que é isso, como funciona, porque acontece”. como sabemos, Freud associa a ansiedade animal ao instinto de preservação da vida - o sistema de vigília, de alerta contra possíveis predadores, por exemplo; mas nós, seres humanos, somos mais complexos, ou mais complicados, do que isso. essa ansiedade *psicológica* vem de dentro, pode ser percebida mais como algo interno do que externo, porque tem um história; e isso é coisa humana. o desejo de entender um funcionamento de algo tão misterioso, incontrolável, que torna o sujeito mero espectador do que lhe acontece, desde as zonas mais obscuras e gélidas da alma, aponta diretamente para a sua *história pessoal*. nestas condições, separado do mundo, das pessoas e das instituições, limitado e controlado pelo próprio corpo, que sofre, que tenta reagir, o ser humano se vê encurralado, sem escolhas a não ser agir em favor de si próprio. esta situação que relato, é o que faz a figura voltar o seu desejo para uma psico-análise – procurar ajuda, alguém com quem possa retomar a confiança em si, através do encontro com um outro. uma neurose é o tipo de coisa que pode levar até este ponto; e no limite, o corpo grita.

“O CsO grita: fizeram-me um organismo! dobraram-me indevidamente! roubaram meu corpo!”
(Platô 6. parágrafo 16, pg. 21).

foi assim que entendi. no pânico o corpo chega ao seu limite, subjugado as forças da máquina neurótica; e nesse limite responde como se fosse explodir, fazendo o sujeito, reconhecer que ele próprio já foi além dos seus domínios, no trabalho exaustivo das defesas contra os nós da memória. um coração em disparada, por um tempo indeterminado, que deixa a figura com a impressão de que chegou o seu fim. é a partir do corpo, e sem nenhum controle da consciência, que a crise baixa sobre o vivente, entrincheirado nas fronteiras do ego. quando algo disparava um princípio de ansiedade, ela já estava com o seu “alarme de crise”, como dizia, em alerta máximo; 24 horas por dia. um corpo em estado de pânico vive com medo e, fechado em si mesmo, vai perdendo aos poucos a sua mobilidade geral, tornando-se um bloco sólido e enrijecido, aparentemente impenetrável – a ferrugem se alastrando entre as peças. era assim que parecia. o corpo sucumbindo as construções psicológicas.

tendo em vista a produção que se faz sobre o ovo, no que diz respeito ao estrato do organismo, como exposto no bloco B desta tese, poderia-se dizer que nesta situação a organização que incide sobre o corpo alcança o seu grau máximo; o pólo paranóico dos investimentos sociais⁷⁴ pode ser visto nesse investimento total das defesas psicológicas, donde o sujeito tenta se proteger do caos, das linhas de fuga, todo o seu sistema de identificação com as instituições, com as quais fez as suas alianças.

“fiquei dependente”, “deixei de fazer as minhas coisas em prol dos projetos institucionais...”; estratificação extrema, poderíamos dizer; abaixo, o corpo sem órgãos sobrevive ao soterramento das camadas de estratos (como na geologia, as camadas de sedimentações).

mas não é só de dor, medo e limitações que vive um sujeito dominado por uma crise dessas. é como na política, Guattari diz que mesmo um Estado fascista não é integralmente habitado por fascistas. há sempre alguém vivendo imperceptivelmente sua diferença, muitas vezes agindo a partir dela contra as instalações perversas dos guetos, dos trens da morte, dos campos de concentração; alguém que cria um trem da vida, uma rota de fuga para se deixar

74 os dois pólos do investimento social – tarefas da esquizoanálise: *O Anti Édipo*

o país dominado, uma passagem de navio para a América. na vida individual de um ser humano ocorre o mesmo que na política (ou seria o contrário?), porque em ambos os casos é do desejo que se trata; o sujeito, entrincheirado nas fronteiras do seu ego, também têm os seus desejos, suas diferenças, suas ideias de linhas de fuga. porém o que ocorre, quase sempre na clínica, é que a figura não está podendo agir os seus desejo sozinha – é quando nasce a clínica, desde o xamanismo mais antigo a contemporânea psicanálise.

no caso em questão, essas duas (demandas -?) foram sendo recebidas e avaliadas simultaneamente - a crise e o desejo pelo seu entendimento e superação, junto com os desejos por viajar para o exterior, assim como o investimento no campo da escrita; são os projetos individuais que ela dizia terem ficado de lado. mas viajar por conta de um plano próprio de estudos, pesquisa ou passeio havia se tornado impossível, mesmo antes da crise.: “eu consigo viajar à trabalho sem problema nenhum, mas viajar por minha conta, por conta de um programa pessoal, meu, não rola. a ansiedade fica incontrolável, sinto medo; por causa disso, já desisti de uma bolsa de estudos na Europa”. é o tipo de caso onde vemos que, por razões que foram sendo analisadas, seus desejo não tinham as condições necessárias para tornarem-se ações - as experimentações singulares, individuais, estavam impedidas. ao lado disso, o campo da escrita precisa ser reinvestido, segundo ela, e portanto, também estará em pauta em vários encontros.

naquela época, eu estava experimentando uma ideia de Félix Guattari, a de “receitar poesia⁷⁵” aos pacientes, como quem receita uma erva medicinal, um xarope etc. não receitei exclusivamente poesia, neste caso, mas literatura e outros textos. um desses textos, “Somos todos grupelhos”, de Félix Guattari, teve um efeito interessante e serviu de base para a experimentação que logo apresentarei. o texto foi escolhido como uma medicina, principalmente, por se tratar de questões da luta macropolítica diretamente associadas ao contexto institucional ao qual a paciente estava ligada. depois da leitura, que não foi realizada em uma sessão de análise, ela trouxe as suas observações, centradas em torno de uma palavra que Félix Guattari usa algumas vezes, burocracia:

75 *Micropolíticas: cartografias do desejo.*

“socialismo burocrático”, “os próprios militantes continuam sendo portadores de vírus burocráticos superativos, se eles se comportam como os militantes dos outros grupos, no interior do seu próprio grupo”⁷⁶; ela leu este trecho para mim e depois emendou assim: “eu acabei burocratizando a minha vida; é como se eu tivesse parado de trabalhar para evoluir, perdendo os meus desejos mais individuais. acho que fiquei dependente de um sistema de vida associado a produção e consumo, trabalhando com o propósito de juntar dinheiro, e isso fez eu me separar de mim mesma; é isso que o meu corpo reclama! fiquei dependente de uma hierarquia de valores”. burocratizando a vida, burocratizando o corpo. claro que era só um princípio de análise, e essas questões se desenrolariam e levariam um longo tempo sendo trabalhadas, no entanto, esta sua percepção ou *insight* ou apercepção, reforçava o que já vinha se insinuando na mente do analista, como uma possível experimentação que pudesse ajudá-la a re-começar, sendo reforçada pelas conclusões que ela tirou das ressonâncias que o texto provocou: “eu levo as coisas muito a sério. devia brincar mais, despirocar...”.

VIAJAR

viajar pode ser geograficamente ou existencialmente; usamos habitualmente a palavra viagem para esses dois gêneros de deslocamentos. neste caso, os dois estavam presentes; havia o desejo de conseguir viajar, por conta própria, pelo mundo a fora, e também o desejo de se deslocar da posição dominada pela crise, a que se chegou. *Partir*, conforme temos em *O anti-Édipo*⁷⁷, é o primeiro movimento que corresponde a deixar um território qualquer, seja geográfico ou subjetivo. nosso caso, da clínica, lida com os territórios subjetivos. *Partir*, no nosso modo de tomar o conceito, pode se referir tanto ao *partir* da terapia, de onde ela começa, de uma percepção das queixas que a nossa interpretação imanente⁷⁸ transforma nas demandas do caso, e também o *partir* dos primeiros movimentos de desterritorialização – literalmente, deixar um território, neste caso, dominado por uma crise. *Partir* está definido em *O anti-Édipo* como “o

76 *Revolução molecular*.

77 “O processo”: *O Anti Édipo*:

78 chamo *interpretação imanente*, a interpretação que se faz das formas no sentido das forças; diferenciando as interpretações transcendentais, que interpretam formas por outras formas.

movimento através do qual se deixa um território”, neste caso, tomado pelos impasses de uma crise.

como já dissemos anteriormente, consideramos que o brincar está para a criança assim como a experimentação está para o adulto; quando esta figura se observa burocratizada de “corpo e alma”, ela lança uma hipótese sobre sentido a tomar, e que poderia vir a favorecer a sua “libertação”: “é preciso brincar mais, despirocar...”, *enlouquecer com saúde*, como diz Castañeda, permitir-se aos fluxos esquizos desejosos, deixando a centralidade de uma vida amarrada em torno do falo imaginário - a internalização da *piroca* paranóica do pai – como um equino domado e amarrado ao palanque do domador; ou seja, criar as condições para que os desejos comecem a escapar das capturas das máquinas imaginárias paranóicas, soltando-se como linhas de um novelo bem enrolado, e possam alcançar e se conectar a novas territorialidades... (navegar é preciso; outra vez). conforme o insight da paciente, de que o corpo reclamava da burocratização da sua vida, entendemos na ocasião que era preciso favorecer ao corpo a possibilidade de enfrentar a organização doentia que lhe havia tomado quase completamente. abaixo dessa organização dominadora, formatadora, que incide sobre o corpo, este ainda sobrevive enquanto matéria adjacente – é o ovo de que falamos, o *corpo sem órgãos*. a experimentação, que eu também gosto de chamar *ação experimental*, para tentar ressaltar o sentido que damos a esta expressão, é o que pode vir a possibilitar uma flexibilização da estratificação burocratizadora: uma ação experimental que, diga-se de passagem, e mais uma vez, parta de algo emanado pelo próprio caso, como venho tentando demonstrar, pode funcionar no sentido de desarticular as amarrações dessa organização sobre o *corpo que não aguenta mais*⁷⁹.

da experimentação: os programas para máquinas desejantes:

Partir e Viajar são dois episódios de um mesmo processo; aliás, acho que poderia se pensar este par conceitual como as *duas fases da construção de um corpo sem órgãos*: Partir, a partir do caso, de onde emana algo; e Partir, a fase de construção do campo experimental; Viajar, a experimentação em si, a partir

79 menção a um trabalho da artista Marta Soares.

da construção do campo, da definição dos programas, instruções ou regras; tudo isso acompanhado pela cartografia entendida como os registros sobre a criação da experiência mais os seus efeitos.

para a invenção dessa experimentação, partimos da ideia de que o sujeito deveria voltar a confiar no próprio corpo, utilizando-o de maneira incomum, ou seja, o programa experimental deveria, segundo a nossa hipótese clínica, tratar de interferir na relação do “alarme de crise”, que funcionava no sentido de deixar o ego vigilante sobre os sinais que o corpo dava de que poderia estourar; portanto, controlando-o segundo uma série de esquematizações obsessivas, tomando o corpo como um inimigo. quando a paciente começa a pensar “eu acabei burocratizando...”, aliás, começa ao mesmo tempo a deslocar o inimigo do corpo para o ego e, com isso, passa a reavaliar seus conceitos.

a partir daí, entrou em jogo o repertório do próprio analista: criar um trabalho em que a paciente tivesse os olhos vendados, porque estava claro que nesse caso a visão tem uma função grande nas defesas, e com isso ver o que aconteceria se ela precisa deslocar o seu corpo num espaço, sem contar com a visão para se locomover; o analista supunha que fosse necessário uma reaproximação com as potências do corpo que estavam sucumbindo embaixo de inúmeras camadas de sedimentos. além dos olhos vendados, como na brincadeira de “cabra-cega”, era preciso pensar no espaço onde a experiência aconteceria; para (dificultar) ainda mais, foi pensada uma intervenção no ambiente da sala do consultório, que tornasse o deslocamento o mais imprevisível possível; de modo que tivesse mesmo algo a ver com uma viagem por um terreno desconhecido; ali onde a consciência e o ego, defensores do castelo imaginário, mantinham a perspectiva de continuar se identificando consigo mesmo, era preciso introduzir algum tipo de diferença.

a proposta foi apresentada e minimamente explicada a paciente, de modo que ficasse claro de que seria uma experimentação a partir de uma hipótese e que não se poderia saber previamente o que aconteceria; não poderia ser uma explicação muito detalhada, com as hipóteses que apresentei acima, para tentar não antecipar as defesas contra o que viria. tendo o consentimento dela, entre

uma sessão e outra, foram feitos cerca de trinta furos com furadeira nas quatro paredes do consultório, para fixar ganchinhos de metal, como esses usados para amarração de cordas de varal; de um pequeno tamanho, porque a ideia inicial era que fosse o suficientemente forte apenas para a sustentação de uma rede de linha de crochê, portanto bastante leves.

no dia em que a experimentação seria colocada em prática pela primeira vez, apresentei o ambiente da instalação e passei as instruções, o programa experimental: “você pegará o novelo de linha de crochê e vai amarrando as linhas através dos ganchos até que forme uma rede; depois, colocará a venda nos olhos e passará a se movimentar pelo espaço por tempo indeterminado. caso sinta algum mal-estar insuportável você pode parar; estarei observando e atento as tuas necessidades”.

ela acatou o programa sem nenhuma observação, tomou o novelo de linha e começou a produzir o seu enganche até formar um rede complexa. na hora de colocar a venda em seus próprios olhos, hesitou, demonstrando um pouco de medo em se submeter aquela condição incomum, mas logo em seguida, tomou coragem e foi em frente; posicionou a venda, um tecido branco, sobre os olhos e amarrou com um nó atrás da sua cabeça. então passou a experimentar a situação, deslocando-se mui lentamente pelo espaço; ao sentir com o corpo as linhas que, naturalmente, lhe obstruíam o caminho, era preciso colocar o corpo em ação, abaixando-se, passando com as pernas por sobre, o que gerava no corpo uma necessidade de se equilibrar sem ajuda da visão; as vezes, encontrava em seu caminho objetos que estavam na sala, uma corrente de aço pendurada numa parede, um filtro de sonhos pendurado no teto, cujas penas de aves penduradas na parte inferior, foram de grande interesse para a percepção através da ponta dos seus dedos. e assim foi, sem maiores problemas.

ao final, pouca conversa sobre o ocorrido. entendo que os efeitos de uma experimentação desse tipo vão sendo recebidos ao longo do tempo, compondo o que eu chamo de um campo de acolhimento dos efeitos e afectos de uma experimentação. no entanto, logo depois da experimentação, foi possível escutar algo, além do que já havia sido possível perceber diretamente: lembranças da

infância, de quando passava através dos arames farpados que dividiam as terras do sítio da família, o pai afastava os arames e ela passava por entre; e, talvez mais importante que isso, a percepção de que era possível “deixar o corpo apenas sentir as coisas. só o corpo e o espaço”. e o que não seria *só o corpo e o espaço?* creio que aquilo que vínhamos vendo: o *ego* vigilante, a organização burocrática incidindo sobre o corpo, o organismo no sentido da organização do corpo a partir da máquina neurótica; foi assim que interpretei, naquele momento, comigo mesmo.

o resultado desta primeira experimentação havia sido promissor. evidente que não é só uma experimentação como essa que vai motivar as modificações que aconteceriam na sequência; o trabalho a partir da palavra, do estrato da significância e da subjetivação, continuaria sendo o nosso campo principal de atuação; mas estou para apostar, em termos de hipótese, que esse tipo de intervenção corporal, por mais pontual que seja, em comparação com o trabalho na palavra, causa um efeito de proporções difíceis de se calcular. as sessões seguintes foram acompanhadas pela leitura de *Água Viva*, de Clarice Lispector, que introduzi como uma medicina literária no campo da análise; ela não conhecia a autora e lendo algumas páginas que eu selecionei, desta vez durante a sessão, espantou-se com frases do tipo: “passei pro outro lado”, “escrever distraidamente”, “prefiro uma realidade inventada” etc. entendo que essa obra, assim como a brincadeira de “cabra-cega”, também foi utilizada como dispositivo experimental, a partir da demanda que o caso emanava, na medida em que a figura passou a ampliar a sua análise (que até então incidia sobre o corpo como um inimigo) (do corpo) para o ego, como responsável também pela direção que sua vida havia tomado no sentido da burocratização; essa questão da sugestão de leituras ou da sua utilização durante uma sessão é tema complexo e que exigiria, talvez, um capítulo à parte. como eu dizia, o ego passa a assumir que teve algo a ver, inconscientemente ou não, com a construção que tornou-se a crise; nada muito diferente do que notamos na clínica psicanalítica – qual a sua parte nisso?

logo em seguida, numa outra sessão, ela trouxe o relato de uma experimentação inusitada que aconteceu em sua vida e que estava diretamente ligada ao curso da

análise, e na linha do que pudemos identificar como tendo tido a ver com os efeitos da experimentação de “cabra-cega”: “eu fui numa festa, na casa de um amigo, e ele tem um cachorro com o qual eu nunca tinha tido relação nenhuma. mas aconteceu do cachorro começar a me procurar, insistindo em brincar comigo, e eu acabei cedendo e respondendo ao seu chamado; o cachorro era muito jovem, alegre e brincalhão; eu acabei entrando no jogo, brincando com ele por muito tempo, até que já não pensava mais em nada. quando dei por mim, o meu corpo estava entregue a jogo de um modo irreconhecível para mim, como se a sua rigidez houvesse sido quebrada pela brincadeira com o cão”. ...todo um devir-cão nisso aqui, agenciado por uma pré-disposição subjetiva sendo trabalhada na análise, em deixar-se levar na brincadeira, despirocar, em devir-outra; além de uma pré-disposição do corpo ou *no* corpo, provocada, segundo a nossa hipótese, pela experimentação de “cabra-cega”, que havia, numa situação segura e protegida pela aliança tranferencial-transversal terapêutica, permitido ao corpo emergir da situação de soterramento em que se encontrava; esse efeito direto das intervenções corporais, quase misterioso, consideramos de grande valia para a arte das clínicas do desejo. essa comunicação sobre a brincadeira com o cachorro e os efeitos de diferenciação que percebeu em si mesma, foram destacados em nosso diário clínico com a palavra “MUDANÇAS”, assim mesmo, em caixa alta, porque era o primeiro registro de uma diferença instalada no ambiente da crise; sinal que estávamos no caminho certo.

estava sendo criado um *corpo para brincar*, como chamamos o comentário minúsculo que fizemos sobre este caso na dissertação de mestrado; ou, dito de modo mais próximo do conceitual-teórico, havia sido inventado, ou instalado, um *corpo sem órgãos para brincar*. o que isso quer dizer? retorno a questão levantada no final do trecho sobre *como criar um corpos em órgãos*, que dizia respeito a considerar que a criação de um corpo sem órgãos, no caso de um indivíduo adulto, consiste em acessar a matéria do ovo adjacente e com ela construir um novo ovo, um novo começo; ou seja, se o ovo não é essência dada na origem, passado remoto, mas adjacente, como já dissemos, conforme os autores que tratamos, por mais submetido aos investimentos de estratificação das máquinas sociais ele permanece presente e disponível; a medida que uma experimentação ou interferência de outra ordem entra em cena, as camadas de

sedimentação dos estratos são flexibilizadas, alteradas, como quando um agricultor, com uma enxada, remove as ervas que se espalharam sobre a terra, revirando a terra desde o fundo, promovendo com isso que a terra virgem retorne à superfície de modo a poder receber as sementes de uma nova plantação. o ovo, no caso dos humanos, é como esta terra que havia sido *recalcada* pelo pasto; e, do mesmo modo que o agricultor não precisa remover todo o pasto do mundo para recomeçar a sua plantação, com a chegada da primavera, um ser humano não precisa remover todos os sedimentos da sua construção para conseguir acessar e dispor de um pouco da matéria virgem, inengendrada do ovo que lhe é adjacente. quando conseguimos, através de uma experimentação, mexer com os estratos molares e máquinas despóticas-burocráticas que dominam quase que a totalidade do ser, um espaço se abre, tal qual fosse por enxadadas, e a partir desse espaço é que temos uma nova terra, para novos desejos ou movimentos e viagens singulares. é por isso, no nosso modo de ver, que ela vai, em seguida, dizer um coisa desse tipo: “to tendo umas ideias ao contrário do que sempre pensei...”.

na segunda ocasião em que a experimentação com as linhas foi posta em uso, um mês depois da primeira, algo ainda mais significativo aconteceu, corroborando as nossas hipóteses iniciais sobre o funcionamento da máquina-pânico, no caso dela. o programa era o mesmo. a sala estava vazia de móveis, como da primeira vez, exceto por uma poltrona que havia ficado junto a janela; da porta que dava para a ante-sala, no lado oposto da janela, eu observava tudo, em silêncio. ela construiu a sua rede de linhas, depois colocou a venda e começou a se deslocar pelo espaço, aproveitando melhor, parecia, uma entrega a situação promovida: tocava suavemente as paredes, com as mãos e com o rosto, parecendo se interessar especialmente pelas texturas do reboco, pelo efeito que lhe causava o encontro; seguia as linhas com as mãos, indo até onde as linhas a levavam e quando uma delas chegava no cruzamento com outra, num ponto de conexão entre duas linhas que se cruzavam, ela parecia escolher se continuava com a mesma que a conduzira até ali, ou se mudava para a outra tomando um novo rumo. depois de uns quarenta minutos se movendo assim pelo espaço que, de olhos vendados ganha uma dimensão muito maior, ela esbarrou na poltrona que ficara junto a janela com a sua canela; e deu um gritinho; e disse algo que eu

não pude entender; e colocou as suas duas mãos na venda que lhe cobria os olhos, como se fosse retirar, mas barrou o seu movimento, demovendo as mãos para onde estavam e logo em seguida, para o parapeito da janela, que se encontrava aberta. perguntei o que ela havia dito, mas não quis repetir. estacionou ali na moldura, virada para a rua, e ficou durante alguns minutos, tomando o vento que entrava pela janela esvoaçando os poucos cabelos que tinham ficado pra fora do pano que lhe circundava o crânio. quando ela se moveu daquela posição, pedi que inventasse um modo de finalizar a experimentação, o que ela fez sem demora.

a convidei para sentar e falar sobre a experiência, se quisesse: “eu perdi a noção do espaço. eu sabia que aquela poltrona estava na janela, porque tinha visto antes de colocar a venda. mas quando bati com a minha perna nela, tava achando que me movia perto da porta; na hora que eu percebi que não estava andando onde pensava que estava, veio a sensação do pânico, achei que ia ter uma crise e coloquei imediatamente as mãos na venda com a intenção de retirá-la. mas hesitei e consegui me acalmar aos poucos, tentando dominar o que acontecia, e lentamente vi as sensações de angustia voltando a diminuir; fui para a janela e fiquei sentindo o ventinho no rosto, lembrando de como eu gosto de tomar vento na janelas dos carros quando viajo”.

a gente poderia começar fazendo uma pergunta, científica, por assim dizer, a respeito do que aconteceu nessa situação: por que será que “perder a noção do espaço” gerou o desencadeamento do que poderia vir a se apresentar como um surto de pânico? de algum modo, a nossa hipótese inicial, de onde partiu o desenvolvimento dessa experimentação incomum, havia sido confirmada pelo choque da perna com o móvel. a partir desse acontecimento inusitado e inesperado, nessa segunda atividade, foi possível concluir, no mínimo, que o ego e os seus sistemas de defesa ligados a maquinaria da crise, haviam sido colocados em xeque. a experimentação com os olhos vendados e as linhas, aumentaram o território de deslocamento na sala “real”, assim como o sucessivo ziguezaguear pelas linhas, encontrando com as paredes, deixando-se levar pelos fios e os cruzamentos entre eles foi, muito provavelmente, um dos responsáveis por fazê-la desligar o seu sistema de orientação espacial. não se trata do meu

assunto principal, mas vou introduzir uma outra hipótese: os olhos humanos projetam no mundo externo as sombras abismais da máquina imaginária fantasmática, disso sabemos pela própria psicanálise; o ideal de segurança, de um ego defensor de um imaginário estado de segurança e estabilidade tende a tomar todo o ambiente; na medida em que os olhos, centro maior de vigilância dos seres humanos e máquina imagética maior, foram blindados, o mundo ideal projetado passa a não mais corresponder ao mundo do espaço “real” e da materialidade dos objetos; o choque com a poltrona produziria um surto pelo choque entre o que o ego imaginava e o que de fato ocorria; seria, segundo este ponto de vista, que mal consigo explicar, uma prova concreta do falhanço do ego burocratizado que “imagina” estar podendo controlar o que se passa. quando ela resiste a retirar a venda para reinstalar o seu sistema de orientação e controle, ela como que reinjeta uma nova confiança no corpo e na vida, vivida no ato presente, sem a avalanche das antecipações neuróticas, porque tem a prova de que, além de falho, os sistemas de defesa não eram totalmente indispensáveis ao corpo, já que, passado o susto de se ver na errância nomádica, afastada do porto seguro da orientação espacial, o corpo segue ileso, firme e forte; o vento na janela, associado ao vento na janelas dos carros quando viaja, corrobora em certo sentido com esta visão, já que resgata nas lembranças, não mais a perspectiva da crise, da explosão do corpo e do seu possível aniquilamento e morte, mas a visão de um corpo que, tratado como tal, resgatado do recalque dos estratos, tem o que precisa para se deslocar e viajar a partir dos seus mais singulares desejos.

umas duas semanas depois, novas diferenças. pela primeira vez percebi que ela falava da crise no passado: “a crise me mantinha subjugada”; e anunciava outras mudanças: “to apertando o botão do foda-se, levando certas coisas mais na brincadeira”; “clarões no pensamento e coisas aconteceram que me deram a sensação de que esse viver em pânico acabou”. por fim, e muito significativo no meu modo de ver, disse haver percebido que estava passando cada vez mais tempo com o “alarme da crise” desligado; o que era indiscutível sinal de que a burocratização da vida tinha perdido algum espaço no campo de batalha. logo em seguida, ela passaria a recomendar a fazer pequenas experiências de curtas viagens por conta própria; viagens de passeios em feriados e finais de semana.

ao mesmo tempo em que os sistemas burocratizadores e as sedimentações molares vão sendo limpos, problematizados, pelo menos no que diz respeito a um trabalho clínico com o seu respectivo acompanhamento, novas terras vão se abrindo; esse espaço do ovo que se abre depois de experimentações que desarticulam o organismo (*organização do corpo*) colado sobre o corpo ou mesmo a palavra (significância e subjetividade), é a matéria necessária para a criação de um campo para o desejo; pois este, segundo os esquizoanalistas, necessita da superfície do ovo, em vez de um objeto – o desejo que tende a um objeto já é a finalidade do desejo, o prazer, por exemplo⁸⁰. os desejos de viajar, ou o desejo de se tornar uma escritora, neste caso, só viriam a se tornar possíveis, teoricamente falando, quando alguma parte da superfície do ovo se tornasse acessível; caso contrário, as máquinas do desejo de viajar continuariam ricocheteando nos sedimentos que cobriam o ovo psicológico; segundo o nosso campo de sustentação teórica, é necessário uma nova terra para um desejo construir e diagramar o seu plano. na primeira situação, a da crise, a da *burocratização da vida*, todo acesso ao campo de imanência, de cultivo (usando novamente o exemplo agrícola) dos desejos está impedido por camadas segmentárias⁸¹.

uma mudança no programa, que não lhe agradou, mas funcionou, disparando novos efeitos:

depois de umas três ou quatro experimentações de cabra-cega entre as linhas com o mesmo programa que apresentei anteriormente, sempre com suficientes acontecimentos significativos e sem queixa da figura sobre a série de experiências estar lhe aborrecendo, o acúmulo das observações que vinha fazendo praticamente conduziu-me a produzir alguma diferença a mais no

80 a relação desejo e corpo sem órgãos, é a matéria principal em todo O anti-Édipo, no nosso modo de ver. sobre a diferença, para Deleuze, entre desejo e prazer, volto a indicar o texto *Desejo e prazer*, dele mesmo.

81 sedimentação topológica no texto *Como criar para si um CsO*; ou segmentariedades, em *Micropolítica e Segmentariedade*, estão lado a lado; platôs que conectam. é comum, acho que principalmente nas invenções deleuzeanas, encontrarmos esses pares conceituais que se conectam ou que dão acesso ao seu pensamento por diferentes entradas.

“programa” dessa experimentação. naquele dia me antecipei a sua chegada; queria que ela experimentasse um outro “nível” de jogo, mas no mesmo sentido. a experimentação era a mesma, mas com uma diferença importante: eu mesmo havia instalado as linhas na sala, antes dela chegar para a sessão. no mais, além das linhas de crochê, tramei o ziguezague colocando um outro tipo de dispositivo junto... algumas linhas de elástico, destes de fazer barra ou cintura de calças, brancos e achatados. além disso, estava de posse de algumas bolas de pingue-pongue e também de umas três dezenas de bolas de gude (bolitas), que já faziam parte da “caixa de ferramentas” da clínica, funcionando como objetos relacionais; meu propósito era soltá-las lentamente na sala, durante o jogo da cabra cega, para que o som evidente de algo rolando no assoalho de madeira estimulasse alguma reação qualquer. além disso, a sessão era de noite, mas a pequena sala onde aconteciam essas experimentações estava com a luz apagada; havia uma sala maior, antes de chegar na sala enredada.

tudo isso fazia parte dos propósitos da mudança de programa na experimentação; pensado intencionalmente para pegá-la desprevenida, funcionando no sentido de fazê-la, se quisesse é claro, entrar em um território desconhecido, tendo de depender do seu corpo para lidar com as (barreiras) do *im-pré-visível*. sem a visão, sem a razão – diante do que não pode ser visto antes de começar a acontecer, o corpo precisa lidar com o medo e as fantasias do sujeito, para conseguir lidar com o espaço no momento presente; o atual, o ato, a pulsão – é na hora. nem antes, nem depois. *eu*, o analista, queria mais dessa série de experimentações. queria que a experimentação pudesse levar mais longe ainda. queria produzir, pela segunda vez, uma quebra nos sistemas de defesa da figura; pressentira que o programa anterior já havia caído no terreno comum, conhecido, banal, não fazendo mais muita diferença; apesar de que *ela* parecia satisfeita em continuar brincando do mesmo jeito – por isso *eu* poderia estar totalmente equivocado no meu diagnóstico.

“ – ah, não!! no escuro não!!”

de cara, houve esta exclamação que mostrava claramente um descontentamento.

expliquei que naquele dia *eu* tinha pensado em fazer diferente, e que já tinha preparado a sala; não lembro e não tenho anotação se a experimentação já tinha ficado combinada desde a última sessão, como as vezes aconteceu. nesse tipo de sustentação de uma experimentação, quando eu tinha um propósito muito determinado em mente, lembro que naquela época *eu* sempre me inspirava nas histórias de Carlos Castañeda sobre o modo como o seu mestre *Don Juan* agia com ele (aqui vai ficar faltando um exemplo?). será que havia, na minha intervenção experimental, toda uma dimensão de acontecimentos funcionando na beira entre a clínica e a mestria? entendo que não. apenas a clínica. porque, com o consentimento dela, *eu* conduzia o meu trabalho a partir das interpretações imanentes que podia fazer com aquilo que escutava a própria figura dizer. mas este é sempre um campo que deve ficar aberto a qualquer problematização.

ela aceitou as modificações, não barganhou nada, colocou a venda enquanto ainda estava na sala maior, e adentrou no outro recinto.

“ – a janela tá aberta?”, e logo concluiu: “ – sim. sinto o vento”

a sua pergunta, lembro bem, tinha o tom de uma preocupação claustrofóbica; mas também de reconhecimento.

“ – é diferente quando eu mesma coloca as linhas, de quando já estão colocadas”.

logo no princípio, ela já percebia o esperado. mas qual seria a diferença? por ora, concluo que algo no sentido das projeções hipotéticas sobre possíveis efeitos, que estavam sendo considerados na construção do novo programa. isso parece importante: noto que é um bom exemplo do que quer dizer *as duas fases de criação de um corpo sem órgãos para si*, serem a mesma fase; só pra lembrar: uma para a fabricação e a outra para a circulação, o funcionamento propriamente dito; quer dizer, quando um clínico (ou um artista, ou um navegador...) inventa uma experimentação ou modifica o seu programa ele já tem uma “pré-visão” do seu funcionamento e hipóteses do que pode acontecer; isso, justamente, pelo fato

d'ele ter inventado o seu dispositivo clínico a partir da escuta do que emana do próprio caso. um bom exemplo, que se repetirá: no seu novo método experimental de escuta, Freud mantém um dispositivo que já utilizava na terapia com a hipnose, a partir, digamos, do seu repertório sobre este móvel manter o corpo mais relaxado, o que favorece a técnica de inconscientização, mas também porque deve ter *pré-visto* que isto poderia favorecer uma fala mais relaxada, mais despreocupada; ou seja, o fato de falar sem enxergar o interlocutor, no caso o médico, por razões que se pode pensar como *transferenciais*, relaxariam um pouco mais as defesas egoicas do sujeito.

a diferença entre ela ou eu colocar as linhas, pensando na prática, é que enquanto faz a trama ela mapeia e se adapta ao ambiente que está construindo; foi ela mesma que fez, portanto, durante o jogo, pode até ser possível saber onde se está. estávamos novamente em uma região parecida com a que chegamos da vez em que ela esbarrou contra a poltrona e quase teve um surto.

“ – que é isso?”, ela tinha alcançado com a mão um aparador; tateando-o, passou dele para um baú e madeira. parou, colou o rosto na parede e ficou sentindo o toque.

aos poucos, as linhas de crochê foram sendo arrebitadas; ela se movimentava mostrando nítida irritação pela situação em que foi colocada, forçando os elásticos e arrebitando as linhas quando a passagem se fazia difícil – era ódio raiva.

“veio da janela forçando um elástico até o limite da tensão”; achei que tudo ia ruir... elásticos, ganchos, reboco... mas não. no entanto, naquele dia pensei que se quisesse levar esta experiência com os elásticos adiante teria que reforçar as estruturas; e que não seria nada mal ganchos mais fortes dando conta de conter cordas mais grossas ou borrachas onde a figura pudesse realmente se pendurar, soltar seu corpo etc.

“parece que ela está dançando circularmente por toda a sala. está deslizando pelas linhas e elásticos, experimentando as tensões, até onde consegue empurrar

os elásticos”. ela começou a utilizá-los, enredados em si, enrolados no seu corpo, para se soltar sobre eles, deixando a gravidade operar em sua massa física, deixando o corpo se inclinar suspenso pela força dos elásticos.

“enrolando-se nos elásticos. várias linhas de crochê arrebetadas, arrastam-se pelo chão, presas em seus pés”.

“movimenta-se pela sala com a cabeça encostada nos elásticos. o elástico fica tocando os seus olhos, a venda, acima do nariz; encaixado entre o nariz e os olhos”. elásticos e borrachas têm, por causa da sua flexibilidade, o atributo da resposta, da reação a qualquer movimento de força que se lhe acometa. se *você* empurra uma bola de borracha ou força um elástico, ou uma câmara de pneu de bicicleta, certamente esses objetos reagirão a *você*, responderão a tua ação com algum tipo de reação; e isto gera uma espécie de jogo, e de *relação de objeto* com esses dispositivos.

a experimentação encerrou-se por aí, passados 30 minutos de *brincadeira*. convidei-a para se sentar na sala maior, onde *eu* estava, e comentar o que tinha acontecido, o que tinha sentido, caso quisesse.

começou falando sobre a diferença do programa:

“ – senti como algo imposto. antes, era sentir os espaços que eu mesma havia criado. teve um novo momento em que perdi a noção do espaço, mas foi tranquilo”.

indaguei sobre outras sensações, lembranças ou pensamentos.

“ – eu roçava nas linhas como se fosse a resignação em relação a algo imposto; o elástico era flexível e me permitia maiores movimentos e até apoiava meu corpo; mas as linhas ficaram nesse lugar do que obstruía a passagem, por isso comecei a arrebetá-las. os elásticos limitam, mas permitem o movimento – puxar, soltar”.

“algo imposto” era um tema antigo; também relacionado aos eventos que levaram a crise; veio à tona com agressividade, na relação com o analista, através dos elementos presentes na instalação, que foram o alvo imediato da expressão da sua força – ela reagia ao que foi sentido imposto.

“no começo tentei derrubar os elásticos, mas não consegui. depois vi que era legal brincar com eles”. achei que querer tudo do seu jeito também podia, as vezes, significar defensividade, vontade de ter o controle imaginário da situação; e que tendo de agir numa instalação construída por mim, ela tinha de lidar comigo, como o outro que quebra o cerco narcísico. parece que ela conseguiu “mudar de fase” durante o próprio jogo.

(...)

comentários intro-metidos e re-conexão teórica:

abaixo, trago mais uma passagem do nosso texto de referência, que foi numerado em seus vinte e dois parágrafos para facilitar o seu estudo; veremos a seguir uma passagem do parágrafo dezoito. a primeira parte deste fragmento, corresponde muito bem ao começo do caso que estou narrando; acho que não será difícil para o leitor fazer as relações. o trecho apresenta algo como um roteiro, uma condução: primeiro, segundo e terceiro movimentos; que na verdade, acontecem, em diferentes graus, ao mesmo tempo. em nosso caso, primeiro foi necessário lidar com a crise, partir de experimentações sobre as estratificações (trabalho corporal e análise); daí viria o surgimento de linhas de fuga num campo dominado por linhas segmentárias⁸²; e com isso, o surgimento de uma nova terra, a re-disponibilização da superfície do ovo, abrindo possibilidade para que os desejos pudessem construir seu plano de construção.

Eis então, o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivencia-las,

82 a perspectiva das *linhas* é tratada em Mil Platôs, no platô *Micropolítica e segmentariedade*.

assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pedaço de uma nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO. Conectar, conjugar, continuar: todo um 'diagrama' contra os programas ainda significantes e subjetivos. Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos; ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente, fazê-lo passar do lado do plano de consistência. É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. Você terá construído sua pequena máquina privada, pronta, segundo as circunstâncias, para ramificar-se em outras máquinas coletivas.

(Mil Platôs 3, Platô 6, p. 24)

de algum modo, ou de outro, o que vemos na citação acima aparece ao longo da apresentação deste caso da experimentação de “cabra-cega” entre linhas, exceto pela última frase, da construção de uma máquina própria, de acordo com os seus desejos mais singulares; trataremos disso mais adiante, ainda neste item, dando o exemplo de um campo experimental que a paciente começou a construir, ou reconstruir, na medida em que houve condições para isso.

gostaria, antes, de fazer uma observação a respeito de como entendo o jogo entre as palavras/conceitos de “diagrama” e de “programa”, presentes na passagem supracitada. primeiro, e talvez principalmente, destacar que “os programas ainda significantes e subjetivos” desta passagem, apesar de colocar o “programa” no lado das molaridades e maquinarias de bloqueio e captura do desejo, no meu modo de ver, não funciona no sentido de generalizar, posicionando todo tipo de programa neste lado do muro. há programas de todos os tipos; para a vida e para a morte. neste trecho, fica claro a quais eles se referem, ou seja, os “ainda

significantes e subjetivos”; como no caso em questão, os programas que fazem funcionar a máquina da crise: “alarme”, “orientação”, “eu (...) burocratizando...” etc.

“todo um diagrama”, no meu modo de ver, ou de entender e utilizar o conceito, está mais ligado as inscrições cartográficas, mas segundo a imagem do “cristal”, dos minerais, que mantém visíveis as linhas da sua construção, na diagramação que vão formando ao se desenvolverem sempre pelo lado de fora; como em Deleuze e Simondon⁸³. no caso em questão, cada novo deslocamento, descoberta e conquista vai traçando linhas histórico-subjetivas sobre um território virgem ou reconquistado, deixando marcas sobre o ovo, produzindo uma diagramação complexa da linhas de fuga e de vida. o diagrama, portanto, no meu modo de ver, está no campo das cartografias, são como as linhas que se estendem ao ilimitado e se cruzam sobre o plano.

cabe lembrar ainda, a respeito de programa, que existem aqueles, já comentados em outra parte desta tese, o que são inventados para funcionarem como “motor” das experimentações – é os desta espécie que nos interessa. esta espécie de programa também é tratada por Deleuze em um dos textos do livro Diálogos⁸⁴, que citarei a seguir, para reforçar um pouco mais a nossa predileção pelo uso de *programa* no nosso trabalho, onde ele diz assim: “programas de vida, sempre modificados à medida que se fazem, traídos à medida que se aprofundam, como riachos que desfilam ou canais que se distribuem para que corra um fluxo”⁸⁵. a mudança no programa da experimentação com as linhas em modo “cabra-cega é um exemplo das modificações dos programas, no que diz respeito a todas as alterações realizadas em relação aos primeiros experimentos.

...um corpo para brincar. a situação neste caso era tão marcadamente complicada, no momento do ápice da crise, quando ela me procurou, quando a doença avançava sobre todo o terreno capaz de ser cultivável pelas forças vitais, que parecia ser preciso fazer muito pouco para ajudar, apenas inventar modos de

83 Deleuze: Processo de individuação... ; Simondon: ...

84 texto: Da superioridade da literatura anglo-americana. pg. 61.

85 Diálogos. pg. 61.

brincar; por isso *um corpo sem órgãos para brincar*⁸⁶. o brincar (experimental do adulto) convoca as forças em um devir-criança, ou nitzscheanamente falando, leva o sujeito pelas três metamorfoses: do camelo, espírito de suportação, ao leão, o sagrado dizer não, e do leão a criança, o recomeçar, girar a roda outra vez; com a associada observação deleuzeana de que a metamorfose não se dá por blocos ou fases estanques, como a imagem nitzscheana parece propor; para Deleuze, trata-se de um fio metamorfoseante; isso parece-nos mais claro de perceber para aqueles que, como nós, trabalham com esse gênero de clínica; ou seja, nenhuma mudança intensiva e importante como a de uma metamorfose dessas, ocorreria sem um ir e vir pelas fronteiras existenciais que distinguem estados momentâneos, como esses três “momentos” representados por Nietzsche através dos atributos que ele ressalta nesses animais - o camelo, o leão e a criança; esta última que é, como temos visto, um ser humano ainda não tão humanizado quanto um adulto, experimentando o mundo com o frescor de uma primeira vez⁸⁷.

(...)

somente a partir do “brincar”, nas condições do plano que a experimentação lhe proporcionou, no ambiente de um consultório, garantida uma segurança minimamente suficiente a partir das condições de confiança construídas com o analista, segundo as dinâmicas transferenciais significativas, ...

uma experimentação clínica programada, no sentido em que estamos abordando, tem algo com os vírus; tanto os biológicos como os de computador.

somente a partir do efeito dos vírus, (que também têm seus programas) que foram inoculados nas máquinas que fazem funcionar a máquina mortífera paranóica, que bloqueia todos os fluxos desejantes, somente com isso podemos notar que vai se fazendo possível que outras *necessidades* ganhem espaço. (o que entendo e chamo de *duplo*).

86 referência ao título do capítulo da dissertação de mestrado deste autor, dedicada a este caso.

87 capítulo As três metamorfoses, em Zarathustra. o fio metamorfoseante de Deleuze está em...

quando uma experimentação abre espaço entre as sedimentações burocráticas, o desejo pode chegar até o ovo, sua superfície de inscrição, de diagramação... possibilitando a invenção ou reinvenção de um duplo. construir um corpo sem órgãos a partir de um trabalho em clínica é algo que implica... pensar num modo que, antes de mais nada, parta das emanções do caso, ou seja, funcione segundo determinações do campo da ética, que Lacan define, em relação ao trabalho do analista, como sendo o de conduzir a análise e não os desejos do paciente; esta afirmação, aparentemente simples, têm uma precisão e pode alcançar uma dimensão incalculável para mim. desse ponto de vista, que entendo ser confluyente com o da esquizoanálise, mesmo na crítica a certa institucionalização da psicanálise e dos seus centros de formação dos mais tradicionais; aos quais Lacan faz críticas contundentes, que tratarei mais adiante, que foram parte do que resultou no processo de “excomunhão” que ele sofreu da Associação Psicanalítica Internacional; que se não me engano, expulsou até o próprio Freud (os paranóicos no poder).

MANTER

“Você terá construído sua pequena máquina privada, pronta, segundo as circunstâncias, para ramificar-se em outras máquinas coletivas.” (Platô 6)

até agora estivemos focados no que considero uma experimentação incomum inventada e ativada pelo clínico; agora passaremos a um outro caso, ou seja, quando um paciente começa a investir na construção ou re-construção de um território existencial para si mesmo: aqui voltamos ao “você”, porque estamos diante da situação em que o desejo e o possível plano para a sua construção vem do próprio sujeito.

em tese, mas também observamos na prática, quando o sujeito se libera do que o impedia, mas à mediada em que isso acontece, os desejos vão se tornando mais próximos de ações possíveis, eles passam a poder existir mais perto de uma ação realizada, do que do campo das ideias e do imaginário. isso, no nosso jeito de entender, é chegar a “conduzir” um paciente até as *suas* máquinas desejanter.

são os sonhos que o indivíduo começa a sentir que pode torná-los realidade. na clínica, os desejos vêm da parte do paciente. “o desejo do analista” é ser analista, “é conduzir a análise”, como diz Lacan. o desejo do analista é perceber quais são os desejos do paciente; não para “atendê-los”, mas para... talvez... “suportá-los”.

as tarefas da esquizoanálise soam como procedimentos de investigação, linhas de escuta ou percepção; elas envolvem uma pergunta: “quais são as máquinas desejantes de alguém?” neste caso, parte dos seus desejos tinham a ver com a escrita e a literatura (mas poderia ser qualquer outra coisa).

na medida em que a análise e as experimentações (inclusive a da própria “análise”) vão ajudando uma figura como esta a ultrapassar a sua crise, espaços se abrem para que os seus desejos mais contidos por debaixo de camadas de timidez e falta de auto-confiança, comecem a forçar a passagem para fora do mundo dos sonhos, como uma planta que, deixando de ser semente, força caminho na terra que tem sobre si, avançando contra torrões e pedriscos até alcançar o céu.

“ser humano é precisar inventar um modo de passar o tempo”

poucas semanas depois da experimentação com os elásticos inseridos na instalação, em uma sessão surgiu novamente o assunto da escrita, que ao mesmo tempo dizia respeito ao seu emprego, e ao seu desejo de desenvolver mais o campo da literatura em sua vida.

(...)

manter o próprio duplo, o próprio território existencial, o próprio *corpo sem órgãos*, foi o que defini e sustentei como um *fim de análise*, na dissertação de mestrado⁸⁸.

88 *Clínica experimental: programas para máquinas desejantes.*

“MONOGRAFIA SOBRE R. A.⁸⁹”

de Félix Guattari, como um princípio das experimentações esquizoanalíticas programadas, a partir do que emana do próprio caso.

tenho a impressão, de que a função do terapeuta nestes casos, de invenção de um campo experimental em que ele próprio entra no jogo, é manter-se como um duplo, no sentido de que ajuda a criar e sustenta o caminho do paciente em direção a recuperação ou fabricação do seu próprio duplo; condição para criar e cuidar dos seus próprios campos experimentais.

pensando a esquizoanálise como uma proposta de trabalho para a clínica da psicose, ou dos esquizos (separados), Guattari dizia que a função do psicólogo nesses casos seria contribuir para a sustentação, repetição e manutenção do campo de experimentação do paciente, enquanto for necessário. ou seja, o terapeuta ocupa uma função humana que o sujeito não pode ou ainda não pode dar conta sozinho. na monografia sobre R.A. é isso que entendo que vai acontecendo, através dos terapeuta, a clínica vai sustentando para o paciente um campo experimental que vai se tornando um território existencial.

neste caso de Félix Guattari, pode-se ter uma idéia de um tipo de trabalho terapêutico que evoluiu a partir de uma sucessão de invenções de “técnicas terapêuticas muito singulares”, adequadas as complexidades de cada caso. quando Guattari passou a lidar com esse paciente um grupo de jovens fora internado em La Borde e com eles R.A. passou a envolver-se em diversos tipos de atividades, jogos, desenho, datilografia, chegou até a participar da realização de um filme amador e de uma esquete teatral, o que surpreendeu a equipe, considerando que até aquele momento ele resistia e negava qualquer convite que lhe fosse feito. porém, não demorou muito para que esse variado campo de experiências a que R.A. se ligara ruísse completamente, culminando numa tentativa de fuga da qual Guattari o acompanhou no retorno. percebendo a instabilidade do que parecia ser um plano de experiências consistente, Guattari, com a colaboração de Jean Oury, passou a investir em algo diferente do que já

89 em Psicanálise e transversalidade.

havia sido tentado. depois da fuga, R.A. passou a ficar recluso em seu quarto e aceitava dialogar apenas com Guattari, que começou a experimentar utilizar um gravador para registrar as conversas. a partir da utilização desse dispositivo as configurações do caso começaram a se modificar e, conforme isso acontecia, novos dispositivos eram inventados, ampliando o campo das experimentações de R.A. o gravador possibilitou que ele se percebesse a partir de um deslocamento de si, escutando sua própria voz com estranheza: “Aquele voz gravada, aquele tom monocórdico, aquelas hesitações, aquelas interrupções, as incessantes incoerências o revoltaram, e ele me tomou por testemunho do fato de que havia de fato ido *ao fundo do abismo* para chegar a falar daquela maneira”. R.A. parecia começar a ter um outro tipo de percepção sobre sua situação e sobre seus impasses, tudo isso intensificado com a assistência da projeção do filme do qual ele participara, que lhe gerou forte espanto dissolvido apenas quando Guattari o beliscou com tanta força, segundo conta, “que ele acabou por chorar como uma criança”. as experimentações se deslocaram do gravador para um caderno em que Guattari anotava frases produzidas por R.A. que com o tempo passou a utilizar o mesmo caderno para anotar o que eles conversavam esticando a série de dispositivos acionados no plano de intervenção. o texto deixa parecer que Guattari não sabe muito bem o que está fazendo, nisso que ele chamou de “técnicas especiais”, ora buscando interpretações psicanalíticas para os efeitos disparados pelos dispositivos, ora tendendo a continuar no processo de invenção de novos dispositivos a partir de fragmentos intuitivos que o caso ia acionando. dois elementos juntaram-se na seqüência, o fato de R.A. estar há muito afastado da escrita e da leitura e a semelhança que Guattari e Jean Oury percebiam entre R.A. e Franz Kafka, tanto no aspecto físico como no aspecto clínico. Guattari sugere que R.A. faça cópias de *O Castelo*, de Kafka, o que funciona muito bem porque R.A. se conecta ativamente ao livro: “Propus-lhe então que copiasse o livro, dizendo-lhe que o importante não era ele entender ou não, mas apenas que fizesse a cópia”, como artifício para ligá-lo a proposta que, acreditava-se, desdobrar-se-ia em composição ativa com o desenvolvimento do caso. (...) depois de certo tempo levando a diante o programa da cópia, R.A. passará a desenvolver um diário, recomeçando a escrever por conta própria.

2) PRÁTICAS CORPORAIS, OBJETOS RELACIONAIS:

neste campo de experiência, que pode ser chamado genericamente de *corporal*, a invenção dos dispositivos e das experimentações, começou a partir de um caso que trazia muitas queixas dirigidas ao corpo; segundo ele, o ápice dos seus problemas corporais teria ocorrido depois de duas situações traumáticas vividas sob efeito de alucinógenos.

diz Guattari, numa entrevista já citada⁹⁰, “se a gente se utilizar da cura-padrão da psicanálise, para lidar com drogados, psicóticos e crianças desajustadas, com certeza terá do que ficar muito angustiada, e aí, sem dúvida, deve valer a pena procurar outra coisa”.

a esquizoanálise, entre os possíveis sentidos que encontramos nas obras de Guattari e Deleuze juntos, pode também ter esse sentido, da análise do “esquizo”, “desviante”, marginal, e não necessariamente do psicótico, como em “Monografia sobre R.A.”, ou a própria *La Borde*⁹¹, mas desses outros “esquizos”, não absolutamente fixados no pólo da loucura, nem atolados “como hipopótamos de chumbo”, mas tendo os seus caminhos traçados através e além da fronteira que separa os mundos, passando de um lado para o outro, por diferentes meios; seja a droga, o trauma, a arte, os “desvios” da sexualidade, etcetera. no caso dos drogados, talvez o modo mais claro de ver isso, é tomando a afirmação, em *Mil Platôs*, no platô 10⁹², onde eles definem um drogado como *o esquizo experimental*; entendo isso assim: o drogado é aquele que, a partir das condições do encontro com a droga, da experimentação de uma droga, é levado através da fronteira, até as zonas mais desconhecidas do fora por, “descaminhos” próprios da loucura – dos “loucos de cara”; é justamente por causa do deslocamento subjetivo, que muito do que acontece no agenciamento com as drogas é chamado de *viagem*; principalmente no que diz respeito as

90 Cadernos de Subjetividade n.1, 1996.

91 clínica de Guattari.

92 *Mil platôs*, vol 4.

experimentações com alucinógenos⁹³. em *O anti-édipo*⁹⁴ temos, uma passagem que cuida de dizer quais são, na perspectiva dos autores, *os dois pólos do investimento social*; ou seja, de um lado extremo do campo da existência territorial humana está o “pólo esquizo” e do outro o “pólo paranóico”; aquele desarticula, este procura manter seguras uma organização e ordem.

com uma grande diferença, no meu caso, o trabalho corporal com objetos corporais era apenas uma ferramenta acrescentada a psicoterapia; não era o trabalho em si, como no caso de Lygia. ...mas se não estou propondo um trabalho do tipo “Estruturação do self”, mas sim uma psicoterapia ou psico-análise ou esquizo-análise, que função têm essas experimentações? pra que usá-las.

procurar... buscar algo para entrar em relação com um ou os problema, através da relação com o seu portador; ou algo que produzisse efeitos de aumentar a visibilidade dos sintomas; ou algo que ao ser colocado no encontro com a figura, na proposta de ver o que acontece em relação aos seus sintomas, produzisse uma zona, um território onde se pudesse trabalhar o campo que vai da queixa, expressão na comunicação, ao sintoma, no corpo, entremeado com ele (todo o W. Reich nisso aqui!), até as ramificações mais profundas por onde a análise pudesse nos levar; esses acontecimentos provocados pelos objetos dispositivos, frequentemente levavam a pensamentos voltados para as lembranças ligadas a construção ou produção de toda a sintomática; esta que chega ao ápice, mas não quer dizer que seja uma novidade, por isso; assim entendo, o que Guattari diz na mesma entrevista no *Núcleo*, que estou citando por aqui: “*vejo o trauma mais no campo das reterritorializações*”: é o trauma ritornelo. o que é o ritornelo, na perspectiva, pelo menos, clínica, subjetiva, psicanalítica? é um zona de superfície, onde se criou uma marca forte; pensando em diagramas, é ali onde o cristal apresenta uma marca de tensão, de fragmentação de forças disparadas em filetes retorcidos, que são as como os registros cartográficos ocorridos na própria carne. até entre certos animais – poderíamos ver o caso do programa da

93 entendendo por droga, segundo a definição do Antonio Escohotado, qualquer substância que ao entrar em agenciamento com o corpo provoca, induz, uma mudança psíquica particular.

94 2010; capítulo IV.

TV National Geographic, “Martin Otocheco”, em que o personagem, homônimo, trata cavalos que têm alguma história de trauma, seja por domas agressivas, seja por eventos que deixaram marcas profundas⁹⁵. o trauma do lado das reterritorializações, dos ritornelos, quer dizer, da introdução na percepção presente, atual, do indivíduo, uma espécie de antevisão protetora e defensiva; defensividade que pode ser, inclusive, muito agressiva.

. o trauma faz de toda nova experiência uma repetição... e a *transferência neurótica*, descoberta por Freud, demonstrava isso.

repertório:

não acho possível falar de trabalho corporal com objetos relacionais sem mencionar, ou mesmo partir, do trabalho de Suely B. Rolnik sobre Lygia Clark. ou, talvez, esse tenha sido apenas parte do meu caminho; nesse tipo de pesquisa e experimentação em clínica, com a inclusão de dispositivos e programas de (*intervenção*) com o corpo de um paciente. comigo aconteceu de tentar utilizar algo nessa linha, num caso que tinha *algo* a ver com o corpo.

um futon como divã surgia como solução, na minha clínica, para manter uma dupla função, como um híbrido entre o divã de Freud e o colchão de Lygia Clark, para manter uma condição propícia aos trabalhos corporais e o espaço para a instalação de objetos relacionais. foi escolhido para dar uma sustentação firme ao corpo, e para ter espaço suficiente ao seu redor para a instalação de quaisquer objetos ao alcance das mãos (bucha vegetal, pedras, bolinhas de borracha, chocalho, estetoscópio, tampa de ouvido, bexigas). além disso, por ser horizontal e plano, ele pode ser usado tanto de costas como de bruços. o que mais me importa, no caso do divã, é o tipo de sustentação que vai dar ao corpo; que experiência o suporte pode proporcionar; pela sua consistência, formato, possibilidades de uso.

tudo isso fazendo parte de um campo de experimentações programadas, que por atributo têm desprogramam os sistemas de máquinas e territórios existenciais

95 para quem tiver interesse, está no Youtube no seguinte endereço - <https://youtu.be/lzLVLzV-I5g>

ligados aos sintomas, aos traumas, as zonas de bloqueio e captura do desejo (máquinas neuróticas).

“À vivência do desmanchamento de nosso contorno, de nossa imagem corporal, para nos aventurarmos pela processualidade fervilhante de nosso corpo vibrátil sem imagem”. Suely Rolnik⁹⁶

comecei usando os objetos relacionais como modo de entrar em relação com o corpo de um paciente, pela necessidade que se impôs a partir do seu caso. inspirado pelo trabalho de Suely Rolnik sobre a *Estruturação do self*, de Lygia Clark, desenvolvi uma caixa de ferramentas e dispositivos terapêuticos, como alguns procedimentos respiratórios de alteração da consciência, como os praticados por José Angelo Gaiarsa, das terapias herdeiras de W. Reich. intervindo com objetos sobre um corpo acomodado num colchão, a partir da necessidade e da disposição em interferir diretamente no corpo desse paciente, com objetos e exercícios respiratórios. meu trabalho neste caso oscilou entre a sustentação de um campo de análise e a fabricação de experimentações corporais, que tinham o propósito de ir no sentido de contribuir para uma reintegração da subjetividade e do organismo, e a recuperação da capacidade do sujeito de voltar a conduzir a sua própria vida⁹⁷.

“alguns objetos relacionais⁹⁸”:

- lista: chocalho, estetoscópio, bolinhas de borracha e ping-pong, bexigas/balões, bola de Pilates, tampas de ouvido, canudinhos, traveseiros, pedras, cordas, almofadas, traveseiros, etc.

- definições: to chamando de objetos relacionais, qualquer objeto através do qual alguém entra em relação com o outro ou consigo; no ato clínico, o que mais acontece, a partir da minha observação diária, é que os objetos que oferecemos

96 *Híbrido ou A arte cura?* - Suely Rolnik (na bibliografia consta a lista dos artigos da autora, consultados nesta pesquisa).

97 caso tratado no capítulo “um corpo para viajar”, no mestrado.

98 Breve descrição dos relacionais. anexo ao catálogo da exposição Lygia Clark: da obra ao acontecimento, curadoria de Suley Rolnik, na Pinacoteca de SP.

em um espaço (sempre) vão levar no seguinte sentido: uma relação com o outro através do objeto que ele tem em sua sala, a partir do qual o paciente entra em algum tipo de relação consigo mesmo. inventar experimentações sou dispositivos a partir do caso, para mim, resulta em estar sempre trabalhando com uma maquinaria que se destina a funcionar no sentido de contribuir, terapeuticamente, para que um sujeito entre em relação consigo mesmo.

3) JOGO DO RABISCO:

a folha em branco é um corpo sem órgãos: Deleuze diz, sobre a pintura, que é preciso que, antes de mais nada, o artista limpe a folha em branco, ou a tela; segundo ele, a tela em branco está cheia, mas de que? do campo das forças e das projeções do próprio artista – donde limpar a tela em branco quer dizer o próprio artista chegar ao “seu” corpo sem órgãos, donde a folha em branco estaria em afinidade com o corpo “em branco” do artista.

O repertório:

na ocasião de uma primeira “consulta terapêutica”, Winnicott usava o “jogo do rabisco” como “um método para estabelecer contato com um paciente infantil”⁹⁹:

'Vamos brincar de alguma coisa. Sei o que eu gostaria de jogar e vou lhe mostrar'. Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que vamos fazer não é freneticamente importante.

um exemplo perfeito do que estou chamando de *experimentação programada*. há uma proposta: um jogo, ou seja, haverá regras, um modo de jogar, de fazer

99 O jogo do rabisco. *in* Explorações psicanalíticas. P. 231. Ed. Artemed

funcionar – uma folha de papel, cada um tem seu lápis; eu faço um rabisco e depois você rabisca. depois disso, vemos o desenho e se quiser falamos; a seguir pegamos uma nova folha em branco e desta vez, você rabisca primeiro e eu depois. o lápis, a folha em branco são os objetos ou dispositivos. como vamos usá-los, o que faremos funcionar? um jogo em que cada um faz um rabisco na sua vez de jogar; portanto, este é o programa. é uma experimentação, pois não se sabe de ante-mão o que vai acontecer e é programada porque contamos com instruções e um modo de fazer funcionar.

A invenção

primeira imagem: o desenho produzido no jogo do rabisco por mim e JV; acho que pode ter sido o primeiro, aliás. se não me engano, começamos com o jogo do rabisco através de cópias de pinturas que eu deixava ele escolher nos meus livros de biografia e obras de artistas. a primeira experimentação do jogo do rabisco que fizemos, foi uma cópia em desenho, de uma reprodução da *Vênus ao espelho*, de Velasquez; aliás, foi por isso que no mestrado chamei o capítulo que narrava essa história de caso Diego, em homenagem ao Velasquez. o desenho foi feito nas regras do *jogo do rabisco*, conforme a adaptação que eu fiz, a partir da inspiração no *jogo do rabisco* de Winnicott – ou seja, um desenhado depois do outro, alternadamente, sem poder desenhar ao mesmo tempo.

quando tive oportunidade, perguntei pra ele se gostava de desenhar e se queria ver um jogo de desenhar, que eu conhecia. o material que recebi da escola, fazia referências ao seu bom desempenho em artes, e sua inclinação para o desenho.

quando começamos nossos encontros seriados, todas as semanas, logo lhe propus desenharmos juntos, de um modo semelhante ao *jogo do rabisco* de Winnicott, com a diferença de que os jogadores se alternam na tarefa de desenhar sobre o mesmo papel, por tempo indeterminado. ele topou!

preservei a ideia básica de Winnicott: duas pessoas, dois lápis, desenhar sobre o mesmo papel alternadamente, mas com algumas modificações, deslocando o mesmo dispositivo para um diferente tipo de funcionamento; uma pequena mudança de programa, mantendo o mesmo papel por tempo indeterminado, em

vez de usar apenas para um rabisco de cada um; meu objetivo era compor um plano de consistência para que o desenho e constituísse como uma zona ativa na clínica, quando fosse desejado, por mim ou pelo paciente; era importante, por causa disso, deixar na mesa, os papéis e os lápis sempre a vista e disponíveis em algum lugar na sala. mudando o programa para um desenho alternado a dois, por tempo indeterminado, foi possível perceber vários tipos de efeitos, assim como aconteceram multiplicações nos tipos de programa; por exemplo, poderíamos experimentar o jogo com canetas em vez de lápis, para ver o que aconteceria, assim como desenhar a três, como em um dia específico, quando tivemos a participação da mãe do garoto.

claro que o tempo do desenho não era tão totalmente indeterminado, acabava sendo limitado pela duração das sessões, que naquela época já eram de 1h20'min, justamente por causa da introdução das experimentações no trabalho. desde o início, eu entendia que devia tomar dois cuidados, ao mexer com experimentações, em relação ao tempo: não diminuir o tempo para o paciente trabalhar com a sua fala, a partir da associação livre, e ter tempo suficiente para encontrar um modo de captar, acolher os efeitos das experiências – este dois fatores, fizeram que eu começasse a trabalhar com um tempo mais dilatado que o convencional.

muitas imagens foram criadas com diversos pacientes, desde a percepção dos efeitos disparados pelo dispositivo no caso JV. estou preparando algumas dessas como um anexo para ser inserido num blog e enviado pra banca antes da defesa. no momento não haveria o tempo para editar as imagens de modo a que ficassem com boa qualidade na impressão em preto e branco. também seria complicado editar tantas imagens quanto acho necessário mostrar, no meio deste texto.

(...)

“A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.” Donald W. Winnicott. O brincar, em *O brincar e a*

realidade, p. 59)

4) REDE NA CLÍNICA:

as instalações para o corpo, os móveis da sala e a experimentação com as instalações da Clínica¹⁰⁰.

o uso da rede na clínica surgiu no meu trabalho clínico como um prologamento do divã/grande colchão, ...

a ideia de instalar uma rede na clínica (2010) surgiu como uma extensão da experiência com o divã e com o colchão/futon para trabalhos corporais. era, ao mesmo tempo, um divã suspenso no ar e um local onde se poderia intervir com objetos relacionais; além de um campo virgem para a invenção de práticas corporais. Havia o conceito de Donald W. Winnicott de *holding* (sustentação, pegada). A ideia foi tentar duplicar a experiência de sustentação da análise através desse objeto, que tem como atributo a sustentação aérea do corpo. Eu esperava que o uso da rede pelos pacientes disparasse processos regressivos que apontassem no sentido do corpo sem órgãos; imagem de um bebê sustentado pelos braços de alguém: rumo ao ovo, seguindo pela involução dos devires: mulher, criança, animal, vegetal, molécula, imperceptível.

(...)

deitou na rede. passou boa parte do tempo falando de como sentia dificuldade de agir sozinho de modo a levar sua produção até o fim. sentia a necessidade de apoio e de que as pessoas confirmassem seus propósitos. ao longo do tempo, me disse algumas “frases” que pensou... não emiti juízos nem fiz observações, deixei que elas ficassem soltas. depois de desenvolver um tanto mais o tema inicial com exemplos, entrou num longo silêncio, esticando o corpo e

100clínica com c maiúsculo para me referir ao espaço, a sala; vamos ver se funciona.

espreguiçando-se na rede. Interrompi o silêncio perguntando: esse tema do início... isso também aparece aqui comigo? como tu sente isso aqui na análise?

a resposta foi longa. entre outras coisas ele associou o meu silêncio ao não reagir positiva ou negativamente, mantendo-me, de certo modo imperceptível ao seu próprio silêncio. o meu silêncio às vezes agenciava o silêncio dele. (minha pergunta foi motivada por isso; ele em silêncio, eu perguntando-me se isso teria a ver com precisar que eu fosse mais ativo).

no entanto, ele fez afirmações positivas sobre poder ficar em silêncio comigo, sem desconforto; mas, depois disso, fez uma pequena revelação transferencial importante: “porém, quando estou em silêncio e tu se mexe na poltrona ou faz algum barulho, eu fico em estado de alerta, como se daí pudesse vir alguma agressão, alguma retaliação”. ele tinha pelo que temer: seus cuidadores, ao que parece, foram pequenos tiranos. naquele momento, ele percebia que seu estado de atenção ansiosa, alerta, em relação aos meus barulhos que interferiam no silêncio vinha de outros tempos; mas que eram contemporâneos dele, ali, deitado na rede, num devir-criança: deitado em minha rede, como um menino.

é isto que eu considero na relação entre experimentação e transferência. a transferência, quando expressa em palavra deste modo abre o campo para a sua própria experimentação:

por que será que este sujeito reage assim, nesta situação? a partir daí, já temos com o que trabalhar.

5) EXPERIMENTAÇÃO PSICODÉLICA PROGRAMADA

a presença do assunto alucinógenos em uma pesquisa ou prática psicológica não poderia ser mais adequada. são drogas utilizadas desde o tempo antigo e ainda hoje, tradicionalmente entre os índios (que ainda existem).

a minha dissertação de mestrado *Clinica experimental: programas para*

máquinas desejantes, pode-se dizer que resultou da intersecção entre o programa psicodélico e o programa esquizoanalítico, em termos da criação de um método de trabalho com experimentações na clínica.

. Tarahumaras: o campo ritual é o campo de uma experimentação programada

por que começar com Artaud? três motivos principais – primeiro, porque Artaud vive os rituais dos Tarahumaras como um renascimento: fator terapêutico; segundo, porque Artaud insere a noção de Campo Ritual: aproximação da noção de ritual com a de programa experimental; terceiro, porque Artaud se converte a um certo cristianismo com a beerragem do peiote e depois volta atrás: seria possível pensar um encontro com as drogas sem os delírios e as alucinações, sem os fantasmas?

contexto: Antonin Artaud viajou para o México em 1936 para participar de um ritual de beerragem do peiote, junto aos índios Tarahumaras, situados na região da Sierra Maestra. Artaud tinha, entre outros, objetivos terapêuticos.

“O Tutuguri é um ritual de aniquilamento”. Antes de tomar o peiote, Artaud é atingido pelo golpe do feiticeiro - “o velho chefe me atingiu para ficar novamente aberta a minha consciência, mal nascido que eu estava para compreender o Sol; e depois de passarmos pelo TUDO, ou seja o múltiplo que as coisas são, a ordem hierárquica das coisas é que nos quer restituídos à simplicidade do um que é o Tutuguri ou o Sol, para então nos dissolvermos e ressuscitarmos através desse ato de misteriosa reassimilação¹⁰¹”.

O Campo Ritual se desdobra em dois momentos distintos. Primeiro é Tutuguri, sem beber peiote, quando o chefe índio atinge Artaud com o bastão, produzindo um deslocamento perspectivo, uma saída de si pela força e surpresa do ataque. O índio recua dois passos depois do golpe e descreve um círculo no ar, como se fosse lhe exterminar, como ele conta. É toda uma cena ritual sentida como ameaça de morte e aniquilamento, que parece funcionar como forma de colocar Artaud contra à parede, ou melhor seria dizer, colocar algo em Artaud, sua

101 *Os Tarahumaras*, Artaud.

subjetividade, seu organismo, num limiar quase que insuportável, de onde ele teria de saltar reinventando-se, renascendo.

Se a ponta do gládio me tocou a pele foi de raspão e só me fez deitar uma minúscula gota de sangue. Não senti nenhuma dor mas tive realmente a sensação de acordar a uma coisa para a qual eu estava até ali mal-nascido e orientado de forma errada, cheio de uma luz que eu nunca tinha possuído¹⁰².

Depois de dois dias ocorre a continuação do ritual, só então é que Artaud toma sua dose de peiote, induzido pela significação que o índio lhe dá sobre a experiência por vir. Diz o índio, segundo Artaud: “Ligar-te à entidade sem Deus que te assimila e cria como se fosses tu próprio a criar-te, e como tu próprio a cada instante no Nada e contra Ele te crias.”

Apareceu o sacerdote com dois acólitos, um homem, uma mulher e mais duas criancinhas. Traçou na terra um grande semicírculo no interior do qual deveriam dar-se as contorções dos acólitos e depois fechou-o com um tronco enorme onde me autorizaram a ficar. À direita, o arco de círculo era limitado por uma espécie de recanto em forma de oito que representava para o sacerdote, segundo compreendi, o Santo dos Santos. À esquerda era o Vazio: e nele ficavam as criancinhas. No Santo dos Santos é que foi posto o velho vaso de madeira com raízes de peiote....

. Programação de Experiências Psicodélicas

Para o psicólogo norte-americano Timothy Leary¹⁰³ o “conhecimento da consciência” dependeria da exploração programada de seus conteúdos. A partir do Projeto Psilocibina, Leary passou a pesquisar a consciência humana, como ele dizia, através da utilização de drogas alucinógenas. Inspirado pelo tantrismo

102 idem.

103 “Sobre a programação das experiências psicodélicas”, em MANDALA.

e por certos rituais com utilização do peiote de indígenas norte-americanos e mexicanos, Leary criou a idéia de Programação de Experiências Psicodélicas, que consistia em “organizar de antemão uma sequência de estímulos e não deixar nada ao acaso. Utilizando um programa, queremos controlar o conteúdo de uma experiência psicodélica e dar-lhe uma direção escolhida antecipadamente”. A proposta, que parece muito interessante no sentido de indicar uma via possível para que a experiência intensiva provocada pela utilização de alucinógenos possa compor planos de consistência, pode também se muito questionável.

Fim de Leary, viagem demasiadamente humana.

Não acho que seja possível que os alucinógenos fizessem de todo modo alguém perceber que vive em uma sociedade que o controla. No entanto, não há como negar que existem possibilidades de que isso aconteça; talvez até tenha acontecido com o próprio Leary, a seu modo. Porém, especular sobre uma causalidade específica das drogas, de onde se pudesse generalizar um mesmo efeito ocorrendo em “todo ser humano”, nos levaria a deixar de lado toda uma multiplicidade envolvida nos encontros intensivos agenciados pelo uso de alucinógenos. Na própria literatura específica sobre alucinógenos são fartos os exemplos de relações diferenciais com as mesmas substâncias. Por exemplo, ao contrário de Leary, que acabou por transcendentalizar o LSD e a si próprio,

Aldous Huxley pareceu seguir por uma via que o conduziu à imanentização das suas experiências, compondo na relação com os alucinógenos a possibilidade de um encontro direto com a realidade, com as multiplicidades, por assim dizer:

Platão parece haver cometido o enorme e absurdo erro de separar o ser do devir e identificá-lo com a abstração matemática da Idéia. Pobre homem, nunca pode ver um ramo de flores brilhando com sua própria luz interior, estremecendo-se abaixo da pressão do significado¹⁰⁴. (...)

. as instruções do Clube do Haxixe, de Paris:

¹⁰⁴*As portas da percepção*, Huxley.

Sabe-se, portanto, que se alguém deseja aproveitar ao máximo os efeitos mágicos do haxixe, é necessário se preparar antecipadamente e fornecer de alguma maneira o *motif* para suas variações extravagantes e fantasias irrestritas. É importante estar com a mente e o corpo tranqüilos, não ter nesse dia nenhuma ansiedade, tarefa ou horário, e estar em um apartamento que Baudelaire e Edgar Alan Poe adorariam: um quarto de decoração poética e confortável, luxo bizarro e elegância misteriosa; um retiro privado e escondido (...) Em tais circunstâncias, é provável, quase certo, que as sensações prazerosas naturalmente transformem-se em graças arrebatadoras, êxtases, prazeres inefáveis, muito superiores aos deleites pouco refinados prometidos aos fiéis no paraíso de Maomé(...) Sem essas precauções, o êxtase pode tornar-se pesadelo. Prazer, transformar-se em sofrimento; alegria, em terror. Uma angústia terrível toma conta da pessoa a partir de seu coração e irrompe com peso gigantesco(...) Outras vezes a vítima sente um frio congelante que a faz parecer um pedaço de mármore até os quadris¹⁰⁵.

¹⁰⁵*Flashbacks*, T. Leary. O “Clube do Haxixe” foi consagrado no livro de Theophile Gautier, homônimo do grupo.

BLOCO D
SOBRE A ILHA DESERTA
(ESTUDOS SOBRE O CORPO SEM ÓRGÃOS 2)

dizem que *Deus* inventou a segunda-feira para que possamos atravessar o deserto dominical e recomeçar a cada sete dias, para que tenhamos uma segunda chance (ou nova chance); se proteger das forças caóticas dominicais e voltar às atividades produtivas seriadas. a série é o que nos une. ser humano é criar séries.

segundo o I Ching, o livro das mutações,

São consideradas três diferentes tipos de mutação: a não mutação, a mutação cíclica e a mutação não recorrente. O imutável é, por assim dizer, o fundo indispensável sobre o qual a mutação torna-se possível. Toda mutação supõem um ponto constante que lhe sirva de referencial. Sem isso não poderá haver uma ordem definida e tudo se dissolveria num movimento caótico¹⁰⁶.

experimentação e esquecimento ativo andam juntos. o imutável é como a substância imanente, o que se repete, o *background* para as nossas experimentações. de muito não adiantaria uma experimentação que desse em desordem e desabamento. neste sentido, no I Ching vêm caos e cosmos - é preciso ir ao *caos*, mas com possibilidades de criar novo *cosmos*. a não mutação é a imanência, a mutação cíclica é a repetição como a preservação do mínimo necessário à continuação de uma vida, e a mutação não recorrente pode ser vista como a invenção de futuro, o agenciamento de devires a partir do caos ou *fora*.

o tema da *Ilha deserta* passou a fazer parte desta pesquisa como um campo de estudos do conceito de *Corpo sem órgãos*. logo depois de concluído o mestrado, sobre experimentações em clínica a partir da esquizoanálise, veio a

106 *I Ching*, Segundo livro.

necessidade de um aprofundamento no assunto, de modo a tentar adquirir mais precisão na sua aplicação prática, e encontrar melhores meios de comunicar aos leitores deste trabalho, a interpretação que estamos dando a este conceito, desde a dissertação sobre clínica experimental.

tendo tido a oportunidade, em decorrência da produção do projeto deste doutorado, de dar continuidade àquele caminho de pesquisa, planejei dois campos principais de estudos sobre o *corpo sem órgãos*: o ovo, como vimos no bloco B, e a ilha deserta, que veremos agora. esta escolha se deveu as conexões entre *corpo sem órgãos*, ovo e ilha deserta, que encontramos em textos de Deleuze e Guattari, durante a preparação desta pesquisa. a primeira, como vimos, é a afirmação de que o “corpo sem órgãos é o ovo”¹⁰⁷; e a segunda, que traremos agora, onde Gilles Deleuze diz que “a ilha (...) é como um ovo. O ovo do mar, ela é arredondada”¹⁰⁸; diga-se de passagem, esta será a primeira referência de Gilles Deleuze sobre o ovo, em toda a sua obra¹⁰⁹. no entanto, não é exatamente por ser circular, envolvida pelo oceano em todo o seu perímetro, que Deleuze está dizendo aí, que uma ilha deserta é como um ovo, mas por ter, segundo a sua perspectiva, os mesmos atributos que ele vê no ovo.

portanto, o corpo sem órgão é um ovo e uma ilha deserta é um ovo: consequentemente, uma ilha deserta é um *corpo sem órgãos*.

mas em que sentido podemos dizer que uma ilha deserta é um ovo, ou corpo sem órgãos, para além das aparências?

antes, dissemos que um corpo se órgãos é o ovo e que sobre ele são construídos os estratos correspondentes a construção de um ser humano – subjetividade, organismo e significação.

usando a definição de Deleuze, a ilha deserta seria um tipo de ovo que está em relação com o mar enquanto o seu fora absoluto, e com o mundo, enquanto o seu

107 Mil platôs vol3, p. 27

108 “Causas e razões das ilhas desertas”, em *Ilha deserta e outros textos*. p. 19-20

109 há várias menções ao “ovo” na obra de Deleuze; para aprofundar no tema ver o estudo de Luiz Orlandi, uma coletânea não publicada, (que podemos disponibilizar na web, caso o autor permita).

duplo. mas que estranho ainda pode parecer dizer que um ilha deserta é o mesmo que um ovo; e não por seu formato circular, muito comum, principalmente em ilha vulcânicas, ou pelo fato de ser circundada pelo oceano.

no primeiro parágrafo do seu texto, Deleuze define dois tipos de ilhas: as continentais e as ilhas oceânicas (ou originais ou essenciais). a *ilha deserta* é uma ilha oceânica, está fora do alcance dos povoamentos continentais; historicamente, só foram alcançadas quando os seres humanos começaram a navegar pelos mares; os Polinésios, no pacífico sul do oriente, parecem ter sido os pioneiros. originais, essenciais, porque nessas que se mantiveram virgens, sem colonos continentais, qualquer ser humano que chegue até lá, precisará começar do zero se quiser tentar prosperar.

diz Deleuze, no segundo parágrafo:

Sonhar ilhas, com angustia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou então é sonhar que se parte do zero, que se recria, que se recomeça¹¹⁰. (p.18)

a ilha oceânica é como um *corpo*, uma individuação integral, e *sem órgãos* porque do ponto de vista do ser humano ela é virgem, ou seja, desprovida das construções e instituições humanas – sem organizações sobre si. donde temos a tal identidade entre ovo e ilha, na medida em que o ovo está para o ser humano, assim como a ilha deserta está para o mundo (humano) – ovo e ilha deserta são *corpus integrais*, sem os “órgãos” das construções subjetiva e social.

. começar do zero ou... involuir¹¹¹

ao mesmo tempo em que o tema da ilha deserta nos leva a imaginar o humano primitivo (primeiro, original), também faz com que o indivíduo colocado nesta

110 “Causas e razões das ilhas desertas”.

111 conceito que vem de Gilles Deleuze, acredito que desde esse seu texto sobre ilhas desertas; como veremos na nossa interpretação do “efeitos ilha deserta” sobre a subjetividade.

situação seja forçado a começar do zero ou praticamente do zero. a questão da ilha deserta é sobreviver, mas é sobreviver também o ser humano. sabemos que a questão diária para todo animal selvagem, ou seja, não domestico, é a sobrevivência; cuidar de encontrar alimento e água e cuidar para não virar alimento de outrem.

...

sonhar com ilhas desertas, se por a imaginar um ser humano nesta situação, é uma viagem psicológica; digo, obviamente, da perspectiva de um psicólogo. a ilha deserta é um extremo, o pólo mais remoto do centro humano humanizado. o que acontece com um ser humano quando está sozinho consigo mesmo? eis a ilha, condição extrema porque fora dela é o oceano; pressupõe-se uma situação de onde não há saída razoável; o mar é para poucos; uma jangada é somente um esperança muito frágil. além de um série de atributos da ilha deserta, que poderíamos continuar citando, ela pode ser experimentada de um modo programado; ou seja, não necessariamente se precisa naufragar em uma delas, para experimentar os seus efeitos. é possível imaginar, por exemplo, como um escritor que se coloca a criar um estória dessas, como um Daniel Dafoe, de Robinson Crusóé, ou mesmo Homero, que começa a sua Odisseia com o herói vivendo sozinho numa ilha; sozinho enquanto ser humano, já que acompanhado por uma deusa; Deluze vai dizer “os seres que vivem nas ilhas”: Calipso – o que significa a companhia de uma deusa? a personificação da ilha, a ilha enquanto forma humanóide, representação das suas forças atratoras: ela é deusa capaz de não deixar alguém partir, filha de um pai de força incomensurável, sustentador de todo mar oceano, Poseidon; astuta e sedutora, prende o ser humano com promessas de imortalidade (que nada mais é do que morrer sozinho). sonhar ilhas, na melhor das hipóteses, é sonhar a companhia de uma deusa canora¹¹².

o caso mais conhecido na literatura, parece-me que está em As aventuras de Robinson Crusóé¹¹³. e não se poderá dizer que ele parte do zero. Robinson,

112 *Odisseia*, Homero.

113 de Daniel Dafoe.

independente da versão, retira muita coisa essencial para sobreviver do seu navio que está encalhado na ilha: fumo, vinho, fogo, Bíblia, espingarda, e até um barril de pólvora. Robinson praticamente instala na ilha uma cópia do mundo que conhece, do mundo que o fabricou como Homem. ele não recomeça do zero. ele está desterritorializado, mas não absolutamente; separado do mundo, da cultura, da relação com o outro: isolado, ilhado, mas trazendo consigo todo um repertório cultural de onde inventar os meios para sobreviver.

nenhum humano comece realmente do zero, mesmo em condições extremas, como a de uma ilha deserta; a sabedoria da raça sobre a criação de ferramentas, tão primitiva entre nós, pode ajudá-lo a construir uma faca com um pedra ou até com uma concha. a ancestralidade precisa se fazer presente nesta hora. tudo aquilo que passa despercebido e recalado na vida urbana, precisaria reaparecer... “nada de tranquilizador nisso tudo”, diz Deleuze, pois “o homem só pode viver bem, em segurança, ao supor findo (pelo menos dominado) o combate vivo entre a terra e o mar¹¹⁴”.

o oceano aberto é o fora absoluto para um humano. naufragado no meio do oceano, todo ser humano que deseje realmente viver, quer a mesma coisa: chegar em terra firme. mesmo que seja em uma ilha deserta. estar à deriva no meio do oceano é como estar num deserto de água salgada, que impossibilita a vida humana de prosperar. a ilha deserta só tem o seu sentido para nós, por que o oceano em torno dela levanta um muro em torno de nós.

nestas mesmas condições, por onde você começaria? experimente imaginar. Deleuze está propondo pensarmos que esse começo é um recomeço. que a ilha deserta, portanto tem este atributo de produzir o recomeço do humano, ou um humano que precisa recomeçar, recriar.

para a vida sobressair, é preciso construir as condições necessárias. e o que se parece mais com essa situação do que o próprio ovo em sua originalidade? porque o ovo, como vimos é o começo, o princípio imanente. se tudo aquilo que mantém o mundo e o sujeito funcionando, de repente, desaparece, tudo pode

114 “Causas e razões das ilhas desertas”, p. 17.

terminar em questão de pouquíssimo tempo. em uma ilha deserta, as instituições simplesmente tendem ao zero, vão desaparecendo, mesmo as instaladas nas estratos do sujeito. Robinson, de Tournier¹¹⁵, depois de um tempo de desespero e depressão, recomeça por inventar um relógio d'água e marcar a passagem dos dias, organiza o seu tempo numa semana de sete dias, como no mundo em que vivia. para não enlouquecer ou morrer, Robinson faz da ilha um Estado, transforma-se em governador, se segura como pode.

Havia ilhas derivadas, mas a ilha é também aquilo em direção ao que se deriva; e havia ilhas originárias, mas *a ilha é também origem*, a origem radical e absoluta. Separação e recriação não se excluem, sem dúvida: é preciso ocupar-se quando se está separado, é preferível separar-se quando se quer recriar; contudo, uma das tendências domina sempre¹¹⁶.

1. evolução, involução

imaginemos que o tema da ilha deserta deva ser tão antigo quanto a primeira vez que um ser humano viveu esta situação. uma figura muito antiga, recém tornando-se humana, aprendendo ainda a controlar o corpo sobre apenas duas patas e, portanto, ainda na infância do aumento radical de território que passaria a ter algum tempo depois. aumentando o seu território existencial, o ser humano arcaico não demoraria em olhar para o mar como um lugar a ser explorado, para além das praias piscosas.

2. separado, sozinho.

imaginemos uma ilha deserta, habitada por um único homem, longe demais dos continentes, separado radicalmente da sociedade e da civilização, circundado pelo oceano avesso e assassino de homens... partiremos dela; nosso experimento de re-construir o mundo: por onde você começaria?

3.

115 *Sexta-feira ou os limbos do pacífico*, Michel Tournier.

116 G. Deleuze, "Causas e razões das ilhas desertas", p. 18

seria necessário inventar um modo de naufragar para se chegar a compreender? o náufrago não está no limite, na borda, mas limitado; ele não desejou tal destino, foi levado até ele; no início, é apenas grato por não ter acontecido o pior, já que o mar homicida de homens é o mais terrível dos meios; chegando numa ilha, ele ao menos terá outra chance, ao menos restou-lhe a sua vida; mas que vida? sob que condições?

4.

uma ilha deserta, seja quando for, tem e terá a potência de levar o homem a involuir, literalmente; há algo nessa situação, que força qualquer civilizado a tornar-se um selvagem ou até mesmo um animal, para sobreviver; de repente, um homem nas condições que a ilha lhe determina, percebe que sem o outro e sem todas as instituições humanas em uma sociedade, ele pode muito pouco - trata-se daquela situação em que, esquizoanaliticamente falando, o recalcado vem à tona; a ilha deserta está para a civilização, assim como o ovo está para o homem; assim como o delírio está para a razão; assim como a deriva está para uma viagem programada. mas estamos indo rápido demais; e não desejamos naufragar logo depois de partir, como o ilustre *Robinson*.

* * *

para tratar do tema da ilha deserta - entenda-se por deserta, desabitada por humanos e não um deserto árido e avesso à vida orgânica vegetal e animal -, ocupei-me principalmente da análise de duas obras literárias, *As aventuras de Robinson Crusóe* (1719), de Daniel Defoe, e *Sexta-feira ou os limbos do pacífico* (1967), de Michel Tournier; de dois textos de Gilles Deleuze, *Causas e razões das ilhas desertas* (considerado o primeiro texto do então jovem filósofo, escritos nos anos 50, de onde se poderia dizer que Deleuze parte de uma ilha deserta) e *Michel Tournier e o mundo sem outrem*¹¹⁷ (1968); e ainda assisti uma série de programas documentários televisivos, donde selecionei um em especial, chamado *Nu e abandonado*¹¹⁸, onde o autor e personagem protagonista, Ed Sttaford se propõe a sobreviver em uma ilha deserta remota do arquipélago de

117 “Lógica do sentido”.

118 Canal Discovery

Fiji, no Pacífico sul oriental, durante 60 dias, sem qualquer tecnologia básica para facilitar a sua sobrevivência, como faca ou dispositivo para fazer fogo e sem equipe de filmagem; o que se conectou a um outro tema desta pesquisa, o *video autorretrato*, porque Ed filma a si mesmo. a importância deste programa específico está na radicalidade da experimentação; por não haver nenhuma tecnologia disponível, o personagem começa a sua jornada mais perto do zero, numa situação mais “involuída”, podemos dizer, do que se estivesse provido de faca ou modo de fazer fogo.

além dessas obras, uma experiência pessoal, disparada um ano após o início do doutorado, aproximou-me bastante da condição do ilhado. passei a ocupar uma casa numa montanha, que serviu-me de experiência similar a da ilha deserta; este campo experimental, ou corpo sem órgãos, se preferirmos, foi apoiado em uma frase de Deleuze, do seu primeiro texto que referi acima, em que ele diz “a montanha é como uma ilha...”. a minha ilha não chega perto de ser deserta, nem próxima as altitudes quase impossíveis de um monte Everest, que chega a 8.450m, mas por não haver vizinhos nas cercanias mais próximas, a baixa densidade demográfica me deixou mais próximo das condições do solitário ilhado; condição aumentada pela falta de um veículo motorizado com o qual pudesse sair com facilidade e ir até o vilarejo mais próximo. sempre me via pensando que aqui, se algo me acontecesse de pior, como um galho de pinheiro cair sobre mim ou ser atacado por um animal selvagem, meu corpo ou restos só seriam descobertos dias depois; se os abutres deixassem algo para ser encontrado. nada contra meu corpo servir de repasto as bestas, se eu não estiver mais vivo – *o que é da terra a terra há de comer*; o problema é se dar mal e não ter a quem recorrer ou alguém para te salvar em tempo. acontece algo parecido com Robinson, quando ele adocece depois de comer uma tartaruga; enfermo, ele que era um ateu convicto, passa a chamar por Deus e a ler a Bíblia e rezar – acho muito interessante, já que este Deus hebreu, a quem ele ora, é a deidade do homem do deserto, do nômade, do sem morada certa. poucas coisas são piores do que ficar doente, uma delas é ficar doente sozinho; sozinho numa ilha circuntalássea, nem se fala. quando Robinson refaz sua ligação com este Deus transcendental passa a ter com quem dialogar, além de si mesmo.

além da condição de relativo isolamento, na minha ilha-montanha, tomei como atividade experimental básica de sobrevivência lidar com a manutenção do fogo. durante os primeiros meses de ocupação da casa não instalei fogão a gás, dependendo exclusivamente do fogão a lenha para os afazeres de cozinha. o trabalho de coleta, corte a machado e facão e armazenamento de madeira seca, logo se mostrou uma árdua tarefa para ser realizada solitariamente, que nunca se conclui, nunca se termina, provocando uma relação cíclica e direta com a Terra e o que ela oferece de recursos. o grande valor que esta experimentação me trouxe não será suficientemente relatado nesta tese, mas estou preparando um desdobramento expressivo associado ao texto, em forma de vídeo autorretrato, que planejo apresentar junto com a tese e que talvez de conta desta parte.

Deleuze se refere aos dois romances no segundo texto, onde, é claro, porque o próprio nome do texto assim explicita, privilegiará a obra de Michel Tournier, e a respeito do livro de Daniel Defoe, assim como já ocorreu no seu primeiro texto sobre ilhas desertas, manterá suas críticas e comentários negativos sobre o personagem e o seu autor. meu contato com estes dois romances se deu depois da leitura dos textos de Deleuze, começando pela obra de Tournier e depois, quando já estava habitando minha ilha experimental na montanha, realizei a leitura do Robinson de Defoe, que para a minha surpresa, pelo seu realismo, produziu um efeito muito diferente do que a expectativa que havia sido construída a partir da leitura dos textos de Deleuze.

depois de ter lido os dois romances, não me pareceu que um deles devesse se sobressair ao outro, como fez Deleuze, colocando o livro de Tournier como mais interessante que o outro; inclusive não recomendando a leitura do Robinson original. no que diz respeito ao pensamento sobre o tema da ilha deserta, esses dois excelentes romances, na minha perspectiva, eram complementares entre si, cada um tratando de diferentes abordagens sobre o mesmo tipo de experiência. Deleuze interpreta o incessante trabalho do primeiro Robinson como uma marca de um capitalista protestante repetindo o modelo inglês; mas a experiência que a situação da ilha provoca, de nunca se poder parar de trabalhar para sobreviver, mostram que, sozinho, nestas condições, não há outro remédio a não ser reinventar um mundo a partir do repertório cultural que se tenha disponível.

não sei das razões que levaram Michel Tournier, ao escrever um romance sobre um naufrago numa ilha deserta, sobrepor o seu trabalho ao de Daniel Defoe, já que os personagens da sua estória se distinguem, quase que absolutamente, dos originais homônimos. independentemente das suas razões, o fato é que com isso, Tournier faz a gente entrar em comparações e diferenciações. a facilmente observável está no próprio título em que o primeiro traz o *Robinson* como seu personagem ao leitor e o segundo *Sexta-feira*, parece fazer o personagem principal se tornar o “selvagem”. apesar dos personagens europeus dos romances terem o mesmo nome, os dois naufragam em regiões diferentes e ainda, separados por um século de intervalo. o primeiro, naufraga no oceano Atlântico, em uma das ilhas do mar caribenho, em frente a foz do rio Orenoco, no ano de 1659¹¹⁹. o segundo, um século mais tarde, em 1759¹²⁰, próximo das ilhas Juan Fernandez, no oceano Pacífico ocidental, a oeste da costa chilena, logo depois de cruzar o estreito de Magalhães.

este estreito localizado abaixo da terra do fogo, no extremo sul da América, considerada a zona de encontro entre o Atlântico e o Pacífico, que recebeu seu nome em homenagem ao navegador Fernando de Magalhães, primeiro a cruzar a região, em 1520, donde seguiu pelo pacífico sul em direção a Indonésia, onde foi morto em batalha; sua expedição tornou-se a primeira que conseguiu dar a volta ao mundo em uma caravela, retornando para Sevilha em 1522, com apenas 4 dos 55 homens que partiram em 1519; finalmente o sonho Colombiano havia se realizado e as teses que sustentava tinham sido comprovadas; era possível chegar as índias pela via do ocidente e a terra era, comprovadamente, redonda – esta viagem ficou conhecida como a primeira de circum-navegação. este “estreito” no cone agudo do cordilheira do sul dividindo o espaço com o pampa ao oriente; no seu ocidente o oceano Pacífico sul ocidental: arquipélago de Juan Fernandez no Chile, Galápagos no Equador; onde Darwin esteve, superprotegida para evitar introdução de espécies estrangeiras, tanto de animais como de vegetais, e a ilha do Diablo, no Panamá¹²¹.

119 “As aventuras de Robinson Crusoe”, pg. 48

120 “Sexta-feira ou os limbos do pacífico”, pg. 08

121 não tem exatamente a ver com navegação, mas gosto de um programa da série Survivorman em que ele passa uma temporada no extremo sul, na Patagônia, na região de pampas, em meio a rebarros

esta localização tem a sua importância histórica para o assunto ilhas desertas, pois foi aí que, em 1704, Alexander Selkirk¹²², foi abandonado numa destas ilhas depois de se rebelar contra o capitão do navio que tripulava, passando quatro anos sozinho até ser resgatado; o capitão do navio que o recolhe lhe chama de “governador”: era uma espécie de anedota com motivos reais, já que os Estados da época davam o poder para os seus marinheiros de tomar posse das ilhas e terras, enquanto governador nomeado pelos reinos. esta história real, tornada pública durante a vida de Daniel Defoe, teria sido uma grande fonte de inspiração para o seu romance. Selkirk sobreviveu numa ilha que era conhecida até pouco tempo por *Más a tierra*, pertencente ao arquipélago Juan Fernandez; em 1968 o governo chileno mudou o seu nome para Ilha Robinson Crusóe; o que não deixa de ser curioso, do ponto de vista do romance que lhe deu o novo nome, já que o Robinson de Defoe habitou uma ilha do mar caribenho.

na verdade, apenas a história pré-ilha e o roteiro de viagens do Robinson original, antes de chegar a sua ilha, me importa comentar nesta obra, já que o segundo Robinson já está na nave desde o princípio do enredo, jogando tarô com o capitão holandês. o Robinson Crusóe, de Daniel Defoe, é apresentado ao leitor como um desgarrado, um sujeito que se marginaliza em relação ao futuro que lhe era destinado pela família, que escolhe fugir de casa para realizar o seu desejo de aventurar-se em alto mar, tonar-se um marinheiro; é como um filho pródigo, numa viagem sem volta, como tantos outros homens que desde as grandes navegações do século XV zarparam dos portos europeus para se

chimarrões de gado vacum e de cavalos livres. uma terra tão inóspita, que o ser humano nunca conseguiu perdurar por muito tempo; se trata do episódio intitulado “Argentina”; uma remota região por onde os europeus passarão a cruzar e a naufragar, desde a experiência de Magalhães; até a escavação do canal no Panamá, este era o único caminho para o litoral Pacífico das Américas. o filme esta no Youtube, neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=muRxSFkZaSE>. a região passa a ser ocupada, rarefeita mente pelos *gauchos* ou *gauches*, o povo novo que vai se criando a partir da chegada principalmente dos espanhóis, e o sua mistura com os índios locais. a rota principal que levava os espanhóis e exploradores ao sul, ficava um pouco mais ao norte, mas ainda no Atlantico, adentrando o rio da Plata, ou seja, da prata literalmente, porque pelas suas veias escorria toda a prata da montanha de Potosí. uma excelente fonte histórica sobre esta ocupação pode ser encontrada no livro de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*; Ed. L&PM.

122 https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Selkirk

aventurarem pelo mar afora.

Meu pai (...) transmitiu-me os melhores ensinamentos que uma educação familiar e uma escola pública de interior permitiam e encaminhou-me para o Direito. Mas nada me satisfaria a não ser ir para o mar, e essa inclinação impeliu-me tão fortemente contra a vontade e até contra as ordens do meu pai (...)¹²³.

o velho Crusoé se opõe aos desejos do filho e tenta dissuadi-lo em favor dos seus próprios ideias, de que o herdeiro seguisse um caminho que lhe asseguraria uma “vida média” que, segundo o patriarca, era o melhor que um homem poderia querer; mas Robinson queria algo que já não fosse uma imagem pré-concebida.

Meu pai (...) perguntou-me que razões, além da mera inclinação à vagabundagem, tinha eu para abandonar a casa paterna e minha terra natal, onde poderia me tornar conhecido, tendo perspectiva de construir fortuna (...)¹²⁴.

nessas condições, sem a concordância da casa paterna, Robinson foge na calada da noite para a sua primeira viagem marítima, deixa-se arrastar pela sua linha de fuga, pelo seu pólo esquivo, e vai embora a bordo de um navio que pertencia ao pai de um amigo. será a primeira de muitas viagens. neste caminho, ele se torna um marinheiro mercante, trabalhando nas rotas comerciais inglesas que faziam comércio ao longo da costa africana. em uma destas viagens, acaba por cair em desgraça: a embarcação em que navegava é assaltada por barcos mouros e ele é um dos sobreviventes capturados e tornados escravos do chefe de uma aldeia no noroeste africano. depois de sofrer por muito tempo as dificuldades e incertezas de uma vida de escravo, ele aproveita uma janela de oportunidade e consegue fugir com o pescueiro do seu amo. sua aventura seguirá pela costa selvagem africana, onde encontros marcantes com feras e africanos aborígenes vão dando colorido ao enredo. depois de muita água percorrer, em navegação de

123 *As aventuras de Robinson Crusoé*, p. 08-09.

124 *idem*.

cabotagem, ele decide tentar a sorte em alto mar e acaba avistando uma grande embarcação da qual consegue se aproximar e ser resgatado; era um cordial capitão português, indo em direção ao Brasil, mas precisamente à Pernambuco. nesta terra, *onde se plantando tudo dá*, ele se transformará num promissor dono de engenho de açúcar. somente mais tarde, depois de bem estabelecido, Robinson concorda com a oferta dos seus sócios, de levar um embarcação à África para trazer escravos negros ilegalmente, já que o comércio de seres humano estava proibido. somente aí, pouco tempo depois de zarpar de algum porto pernambucano, ele enfrentará dias terríveis de intensas tempestades que levarão sua nau ingovernavelmente para o norte, até naufragarem nos arrecifes pontiagudos que envolviam ao largo a ilha onde ele viverá sozinho durante os próximos vinte e oito anos. mas por que passar por toda esta introdução do caminho que leva Robinson até a sua ilha?

é que Defoe fará o destino de Robinson coincidir com o da história humana, a partir das suas navegações pela costa africana, que se sobrepõe as primeiras rotas das caravelas portuguesas ao se distanciarem da Europa.

o Robinson, de Defoe, reconstitui o caminho dos descobrimentos marítimos europeus navegando pela costa da Africa, depois o Brasil e por último o seu naufrágio na América central. depois, na ilha, ele recriará quase tudo que os seres humanos criaram de mais importante durante milhões de anos, numa espécie de caminha evolucionista, começando de uma situação bastante involuída, vivendo de coleta e da caça, para depois reinventar a agricultura, cultivando uvas e cereais, domesticação dos animais, reinventando a cerâmica, que permitiu produzir pratos e recipientes, até conseguir, depois de cultivados os cereais, reinventar um modo de fazer pão. esta obra, portanto, nos serve como um rico exemplo do que o próprio Deleuze quer dizer com precisar recomeçar a partir do zero; que nunca é do zero e sempre um recomeço porque tem um repertório que o humano carrega consigo pra onde ele for.

e qual foi a principal questão que me interessou a partir da leitura do Robinson de Michel Tournier? não é a mesma cena que Deleuze destaca, em que *Sexta-feira* luta com um bode chimarrão, até matá-lo à unha, praticamente, e depois

faz de alguns dos seus restos dois instrumentos musicais; nem mesmo o lugar reservado para a expressão da sexualidade no texto, que não recebe uma linha sequer no outro; Tournier tem consigo a marca dos anos sessenta: o erotismo com a Terra e o belo enredo com as Mandrágoras nascendo do amor com a ilha (dizem que os enforcados tem ereções e ejaculam no ápice da agonia, e do encontro do seu sêmen com a terra, nascem as Mandrágoras – aliás, a ereção dos enforcado pode se ver numa gravura do Goya sobre a guerra civil); além, é claro, da transa implícita que parece se desenvolver entre Robinson e Sexta-feira.

sobre o romance de Michel Tournier, o que mais importou foi a oportunidade de observar Robinson oscilando muitas vezes entre o lodo ou o vale da Mandrágoras à super administração organizadora, como exemplo perfeito para se pensar ou observar o ir e vir da subjetividade entre o seu *pólo esquizo* e o seu *pólo paranóico*, tal qual um movimento pendular. este aspecto da experimentação com a ilha deserta, privilegiado por Michel Tournier, nos motivou ao estudo e a observação dessa ideia “esquizoanalítica”, ligada a “*segunda tarefa da esquizoanálise*”, dos dois pólos que temos nos limites dos investimentos sociais humanos, o “pólo esquizo” e o “pólo paranóico”¹²⁵.

o diário de bordo, dos navegadores é o livro de registro; por isso em inglês, vemos, por exemplo, nas Aventuras de Robinson Crusóé, a presença de um diário, ou *log book*, como também em Sexta-feira. sobreviver numa ilha deserta sozinho é, do ponto de vista do sobrevivente, uma grande viagem. o diário de bordo, ao mesmo tempo, se torna uma espécie de acompanhante do sobrevivente; tendo a escrita a sua existência devida a presença do par, ou duplo, escritor-leitor¹²⁶; para o solitário, o registro diário dos acontecimentos relevantes em sua vida, se torna a presença virtual de um outro ser humano. ...

* * *

125 “Introdução à esquizoanálise”, capítulo 4: *O anti-Édipo*.

126 Ana Godoy. A força das ilhas evanescentes.

em que implica viver numa ilha? é começar involuindo para um estado sem garantias, sem estoques, sem ritmo de segundos e minutos. estar sobre a ilha, só, é como estar ligado diretamente na força, na pulsão; ou seja, o sujeito involui até um estado animal, é preciso recorrer a espreita e aos seus instintos corporais para tentar encontrar água doce e comida para sobreviver.

em Robinson Crusóe, o clássico de Daniel Defoe, depois de estabelecido há anos na sua ilha, como ele diz, com as facilidades tecnológicas que teve para a sua adaptação a partir dos objetos que retirou do navio, muitas vezes, Robinson encontra-se meditando sobre como lhe teria sido a vida na ilha se não tivesse podido contar com o que havia na embarcação:

Passava muitas horas e até dias representando para mim mesmo nas cores mais vivas o que haveria acontecido se eu não tivesse tido acesso ao navio.(...).. teriam me faltado ferramentas para trabalhar, armas para me defender, ou pólvora e metralha para obter comida¹²⁷.

seja no século 17, como o caso de Robinson, na época dos gregos ou dos fenícios, e até hoje, um navio é ainda uma espécie de arca; assim como a de Noé; que leva uma espécie de representação da civilização. no mito do dilúvio, a arca existe como um resíduo de civilização, de onde se poderá recomeçar sem que se precise chegar ao grau zero; nela, temos um bocado do que já criamos, a partir de onde recomeçar. em uma embarcação que se dirige ao mar (mediterrâneo) ou ao oceano, cuida-se carregar consigo o que for preciso para sustentar a vida, pelo máximo de tempo possível – um navio é como uma arca, mas também como um ilha; mesmo que não seja o caso de ocorrer um naufrágio, na época dos antigos, derivar era quase sinônimo de navegar, o que fazia impossível prever quanto tempo se poderia passar em alto mar; os navios à vela - as caravelas - dependiam exclusivamente das correntes marítimas e dos ventos para se deslocar no oceano; portanto, todo aquele que zarpava de um porto, não tinha nenhuma garantia de onde iria desembarcar. Robinson parte do nordeste brasileiro, onde era um promissor plantador de cana, em direção à África, como

127 “As aventuras de Robinson Crusóe”, p. 140.

o objetivo de apanhar escravos; mas logo depois de zarpar, o navio é carregada durante dias ou semanas por duas séries de tempestades e furacões, que o arrastam por todas as direções, fazendo-o ficar completamente perdido, sem a referencia do sol ou das estrelas, até encalhar e decidir descer ao mar no bote, antes que as ondas viessem a desmanchar completamente o barco. erro-*Crasso*¹²⁸, pois o pequeno escaler não suportará a violência do oceano e, num verdadeiro escarcéu, todos serão lançados ao mar; Robinson será o único sobrevivente, que depois de quase morrer afogado é levado pelas ondas até a segurança da terra firme, de alguma ilha desabitada do mar caribenho, como mais tarde se saberá. ele chega na ilha, apenas com o seu corpo, sem nenhum objeto com o que contar. mais tarde, no outro dia apenas, percebe o navio encalhado numa espécie de banco de areia ou recife de corais, que se estendia por alguns quilômetros, da praia em direção ao alto mar, de modo que ficava longe da ilha propriamente dita. era como se esse braço da ilha tivesse segurado o barco. no entanto, com muito esforço diário, durante muitos dias, foi possível para Robinson retirar muita coisa útil do navio, antes que o investimento constante do mar e dos ventos o consumisse; não fosse o conteúdo impressionante contido no navio, que faz o leitor se surpreender com a quantidade de carga que uma daquelas embarcações podia suportar, sua situação seria bem diferente.

Nada teria para comer além de peixes e tartarugas, e como não fora senão muitos dias depois que encontrei qualquer um desses animais, teria morrido antes, ou teria vivido como um mero selvagem. Se conseguisse abater uma cabra ou uma ave, por meio de qualquer artifício, não teria como esfolar ou abrir essas criaturas, separar a carne dos ossos e das entranhas, ou cortá-la. Teria que mordê-la e arrancá-la com meus próprios dentes e unhas, como um animal¹²⁹.

qual a diferença, com ou sem navio? o que realmente mudaria? é o ponto de onde a jornada começa; tudo que há no navio determinará o seu destino na ilha.

128 destaque por conta de Crasso, general romano que dividia o poder com Pompeu, o grande, e Julio Cesar, e que para se equiparar a esses em conquistas militares programa uma invasão da Pérsia e acaba por ser aniquilado no estrangeiro.

129 “As aventuras de Robinson Crusoe”, p. 140.

por exemplo, se ele não pudesse contar com as armas de fogo e a pólvora, estocada em abundância no navio, não teria tido um dispositivo para fazer fogo; por isso, fazer fogo não é privilegiado no romance, não é uma questão para o autor; mas nós podemos imaginar que diferenças haveria na experiência do herói; imagino que ele ficaria um longo tempo sem os prazeres e a segurança do fogo e depois de muito penar, de experimentar uma dúzia de métodos por fricção, começaria a ter o controle do fogo. acho que Robinson, ou o seu autor, exagera; ele teria inventado um modo. fazer fogo fica tão à margem da história que a única questão dele com a pólvora e a metralha é com as vantagens que teve em poder caçar com arma de fogo; a arma de fogo, é um dispositivo que faz fogo e com isso, pode disparar projéteis: basta disparar a pólvora na direção das mechas e gravetos que você terá uma fogueira em pouco tempo. ele pondera: *não fosse as espingardas...* “nada teria para comer além de peixes e tartarugas”; Robinson e sua autocomiseração - acho que ele daria um outro jeito; essa é a importância da ilha. o navio, só é importante, porque é ele que vai determinar certas linhas da experiência, mas não a sua totalidade. sem facas e machadinhas, que eles levavam a bordo para trocar por escravos negros na África, ele teria muitas outras dificuldades, como ao carrear as suas presas.

uma ilha deserta, nessas condições de isolamento e solidão, dispara uma viagem onde encontrar os meios de se manter a própria vida, torna-se uma ocupação que se estende ao infinito; ninguém fará nada por você. caso não possa ter acesso as ferramentas de sua época, que no caso de Robinson ele vai tirar do navio, um ser humano tende em direção a uma escolha, entre deixar-se morrer ou lutar para viver; por isso o navio é mesmo uma ajuda divina para ele, cheio de coisas sobrenaturais; sem o navio, provavelmente não seria tão ruim como ele imagina, mas se ele não desse conta de inventar muita coisa, como um meio de fazer fogo, armadilhas para capturar animais etc, sua viagem começaria de um ponto muito mais arcaico; ou seja, a involução do herói seria cada vez mais radical, e ele preocupa-se em tornar-se um selvagem ou um animal; como acontece com cães: abandonados em lugares selvagens, onde deixam de contar com as facilidades humanas, voltam ao estado selvagem, onde o lobo recalcado no interior vem à tona, volta a conduzir o espetáculo¹³⁰. a condição da ilha deserta é

130 novas teses arqueológicas indicam que todo cachorro existente no mundo deriva da domesticação do

como isso, um força contra um ser humano, que precisa lutar para evitar a sua condição original: *o ovo*.

de onde você partiria? de onde recomençaria? o que levaria no seu navio?

poderíamos inventar uma espécie de jogo: como *você* construiria o seu romance de “Robinson Crusóé”? mas podemos mudar o nome do personagem, perder a referência com este antepassado clássico, quase um mito; diferentemente do que acontece na obra de Tournier, que fica ancorada nele, não só pelo nome, mas por algumas outras escolhas que ele faz: só para exemplificar: ambos têm armas de fogo e pólvora; o que é garante aos personagens um meio fácil de fazer fogo, de começar uma fogueira e, com isso, ter aquecimento, como ferver água para torná-la potável, cozinhar alimentos etc.

como vimos, o personagem Crusóé original, num certo momento, também brinca desse jogo, analisando a sua situação e imaginando como poderia ter sido o seu destino, caso tivesse chegado a ilha desprovido de qualquer coisa; em que ele se tornaria para sobreviver; quais os devires que se apresentariam a ele, num *vai ou racha* – “eu teria vivido como um selvagem ou um animal”.

o nome do nosso personagem pouco importa. a regra básica desse jogo é que precisa ser um único ser humano em uma ilha desabitada por outros seres humanos, mas que tivesse os mínimos recursos necessários a manutenção da vida. em vez de Robinson, ele poderia se chamar Richard e ter o I ching ou a Ilíada consigo, em vez da Bíblia. que consequências essa diferença poderia fazer na experiência na experiência?

o nosso herói poderia não ter um “sílex” ou pederneira, para acender fogo. o sílex é uma pedaço de rocha que quando em contato com peças de metal produz faíscas - ou seja, fogo. também chamado de *pedra de fogo*, *pedra de raio*; nomenclatura que gostaria de conhecer a origem. o sílex é um mineral formado por sílica parcialmente cristalizada. ou então, poderíamos fazê-lo chegar sem lâminas de corte ou arma de fogo, o que faria com que ele demorasse ainda mais

lobos, como parceiros do humanos em zonas de caças, há cerca de 30 mil anos.

para se adaptar, para torná-la seu território existencial. para um civilizado, como Robinson, seria como recomeçar praticamente do zero; mesmo sem nenhum dispositivo, ainda resta ao ser humano o seu repertório cultural, por isso, nunca começará do zero nestas condições; o que muda é o grau de involução a que estará submetido – pode-se ter de recomeçar da idade da pedra.

dando o fogo a Robinson, Tournier parece, ao mesmo tempo, delimitar o que lhe interessa ou onde ele vai colocar o foco no tema do homem na ilha deserta: o *mundo sem outrem*, para um ser humano civilizado europeu; que sofrerá um certo choque quando entrar em contato com um selvagem, levando-se sutilmente para uma “involução” até esse ponto - espécie de regressão na ordem evolutiva humana (civilizados, bárbaros e selvagens). com Tournier, o sujeito involui na direção do selvagem, de modo mais equilibrado, somente a partir do encontro com o selvagem - fora isso, ele fica submetido, ora as forças organizadoras, ora as forças desorganizadoras; donde sua relação com a terra não deixa de ser intensa, porém, enlouquecedora; não fossem as providências que ele toma, construindo o seu Estado sobre a ilha, que lhe permitem ter para onde voltar das suas viagens a gruta, a várzea das mandrágora (venus da ilha) aos momentos em que coloca o seu relógio em pausa, ele provavelmente teria sérios problemas em sobreviver.

inicialmente, tudo parece se cristalizar em torno da questão do isolamento, da solidão radical e da construção que Robinson realizará sobre a ilha, deixando-a funcional segundo o modelo civilizado, para lidar com isso. vemos uma revolução na vida de Robinson com a chegada do selvagem, o que acaba flexibilizando um pouco sua vida na ilha, até que por fim, num incidente que não me recordo muito bem, mas que parece um tanto inconsciente, o fogo de um objeto ou o disparo de uma arma de fogo cai dentro do depósito de pólvora, que era parte da carga do barco naufragado que o transportava, quarenta tonéis ao todo, levando pelos ares quase tudo que ele havia construído, inclusive a sua casa.

o Robinson de Tournier nem chega a passar fome. como *O artista da fome* de Kafka; Robinson não chega a ter necessidade que o pressionem a involuir. como

os sobreviventes. que ao desejo nada falte, tudo bem; mas ao sujeito as vezes faz falta uma necessidade, sem a qual ele não consegue se colocar em movimento. a experimentação dessas duas ficções que tratam de Robinson's diferentes, já começam com meio caminho andado, pelo domínio do fogo e as ferramentas de que eles dispõe.

* * *

“NU E ABANDONADO¹³¹”: um naufrágio programado

Hoje começa o meu mais novo desafio, tentar sobreviver sozinho numa ilha por sessenta dias. (...) estou indo a Olorua, uma ilha remota no sul do oceano pacífico, que está desabitada e tem o básico para sobreviver. é tudo que sei. (...) não haverá cinegrafistas, eu mesmo vou me filmar. tenho uma bolsa de pequenos socorros, um telefone de satélite e um GPS que envia mensagens, mas não os usarei, a não ser que a minha vida entre em jogo. não levo nada além disso; nenhum dispositivo de sobrevivência, nada de roupa, nada de comida, nada de água.

é um documentário em forma de *programa de naufrágio* ou, melhor, de um *auto-naufrágio programado*. não é um naufrágio verdadeiro, mas a situação de um náufrago, a sua experimentação programada, planejada, partindo de condições bastante extremas, já que ele não leva nem faca e nem fogo, o que dificulta imensamente o desafio; porque leva o homem ao limite da sua sobrevivência, forçando-o contra a sua própria humanidade (dessubjetivação, risco de enlouquecer¹³²) e na direção da sua natureza mais selvagem. deve ser por isso que Ed diz ter sentido um medo pânico quando se viu sozinho na ilha.

“pronto. estou só. isso me assusta”.

131 “Naked and marooned”. Discovery Channel. no Youtube:, por exemplo, neste canal, em inglês:

<https://www.youtube.com/watch?v=EdQegHOEhk>

132 lembro da escrita de Suely Rolnik sobre os “três perigos”; Cartografia Sentimental.

assim começa a ação na ilha. “viver na pulsão”. um programa de TV em série de três episódios, com um total de duas horas de duração, cobrindo os principais eventos e acontecimentos dos sessenta dias. vejo como um documentário programado, como tantos outros, onde o programa diz como a experimentação vai funcionar e condiciona o filme numa certa direção. a solidão pode levar a dessubjetivação, porque existimos na relação comum; e a falta de ferramentas metálicas e de um meio para fazer fogo, forçam o humano a involuir.

é uma experimentação programada, com adjacente cartografia em vídeo: tentar sobreviver em uma ilha deserta do pacífico, durante 60 dias, sem nenhuma ferramenta, faca ou dispositivo para fazer fogo. filmando a si mesmo – ou seja, se trata de um autorretrato em vídeo.

Fisicamente chego a ilha em perfeitas condições de saúde; meu maior desafio será enfrentar a solidão. aprendi técnicas para tentar lidar com a solidão com os feiticeiros aborígenes da região; aprendi técnicas primitivas de acender fogo, principalmente com fricção com arco.

Preciso me concentrar e elencar prioridades; a numero um é conseguir água. filmar será uma pressão extra; usarei três câmeras. duas de mão e uma de cabeça, tipo GoPro. espero estar filmando bem. hoje a noite dormirei em condições muito simples, mas o objetivo deste desafio é a evolução e desejaria me converter no dono desta ilha. no momento de ir embora, quero estar vivendo num sistema que me permita viver comodamente; com um abrigo decente, uma dieta balanceada, abundante água e fogo. mas agora, preciso me resignar com o básico. se pode sobreviver três semana sem comida, mas somente três dias sem água, por isso a água é a minha prioridade.

1. água: há muitos coqueiros cheios de cocos; mas ele não sabe abrí-los com o que tem e desperdiça muita água; ele pega os cocos verdes e bate contra uma

rocha pontuda; obviamente, ao chegar no centro, muita água se perde para a rocha, além dele não ter um orifício adequado pra beber mais água do que lhe cai no rosto; um fiasco! mas isto é interessante em Ed, na verdade, ele não é um expert em sobrevivência, como um Les Stroud, de Survivorman, o meu preferido desses programas que assisti. o melhor, com os cocos, teria sido encontrar um pau duro em forma de broca, para perfurar a casca verde espessa e abrir um pequeno orifício no centro aquoso; nessas horas, que o repertório e outros fatores entram em questão.

2. andarei pela praia já de olho em algum lugar que eu possa passar esta noite.

logo ele encontra uma caverna. torna-se um homem das cavernas. leva palha para forrar o chão e improvisar uma cama na beira da caverna; num paredão calcário de uns seis metros de altura, na beira da praia.

Segundo dia:

amanheceu muito frio, mas ele não tem roupa.

há muitos caracóis. pode-se comê-los, mas não ajudarão muito.

acha um fio de água muito mirrado brotando de uma rocha, mas depois vai deixar isso pra lá, de tão pouca. continua contando com água de coco e das chuvas colhidas em conchas.

“não terei contato com ninguém, mas devo buscar baterias e fitas novas que será deixado pra mim num ponto do lado leste da ilha. no caminho procurarei por mais recursos”. era o que faltava para o programa de Ed estar completo.

dia 1: caverna, água, caracóis.

dia 2: continua a interminável luta por água

dia 6: “sozinho é muito difícil manter o equilíbrio. a ilha está se apoderando de mim”.

dia 13: quando decide criar um abrigo no interior, cria um programa rotineiro para seguir; a rotina, assim como o Estado criado pelo Robinson de Tournier, tem como objetivo que, na relação consigo mesmo, na solidão sobre a ilha, o

sujeito crie um sistema de obediência, que sirva para tentar impedi-lo de cair na vagabundagem.

dia 14: finalmente, fogo. difíceis dias sem fogo, até então.

dias 29: mudança para o abrigo; deixa de ser um homem das cavernas – “evolução”.

outros programas de TV em ilhas desertas

especialistas em sobrevivência dizem que encontrar água potável, fazer fogo, arranjar comida, construir um abrigo e um sistema de sinalização para um possível resgate, são as prioridades do náufrago que chega numa ilha deserta.

“Bear Grills¹³³”. ilha deserta:

primeiro dia:

quando ele chega na ilha, diz as prioridades que segundo ele um náufrago teria de ter: abrigo, água, comida e sinalização para resgate.

“um erro que muita gente comete é esperar demais pra agir em prol da sua sobrevivência. a hora certa é quando você ainda se sente forte e disposto”.

– “quem sabe faz a hora não espera acontecer¹³⁴”.

(este é o “saber pulsional”, como acho que poderia dizer o João Perce S.).

não há tempo para chorar, nem para ficar se lamentando.

no entanto, a primeira coisa que vemos acontecer com o Robinson, de Tournier, é o efeito da separação do mundo conhecido. para ele é como uma morte em vida, ele entra em colapso e cai na lama, vai pra horizontal e, melancólico, chafurda nas suas lembranças e fantasias. sob certo ponto de vista, é para reagir a isso que ele inventa o seu Estado, para seguir ordens dadas por ele mesmo,

133 programa do canal Discovery.

134 *Caminhando e cantando*, de Geraldo Vandré – (a propósito, muito atual; estamos em 2016).

para se manter na linha, fazendo o que precisa fazer para sobreviver, para manter seus recursos; porque a vida humana acostumou-se com a sua dimensão temporal, com ter garantias para o futuro.

subir no ponto mais alto para conhecer o lugar. chegar no topo da ilha. ele escala um paredão que nenhum de nós conseguiria. no seu lugar, teríamos de encontrar um outro caminho. ele vê que está em uma de duas pequenas ilhas vulcânicas. (estreito de torres. pacífico ocidental).

a outra ilha é maior. terá mais recursos.

atravessou o canal, passou por tubarões. chegou na praia da outra ilha.

logo encontrou coqueiros repletos de cocos, ou seja, água potável: “tem mais eletrólitos que um isotônico e mais potássio que uma banana”.

abrigo. ele faz uma rede de bambu, na praia, embaixo de uma árvore.

comida: ilhas torres: o mar provê a subsistência. consegue um peixe depois de criar um anzol com um osso de peixe.

“para o sobrevivente numa ilha deserta é essencial fazer do mar o seu melhor amigo”.

“o mais difícil é a solidão”.

segundo dia:

“um novo dia significa um recomeço do infundável ciclo da sobrevivência numa ilha deserta”.

*Survivorman*¹³⁵ (Temp. 4 Ep. 2.)

personagem: Les Stroud

Freebage (?) - pequena ilha tropical deserta localizada no centro do mar do Caribe; próxima de Granada; ou seja, a nordeste da Venezuela. Descoberta por

135 programa do canal Discovery.

Colombo em 1498.

“os piratas abandonavam as pessoas nas ilhas da região, para morrerem; davam a elas uma garrafa de rum, uma arma e uma bala”

“há sempre algo na beira do mar, que chega boiando; por isso é necessário vasculhar bem a orla”: Les encontra uma garrafa plástica vazia, um isqueiro velho enferrujado, com fluido; uma linha de pesca com anzol. sua situação melhora.

a necessidade do fogo é a sua maior preocupação. ele faz uma fogueira.

comida: fruto de cacto; figo da Índia. peixe.

não é difícil perceber o que o tema da ilha deserta tem para com a Psicologia, mas e o que isso tem a ver, mais diretamente, com a clínica da psicologia ou da psicanálise?

“estar separado ou separando”, como diz Deleuze¹³⁶, do ponto de vista clínico, sabemos do que se trata: do esquizo. o esquizo como aquele que está separado do mundo, dividido.

além disso, na clínica, estamos sempre lidando com a situação de um recomeço possível, ou segundo nascimento, *segunda origem*¹³⁷.

a ilha deserta ou o corpo sem órgãos, é algo que permite ao ser humano se colocar em relação direta com a possibilidade de re-começar; e se perguntar, como escutamos na clínica:

“de que jeito eu quero ser?” - precisa construir.

136 “Causas e razões da ilhas desertas”.

137 idem.

DA ILHA À CLÍNICA

1.

às vezes um fala por muitos, quando o seu dito pode ser considerado um enunciado coletivo – alguém diz:

“meu desejo tem caminho, mas não tem um corpo”;

e logo em seguida se pergunta:

“como é que eu vou lidar quando tiver um dia todo meu?”

o que quer dizer?

2.

considerar um dia, em que toda a ação para realizar um caminho desejado para a sua própria vida, dependesse inteiramente de si mesmo. separado. sozinho. como vimos, tem a ver com a situação de quem se vê sozinho numa ilha deserta; mas também tem a ver com aqueles que desejam construir um caminho singular para si mesmo. o que quer dizer estar só? no caso da ilha, num piscar de olhos você não tem mais certos privilégios humanos e despenca para um nível anterior, digamos, o de um ser humano selvagem: sem mais moedas e mercearias, sem mais padarias e escolas, sem mais dentistas e nem barbeiros, sem mais casa nem mais lareira. você estaria próximo das condições existenciais de um animal. precisaria encontrar água doce: um riacho, uma nascente, água da chuva, água de coco – mas nem todas as ilhas são paradisíacas e ideais; se não encontrar água doce, você poderia começar a morrer a partir de três dias. você precisaria aproveitar as oportunidade e ser agressivo para tentar conseguir o que comer; se não, começaria a definhando em poucas semanas. sem ninguém pra ajudar a fazer fogo, catar lenha, construir um abrigo, você teria muito o que fazer, o mais imediatamente possível, para inventar maneiras de *sobreviver*, usando tudo o que tivesse consigo do repertório milenar dos seres humanos. um ser humano nessas condição se encontra muito menos humano, desprovido das vantagens

que teria sobre os outros animais. como viver no tempo não-pulsado, como acho que Peter P. Pelbart poderia dizer¹³⁸; ou na *pulsão*, como talvez dissesse o João Perce S.¹³⁹.

do ponto de vista institucional – to falando a partir do Deleuze em *Instintos e instituições*, que influencia ou se aproxima, de uma perspectiva da *análise institucional*¹⁴⁰. o título desse texto está numa frase em que Deleuze diz: “o homem não tem instintos, ele cria instituições”. instintos e instituições. como assim? a frase poderia ser recolocada assim, no meu modo de ver, pensando sobre a ilha deserta: o homem é aquele animal que inventou a si mesmo operando na estreita passagem que o faz transformar o seus instintos animais em conformidade com as instituições humanas; passados os instintos para a qualidade polivalente do que na clínica entendemos por desejo. o homem é o animal do desejo, que se desviará dos determinismo biológicos que se sobrepõe sobre os outros. o homem é o animal refinado, quer dizer Deleuze, que faz de cada instinto um conjunto ou campo institucional: o sexo programado biologicamente dos animais e as instituições dos casamentos, das núpcias, da virgindade, lua-de-mel e depois a família, no caso dos seres humanos; num certo tipo de modelo produzido pelo sistema católico, que dominou até os anos 1960, quando das revoluções culturais na Europa e Américas, o eixo dominante no “mundo ocidental”. o ser humano inventará as suas leis, regravará o convívio, instituirá uma medida do tempo, dará valor para os metais e criará moedas. o processo de coleta e caça um dia se transformará em comercio, mercado e capitalismo. você não precisará mais viver o tempo todo ligado em sobreviver como os outros animais selvagens; ou mesmo como homens selvagens – porque eles ainda existem, em suas resistentes tribos, vivendo diretamente do que a terra dá. Deleuze, neste texto, diz que o homem está em vias de se separar da espécie

138 *O tempo não reconciliado*.

139 *Pragmatismo pulsional*. Tese de doutorado - PUC-SP.

140 como a que praticavam e ensinavam Simone Paulon, Lygia H. Ferreira e Carmem S. Oliveira, no curso de Psicologia da Unisinos. as quais registro minha imensa gratidão; sobre o assunto, por exemplo, é possível ver nos filmes que fiz com Carmem e Simone. as três realizaram pós-graduação no Núcleo de Subjetividade, portanto, as suas pesquisa estão disponíveis na biblioteca da PUC-SP; do meu ponto de vista, todas tratam, de diferentes modos, de assuntos que passam pela perspectiva da análise institucional, e da esquizoanálise.

porque inventou um jeito de interferir no programa biológico. a tendência biológica: o instinto, o impulso. ser humano é poder inventar outros programas para os seus impulsos desejosos.

e como é que faz, se o caminho singular que desejamos traçar, a nossa rota, estiver *fora* dos programas institucionais pré-estabelecidos, que determinam como será o nosso dia, o que devemos fazer para seguir em frente?

estar fora das instituições é como estar sozinho numa ilha deserta; já que esta, sendo livre de uma construção cultural humana sobre si, está livre das instituições humanas. o seu caminho é a sua ilha deserta que você precisa administrar, o seu navio que você precisa conduzir.

3.

o dia todo seu é o dia em que terá todo o tempo de um dia para fazer o que deseja.

“será que quando eu tiver todo o tempo livre farei o que hoje me queixo de não poder fazer por falta de tempo?”

a partir da perspectivas que estamos tentando sustentar nesta pesquisa, estas questões levam ao problema de se sentir em condições de criar e manter os seus próprios territórios, seus campos férteis para a experimentação dos seus desejos (*corpos sem órgãos*), sozinho, por conta própria.

não basta o tempo. algo a mais precisa estar livre.

estas perguntas fazem parte da auto-avaliação sobre as reais condições que se tem para manter o construtivismo e a condução dos seus desejos mais particulares (mesmo que sejam coletivos); tem a ver com a avaliação dos seus graus de potência – que tem a ver com desejo.

não basta ter o tempo livre porque um sujeito nesta situação, que o leva a questão enunciada, não *sabe* se tem as condições humanas necessárias para criar

e/ou sustentar um campo experimental por conta própria; mas, como é que uma ave neófita sabe quando está preparada para se lançar no abismo, habitual para os pais, pela primeira vez? um ser humano precisa reconquistar algo deste tipo de *saber*.

como seria viver à margem do emprego, do salário, da poupança e da aposentadoria garantida? será que uma coisa impede a outra? uma vida ligada às instituições impede a criação de uma vida de artista? talvez não. talvez seja apenas questão de inventar um modo de fazer a passagem, viver passando pela fronteira entre um lado e o outro; ou seja, o lado mais institucional, onde se dê conta de um território estendido ao futuro, e a organização que as instituições lhe determinam, e um outro onde pudesse se levar a “loucura”, a experimentação intensiva, as viagens intempestivas, as invenções descabidas, aos caminhos pela selva e as viagens transatlânticas.

seria possível – viver duplicado?

parece que Franz Kafka viveu assim: durante o dia no escritório e à noite em sua escrivania, no seu devir-escritor.

para os feiticeiros de Castañeda, também seria possível.

o lado que lida com a vida institucional, que inventa um jeito de conseguir dinheiro, eles chamam de *tonal*: é a pessoa social, que lida com o mundo sintonizado no esquema da civilização – é o que eles chamam de a *arte da espreita*. do outro lado, eles vivem como feiticeiros, no *nagual*¹⁴¹.

a propósito: para se referir aos participantes desse mundo do Castañeda, considerá-los como feiticeiros é mais correto do que dizer que são guerreiros. apesar de que há representações e atributos de feitiçaria aplicados aos guerreiros: o que aparece nas primeiras obras são certos atributos atribuídos aos guerreiros, que eles trazer para falar do que fazem, em respeito a disciplina, a espreita, etcetera. fora isso, ele vai definir, entre outros, no seu livro O poder do silêncio, que o modo mais correto de dizer do seu campo de atuação é *feitiçaria*, que tem

141 “tonal” e “nagual”, entre outros textos, encontra-se principalmente em *Porta para o infinito*. “a arte da espreita”, por exemplo, em *O presente da águia*.

a ver, para eles, com a arte de provocar o deslocamento do ponto de aglutinação da percepção. Castañeda e os seus sócios não são, literalmente, guerreiros, não estão experimentando e treinando ações militares de nenhum tipo; eles estão experimentando a passagem pela fronteira entre o tonal e o nagual, entre o mundo das formas e o campo das forças; mas não se trata de uma passagem para ficar do outro lado, mas viver fazendo a passagem de um lado a outro e de volta. na esquizoanálise, considerando os livros de Guattari e Deleuze, eles também chamaram este par *força-forma* de *fluxo-código*, antes de variar para outros campos; no *Anti-Édipo* é assim, donde a própria definição do subtítulo “capitalismo e esquizofrenia”, onde o que ambos têm em comum uma relação muito próxima com os fluxos, com as desterritorializações e descodificações; do outro lado, do lado do códigos, está tudo que se relaciona com o que eles chamam de *pólo paranóico dos investimentos sociais*: estratos, sedentarismo, molaridades, etcetera; dependendo do campo que eles tomam pra pensar e falar da mesma coisa, variando com isso apenas os cenários e roteiros.

a presença do par “fluxo-código” tem ligação com o conceito de máquinas de desejo em *O Anti-Édipo*: desejo definido como sendo o produto de uma operação maquínica de *fluxo e corte-de-fluxo*. Deleuze, em uma das suas primeiras aulas no período de escrita do *Anti-Édipo*, dá o seguinte exemplo sobre máquinas: há três tipos de máquinas: sociais, técnicas e de desejo. numa jovem que deseja cortar o seu cabelo: a tesoura é a máquina técnica, as máquinas sociais vão influir em coisas como “o tipo ideal pra sua idade”, “o efeito desejado” etcetera e a máquina desejante, está nisso aí e também no fluxo natural que é próprio do cabelo humano, que literalmente flui como efeito de uma produção do corpo biológico, desde que mantidas as condições mínimas de alimentação e hidratação para isso. o desejo, para eles, é como isso: flui. fluíção. fluxo. força, enquanto linha, sentido, vetor, traço, diagrama. o que flui e não é cortado, pego numa máquina, que fica fora do sistema é o caos, o *noise*, o *non sense*, o abstrato, o nagual, o fora, o oceano.

4.

como diz Deleuze, “sonhar ilhas desertas, é sonhar que se está separando ou que

já se está separado, longe dos continentes...”¹⁴².

o esquizo também é esse que está por fora do mundo da normalidade, desviado, separado, oblíquo. *lidar com um dia todo seu*, tem a ver com certos movimentos vitais independentes, onde o vivente depende de si mesmo para agir. o artista faz isso quando embaralha os códigos e ao mesmo tempo cria uma passagem por onde entram os fluxos do fora, o impensado, o imprevisto; literalmente, o que não foi visto antes. Da Vinci, Lacan diz no seminário sobre o “Leonardo da Vinci” de Freud, escrevia em seu diário “em espelho: é que o artista fala com ele mesmo no diário: “amanhã você vai até a papelaria...”. só depende dele mesmo fazer o que precisa fazer para continuar o seu caminho; assim como o Robinson de Tournier cria o seu Estado, as suas leis e um programa para os dias da semana... até que certa sexta-feira chega o selvagem para começar a por em risco as suas defesas mais íntimas.

artistas como Da Vinci e Kafka com certeza têm esse *algo* de criador do próprio caminho, e acabam, por conta disso, até mesmo se transformando em modelos idealizados por outros viventes, não só no que diz respeito ao produto das suas ações, mas no que diz respeito aos processos e programas que inventam para cada dia; pois é preciso inventar suas próprios experimentações e programas, diferentemente do que acontece quando um sujeito vê a organização da sua vida determinada por certas instituições sociais, as que apresentam ao ser humano uma estrutura previamente organizada: namorar de um certo jeito, casar de um outro, educar os filhos assim ou assado, em certo tipo de escola etc.; você perde o plano de simulação, de experimentação – você perde o seu ovo e pode acabar mesmo “burocratizando a sua vida”; é como se você perdesse a capacidade de fazer perguntas essenciais: como quero amar? como quero casar? como desejo agir?

lembro-me de uma música do Raul Seixas, em que ele diz assim:

e onde é que está a vida?

142 “Causas e razões das ilhas desertas”.

onde é que está a experiência?
já te entregam tudo pronto
sempre em nome da ciência
sempre em troca da vivência.¹⁴³

5. o Grande amnésico

numa ilha deserta, longe das instituições, um ser humano se vê *a sós consigo mesmo*¹⁴⁴;

o amanhã depende do hoje, e o hoje do agora; o ilhado está nesta condição – na pulsão, num devir-intenso. é justamente por ser vazia de instituições humanas, que uma ilha destas pode ser vista como um ovo do mar, como diz Deleuze – a ilha deserta é o que sobra quando retiramos tudo o que o mundo é para um ser humano. você retira as máquinas técnicas: faca, isqueiro, cordão. você retira as máquinas sócias: tempo, espelho, comunicação. você lhe corrói a memória, faz ele esquecer quem é; por isso Ulisses deseja o retorno, retornar para si mesmo na relação com o mundo.

. a ilha deserta está para o mundo assim como o ovo está para o Homem; a ilha deserta não tem as instituições do mundo, assim como o ovo não tem ainda as formas do indivíduo adulto. sobre a ilha não há instituições, sobre o ovo não há estratos.

6. o Construtor

nesta situação, do que cria um caminho para si, a construção de um plano para os seus desejos depende dele próprio: assim como a sobrevivência do naufrago solitário sobre a ilha depende exclusivamente dos seus esforços em recomeçar o mundo a cada novo dia e de instalar sobre ela certas instituições das quais sua existência costuma depender; por exemplo, tanto o *Robinson* de Dafoe como o de Tournier, cuidam de inventar um modo de medir o tempo, principalmente os

143 “Tá na hora”. Álbum Mata virgem. <https://www.youtube.com/watch?v=XbkF5Hjy9ts>

144 *Humano demasiado humano*, vol 1; Nietzsche.

dias, semanas e anos - seus relógios e calendários organizam o mundo segundo os critérios do *tonal*, tentando se resguardar dos riscos que para um ser humano civilizado poderia ser viver no *tempo selvagem*. o homem civilizado come porque está na hora, mesmo que não sinta fome; isso até parece simples, mas é necessário um investimento diário sobre o bebê para tentar adaptá-lo aos turnos dos pais; e depois o trabalho continua com a criança - hora de comer, de ir pra escola, hora da merenda e por aí vai... no reino Cronida.

mas e depois, se eu tiver que depender de mim mesmo, sem as instituições organizando a minha vida? se eu quiser escrever um livro ou uma tese? me tornar fotógrafo ou falar algo em nome próprio? e se um dia, eu simplesmente resolvesse sair por aí, por conta própria, como seria? – curioso este assunto, me dou conta em ato, já que habitamos o mundo num momento em que cada vez mais as pessoas precisam fazer das suas próprias vidas individuais o seu meio de trabalho, seu ganha-pão; quer dizer, trabalhar por conta própria, viver como *autônomo* – *self made*, acho que se diz. uma hipótese, sobre aquela questão, o enunciado coletivo do início, é que o sujeito duvida da sua autonomia, da sua capacidade de empreender algo de modo independente. teria algo a ver com liberdade, para o campo da clínica – liberdade é fazer passar do desejo à ação (eis a nossa “experiment-ação”).

7. a ilha do Eu ideal

o drama parece se desenrolar também sobre o campo da dúvida em relação as suas possibilidades de ação. às vezes é uma imagem ideal que cola e entope os canos. querer ser um artista, como um Leonardo Da Vinci, sem *poder* fazer nada para construir o seu próprio caminho... *é como engendrar a peste*¹⁴⁵. pensamentos de pré-destinação, como é comum, apoiados em figuras idealizadas, é pura ilusão. você quer ser o próximo Rimbaud? o ideal aí, do artista que cuida dos próprios processos e procedimentos, é construído sobre um terreno pantanoso, sujeito a erosão e exposto ao risco de deslizamentos constantes; problemas de território. esse tipo de ilusão pertence ao campo das imagens do inconsciente, produzindo idealizações congeladas no Eu. *um dia todo seu...* em certo sentido, é apenas *um dia ideal*, que não existe, que nunca

145 William Blake.

existirá, porque não passa de uma ideia.

8.

tornar-se é um problema de devir; devir é tornar-se sem chegar a *Ser*, ou ao *Ser* (não se chega ao ser, mas ao *manter*; manter um plano de consistência para um campo experimental) tornar-se um artista por fora das instituições.... não se chega ao *Ser* porque o *devir* entendido como *tornar-se*, tomado nesse sentido, quer dizer criar um território existencial, em cima do qual ocorrerá uma viagem de artista (ou uma “vida em obra de arte”); tornar-se tem a ver com engendrar um campo experimental que depois é preciso repetir, e que não se repetirá igual a si mesmo. tornar-se artista é inventar um caminho, onde é o próprio campo o que se repete, mas não o que é produzido sobre ele. os artistas têm seus procedimentos, suas preferências, seus temas, seus dispositivos, seus materiais. eles têm também seus modos de usar, suas instruções, seus disparates. Francis Bacon, por exemplo, trabalhava num estúdio meio caótico, pintava as formas, raspava a tela para extrair as forças. o ambiente e os procedimentos: a luz que vem da clarabóia, pintar um retrato, raspar até aquela figura retratada passar para o lado do impessoal - qualquer corpo, *anybody*.

9.

tanto uma vida programada pelas instituições quanto uma vida organizada por si mesmo, em ambos os casos, trata-se de uma questão de construção. uma carreira profissional conduzida em empregos, não necessariamente tem menos valor que a daqueles que construíram caminhos alternativos, sem pré-fabricação, caminhos autônomos. qual a diferença então? serão as condições da origem? trata-se de uma *segunda origem* - a ilha é virgem, não o homem. seria preciso inventar os meios e condições para aproximar os seus desejos das ações construtivas que lhes correspondam; produzir as condições para dar partida ao processo, e depois, cuidar da sua sustentação (sustentar uma ação). o que há com quem não consegue? aí entram as questões da clínica, a operação com as máquinas desejantes do sujeito, a luta contra as viroses edípica e narcísica. esses arranjos podem são como vírus, com seus programas que se instalam no DNA dos mecanismos desejantes.

10. um *Koan* Zen

discípulo – mestre, quem sou eu?
mestre – você já lavou a sua louça hoje?¹⁴⁶

ILHAS DE ULISSES

“Os seres que vivem nas ilhas”

Um homem absolutamente separado, absolutamente criador, uma Idéia de homem, em suma, um protótipo, um homem que seria quase um deus, uma mulher que seria uma deusa, um grande Amnésico...¹⁴⁷.

o tema da ilha deserta é tão antigo quanto a nossa literatura, ou ainda, mitológico, como diz Deleuze. está presente, por exemplo, no início da Odisseia, onde Ulisses encontra-se separado do mundo humano, acompanhado da divina Calipso - figura mitológica, ninfa que o seduz com a eternidade dos deuses. mas ela não é humana.

a falta das instituições humanas, a vida no tempo do deuses, vai lhe corroendo as lembranças - Ulisses é o “grande amnésico¹⁴⁸”. ele está separado. o herói, por demais humano, deseja retornar para casa, deseja sua vida de volta, recomeçar naquele mesmo caminho e levá-lo até o fim. ele era considerado desaparecido, ninguém sabia o que lhe havia acontecido, se estava vivo ou morto. Ulisses é o naufrago grego. retornando de Tróia, seu navio é varrido pela tempestade e vai parar em uma ilha deserta, completamente sozinho, sem saber dos outros nautas. o imaginário mitológico, conta que o navio bateu contra as pedras pela mão de Poseidon, rancoroso do herói, “por ele ter furado o olho único de Polífemo, seu

146 *Introdução ao Zen-Budismo*, D.T. Suzuki.

147 ambos Deleuze, em “Causas e razões das ilhas desertas”.

148 *idem*.

filho ciclope.

“Vaguei por nove dias. Quando anoiteceu
o décimo, os eternos levam-me à Ogígia,
à ilha de Calipso, deusa apavorante
de belas tranças e canora”.

(Odisseia, p. 383)

o que é um Deus? Poseidon é a personificação das forças do mar – uma forma para uma força; uma “forma homem” para forças inumanas: se algo sai errado, foi a mão do deus; para algo sair bem, é preciso estar quites com ele, ter feito todas as oferendas, hecatombes com dezenas de coxas de boi cornicurvos crepitando em fogueiras intermináveis.

Ulisses tinha porque retornar, porque desejar ser humano. ...terminar de fazer sua própria história, ser lembrado no mundo dos homens. na ilha de Calipso, ele começa a esquecer quem é, de onde veio: “um grande Amnésico” (P.19). ele vai, por assim dizer, desumanizando. para um guerreiro deste porte, a vida eterna em uma ilha deserta não faz o menor sentido, ele é necessariamente coletivo.

a viagem de Ulisses recomeça quando ele parte da ilha deserta em uma jangada, deixando Calipso para trás, por intervenção de Atena, junto ao Cronida olímpio, no primeiro canto da epopeia:

“...é por Odisseu que o peito aperta: sofre
a moira amarga longe de quem lhe é mais caro,ilhado pelo salso
mar no umbigo oceânico,
na ínsula dendroarbórea, onde reside a deusa filha de Atlante
pleniamente, que do mar
inteiro sabe os íferos, e o colunário
sustém, cindindo, enorme, a terra e o mar talásseo.
Ela retém o herói em lágrimas na ínsula
com afago na fala que enfeitiça, a fim
de que deslumbre Ítaca, mas Odisseu,

saudoso da fumaça que o terreno pátrio
exala, quer morrer”. (Canto 1, versos 45 a 55; pg, 15)

noutra ilha em que chegará mais tarde, vive a bruxa Circe, que lhe ensina, entre outras... como proceder ao passar pela ínsula habitada pelas sereias. ela o prepara para escutá-las; os marujos não, manterão o controle da nau, com os ouvidos tapados por cera de abelha. Para não correr o risco de ser arrastado inconscientemente pelas criaturas, Ulisses deveria ser amarrado em torno do mastro do navio. mesmo que ele ordenasse para os marujos que o desamarrassem, não deveriam obedecê-lo.

“No mastro, ereto, me amarraram, mãos
e pés. Apertam o abidal, antes que as pás
dos remos singrem a água gris. Remeiros ágeis
pilotam de seus bancos o baixel agílmo.
A uma distância em que se pode ouvir o grito,
notaram-nos. Cristal na voz, entoam o canto:
'Aproxima, Odisseu plurifamoso, glória
argiva. Escuta nossa voz, a voz da duas!
Em negra nau, ninguém bordeja por aqui
sem auscultar o timbre-mel de nossa boca
e, em gáudio, viajar, ampliando sua sabença,
pois sabemos tudo o que os aqueus e os troicos
sofreram na ampla Ílion - numes decidiram-no.
Quando se dê na terra amplinutriz, sabemos.'
A bela voz assim ressoou. Meu coração
queria ouvir. Mandei que os sócios me soltassem
sobrelevando as celhas, mas, em arco, mais remavam.”
(Odisséia, p. 367)

BLOCO E
A ARTE DA CLÍNICA
(EXPERIMENTAÇÃO E CLÍNICA 2)

como ajudar clinicamente alguém a *mudar* naquilo que deseja ou necessita sem ter de recorrer a sugestões, exemplos pessoais, sobredeterminações, ficando o analista, deste modo, imperceptível no horizonte desejante do sujeito?¹⁴⁹

quando foi escrito o projeto para *a clínica e seu duplo*, o problema foi colocado do seguinte modo: um dos estudos que me ocupava na preparação da pesquisa, era tentar saber qual seria o *mínimo* necessário a uma psicanálise, do ponto de vista técnico e ético, a partir do qual se poderia dizer estar praticando uma clínica com uma sustentação *mínima*, ou suficiente, do campo psicanalítico, e sobre a qual fosse o mais (seguro) possível, introduzir experimentações incomuns, além das que existem no programa psicanalítico.

este assunto acabou me parecendo dominar o projeto, talvez, principalmente pelo modo como coloquei a questão usando uma expressão do Winnicott, de “análise padrão¹⁵⁰”, que logo depois deixei pra lá, em troca das definições do próprio Freud, que foi o primeiro a se colocar essas questões, sobre o que é o *mínimo* da Psicanálise; o assunto se faz presente em vários dos seus textos. entre tantos, percorri uma linha de estudos pelos que tinham mais especificamente o propósito de definir o campo do movimento psicanalítico¹⁵¹.

mas onde encontrei o que procurava, foi no seu texto de 1914, dedicado a *Historia do movimento psicanalítico*, onde Freud define o campo, considerando de maneira muito sucinta, o que seria considerado do ofício da Psicanálise, na passagem a seguir:

149 este *dever-imperceptível* do analista, no nosso modo de ver, faz parte do seu submetimento à ética.

150 “Os objetivos do tratamento psicanalítico”, em *O ambiente e os processos de maturação*.

151 Sobre a psicoterapia (1905); Sobre a psicanálise (1913); Psicanálise: dois verbetes de enciclopédia (1922); Uma breve descrição da Psicanálise (1924); Psicanálise (1926); Esboço de Psicanálise (1938).

A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem recorrer a hipnose. Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho da análise e, a fim de frustrá-lo, alega falha de memória. O uso da hipnose ocultava essa resistência; por conseguinte, a história da psicanálise propriamente dita só começa com a nova técnica que dispensa a hipnose. A consideração teórica, decorrente da coincidência dessa resistência com uma amnésia, conduz inevitavelmente ao princípio da atividade mental inconsciente, peculiar à psicanálise, e que também a distingue muito nitidamente das especulações filosóficas em torno do inconsciente. Assim talvez se possa dizer que a teoria da psicanálise é uma tentativa de explicar dois fatos surpreendentes e inesperados que se observam sempre que se tenta remontar os sintomas de um neurótico a suas fontes no passado: a transferência e a resistência. Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus. Mas quem quer que aborde outros aspectos do problema, evitando essas duas hipóteses, dificilmente poderá escapar à acusação de apropriação indébita por tentativa de imitação, se insistir em chamar-se a si próprio de psicanalista. Eu me oporia com maior ênfase a quem procurasse colocar a teoria da repressão e da resistência entre as *premissas* da psicanálise em vez de colocá-las entre as suas *descobertas*. Essas premissas, de natureza psicológica e biológica geral, na verdade existem e seria útil considerá-las em outra ocasião; mas a teoria da repressão é um produto do trabalho psicanalítico, uma inferência teórica legitimamente

extraída de inúmeras observações¹⁵².

. repressão, que também traduzimos e entendemos por recalque, conforme a observação de Jacques Lacan sobre a tradução inglesa, da qual deriva a portuguesa brasileira.

. duas vezes ele diz, no parágrafo supracitado, que a teoria da psicanálise é uma “tentativa” de explicar fatos observados na clínica – a resistência e a transferência. na primeira vez, na segunda frase, ele faz uma observação importante que nos conduz ao campo da técnica, ou seja, ele afirma que esses efeitos são observáveis desde que não se recorra à hipnose. este detalhe é importante para os nossos estudos sobre *experimentações incomuns* neste tipo de clínica que abordamos na pesquisa. Freud situa a invenção da psicanálise junto ao momento em que ele deixa de utilizar a hipnose em sua clínica, tentando alguns outros tipos de procedimentos – na segunda, das suas *Cinco lições de Psicanálise*, falando a esse respeito, ele confessa que o fato de não ter muita perícia como hipnotizador tornou a sua utilização desse procedimento “enfadonho e incerto” para si, além do que, considerava algo “místico”. mas havia um problema em deixar ou não poder recorrer à hipnose, pois era a técnica através da qual, até aquele momento, se conseguia efeitos importantes em tratar sintomas neuróticos graves; com o porém desses sintomas retornarem logo mais tarde ou serem deslocados para outro campo. com a hipnose, os clínicos conseguiam fazer com que os pacientes lembrassem dos eventos traumáticos que engendraram os seus sintomas; aquilo que era considerado esquecido, na verdade havia sido reprimido ou recalado. sem poder contar satisfatoriamente com a hipnose, Freud mantém a ideia do procedimento catártico, mas procurando agir com seus paciente “em estado normal”. mas como fazer para que o paciente chegasse a lembrar dos conteúdos traumáticos esquecidos, sem recorrer a hipnose? inicialmente, Freud estimulava seus paciente a lembrarem: “quando chegávamos a um ponto em que nos afirmavam nada mais saber, assegurava-lhes que *sabiam*, que só precisavam dizer, e ia mesmo até afirmar que a recordação exata seria a que lhes apontasse no momento em que lhes

152 Historia do movimento psicanalítico. Obras completas, volume XIV. ed. Imago

pusesse a mão sobre a fronte¹⁵³”. quase como um feiticeiro, ele impunha suas mãos na testa da pessoa esperando que seu ato abrisse passagem à consciência, dos conteúdos reprimidos. com esse tipo de procedimento ele pôde, prescindindo do hipnotismo, confirmar que os eventos esquecidos não se haviam perdido, pois acontecia das figuras realmente recordarem. mas o que fazia com que esses acontecimentos determinantes fossem mantidos in-conscientes? segundo ele observava, sempre que se tentava fazer o paciente lembrar desses assuntos esquecidos podia-se notar um força contrária, que ele então chamou de *resistência*. partindo desse fenômeno observado na *transferência*, Freud concebeu a teoria da repressão como o outro pólo da resistência; ou seja, das “inúmeras observações” clínicas sobre as resistências ele formulou a sua teoria do recalque¹⁵⁴, compondo a base da teoria psicanalítica sobre o sistema resistência-recalque. a hipnose, segundo ele diz, funcionava como um meio de ultrapassar as resistência e avançar, por assim dizer, direto ao inconsciente. logo mais, como sabemos, estas primeiras experimentações, depois de colocar o método hipnótico de lado, se transformaram na técnica da associação livre.

outro ponto importante que gostaria de destacar sobre o fragmento citado anteriormente, da *História do movimento psicanalítico*, é o fato de Freud colocar o sistema recalque-resistência entre as “descobertas” e não como “premissas” da psicanálise; sabemos, porque ele próprio escreveu a esse respeito, que não foi um ato da sua imaginação inventar a Psicanálise, mas o resultado de uma percepção muito singular da máquina neurótica (histeria e neurose obsessiva - “neuroses de transferência”), a partir de observações do seu funcionamento durante o trabalho clínico; ou seja, Freud parte dos próprios casos que atendia para inventar a sua nova clínica, onde as pessoas se tratavam falando.

de minha parte, como fruto deste bloco da pesquisa, assimilei o trabalho com a transferência e a atenção para com o sistema *resistência-recalque*, como parte da minha clínica experimental. era mais ou menos isso que procurava quando lancei o propósito de encontrar um *minimalismo psicanalítico*; não que tivesse procurando em Freud uma autorização ou filiação de algum tipo, mas porque, e

153 *Cinco lições de Psicanálise*. (1909). Vol XI, pg 38. Ed. Imago

154 *Repressão*. Vol. XIV. (1915). (pode-se traduzir por repressão ou por recalque).

foi só depois que percebi, a consideração desses elementos vinha me fazendo falta na condução das terapias; assunto que não terei tempo de detalhar agora. no que dizia respeito a lidar com a mecânica dos programas neuróticos, a partir das ferramentais experimentais esquizoanalíticas, lá pelas tantas me via completamente enredado pelas dinâmicas transferenciais, sem me dar conta. depois de avançar no estudo desses elementos que assimilei do *mínimo* freudiano, cheguei a conclusão de que trabalhar com experimentações incomuns na clínica podia ser mais interessante e promissor. haveremos de lidar com isso; aliás, acho que é assunto de primeira importância entre “esquizoanalistas” que trabalham com psicoterapias que lidam com o campo das neuroses e não da psicose; enquanto no trabalho com psicóticos a transferência com o analista fica deslocada para todo o campo institucional (como Guattari diz na Monografia sobre R.A.), quando passamos a trabalhar com a perspectiva esquizo na clínica dos bloqueio do desejo, não há como ficar imune as transferências e resistências; podemos até negá-las, mas essas máquinas funcionam de qualquer jeito; aliás, por isso *descoberta* e não *premissa*.

fui terapeuta de uma mesma garota em dois momentos distintos do meu caminho na clínica, antes e depois de assimilar estes elementos psicanalíticos básicos; ela frequentou a clínica no período que coincidiu com a época do mestrado e, depois de uns dois anos, retomou a análise; com isso, em certa sessão, tive a oportunidade de escutá-la falando das diferenças no meu estilo, que a seguir cito para exemplificar: “antes eu sentia que a gente era mais próximos do que agora, mais amigos, e era bom; mas tenho certeza de que nunca teríamos chegado onde chegamos agora, se fosse daquele jeito. eu nunca teria conseguido te dizer tudo que eu precisava falar, para resolver as minhas questões”.

nos meus planos de pesquisa para o doutorado, esses assuntos compreendiam o vasto campo de estudos que planejei sobre a técnica em psicanálise, a partir do próprio Freud, do qual li quase todos os textos considerados técnicos, mas também de outros autores. o detalhamento desta pesquisa não será trabalhado aqui, neste momento, mas deve ganhar um espaço no apêndice dedicado ao “relatório”.

uma questão com relação a experimentação psicanalítica: o experimentalismo é somente uma marca da sua infância, da sua invenção, ou ele continua ativo, apesar dos modelos e formações de certas instituições, que parecem estancar a continuidade e a abertura do campo?

Lacan, em um dos seus textos críticos sobre certas formações psicanalíticas, se expressa no sentido que tende a tentar liberar a potência experimental e a pesquisa em Psicanálise, colocando uma questão que poderia se tornar minha:

Que se houvesse simplesmente podido ter a pretensão de regular de maneira tão autoritária a formação do psicanalista levantava a questão de saber se os modos estabelecidos dessa formação não levavam ao fim paradoxal de uma depreciação perpetuada. Decerto, as formas iniciáticas e poderosamente organizadas em que Freud viu a garantia da transmissão de sua doutrina justificam-se na posição de uma disciplina que só pode sobreviver ao se manter no nível de uma experiência integral. Mas, não terão elas levado a um formalismo enganador, que desencoraja a iniciativa ao penalizar o risco, e que faz do reino da opinião dos doutos o princípio de uma prudência dócil onde a autenticidade da pesquisa se embota antes de se esgotar?¹⁵⁵

creio numa psicanálise que *pode* levar a uma liberação radical (revolucionária) do desejo e da capacidade de agir conforme aquilo que se deseja (W. Blake). a psicanálise é uma prática experimental, e o programa psicanalítico, liberado ele próprio de um funcionamento institucional paranoico, pode ajudar clinicamente a levar o sujeito diretamente às suas próprias máquinas desejantes.

ao definir experimentação e clínica, ou clínica experimental, como foco desta pesquisa, defini duas zonas de incidência do assunto experimentação: uma que diz respeito as experimentações que o próprio paciente fala que realizou, deseja

155 “Função e campo da fala e da linguagem”. em *Escritos*. p. 239-240. Ed. Zahar.

realizar, ou vem realizando, em sua vida pessoal. a outra zona de incidência, diz respeito as experimentações que fazem parte do repertório clínico do próprio analista, ou que ele precise inventar a partir das necessidades que um certo caso lhe demande.

dito de outro modo¹⁵⁶, estou tratando de um gênero de experimentação próprio aos desejos de um paciente, onde ele se vê implicado no processo da sua realização, ou envolvido pelo desejo de realizar; e de um outro lado, a experimentação envolvida na condução da análise, levada pelo clínico, o que ele põem para funcionar; um programa psicanalítico ou esquizo, um dispositivo, uma peça ou pequena máquina que ele vai ligar ao caso. grosso modo, estou considerando, de um lado, as experimentações da *parte* do paciente e do outro, as que *partem* do analista; nesta pesquisa, ambas são consideradas como matéria prima a ser trabalhada e manejada pelo terapeuta na *arte da clínica*.

a primeira zona é o caso de um desejo que precisa de um corpo, campo ou plano no qual se inscrever; só assim, por exemplo, pode deixar de ser um sonho, um ideal ou fantasia. é nesse sentido que entendo o provérbio de William Blake, “aquele que deseja e não age engendra a peste¹⁵⁷”; ou seja, para o poeta, desejo e ação são, ou deveriam ser, por assim dizer, duas faces da mesma moeda (duplo); o desejo que não age é aquele que não se desloca para fora das paliçadas neuróticas-narcísicas do sujeito; mas o desejo, para agir, precisa de um corpo... e de um corpo sem *órgãos*.

caminante no hay camino...

diz respeito a um problema central na clínica: os desejos que não chegam a se desenvolver em ações, ou ações experimentais; desejos que não passam de meras fantasias, que não conseguem fazer a passagem do plano mental para um plano expressivo, não constituindo, por isso, um território existencial. entendemos uma neurose como a entropia das máquinas de desejo; condição de

156 dito de outro modo... a experimentação é imanente ao ser humano, como vimos no bloco sobre a *ilha deserta*, e a experimentação é imanente a clínica, como veremos em quase toda esta tese, mas principalmente no capítulo *clínicas experimentais*.

157 “Provérbios do inferno” em *Casamento do céu e do inferno*.

bloqueio e de barramento do desejo. consideramos que há uma relação intrínseca entre desejo e ação; que o *sentido* do desejo deveria levar a uma ação que lhe corresponda; uma experimentação pode levar a liberação de um desejo; no entanto, isso não quer dizer que o caminho que leva de um ao outro esteja garantido de antemão – caminho este que tem a ver com experimentação. “onde o brincar não é possível...”, como diz Winnicott.

no que diz respeito ao caminho que vai do desejo a ação, ele poderá estar bloqueado por diferentes sistemas de repressão ou por ideais demasiadamente humanos; neste provérbio de William Blake - “aquele que deseja, mas não age, engendra a peste” - podemos ver assim: *aquele* é o sujeito egoico, o *Eu*; o desejo ativo está ligado a uma ação que parte dele; se a ação não é possível, devém a peste, ou seja, nesse caso o desejo é reativo, logo, temos algo que podemos chamar de doença contagiosa ou peste. entendemos que Blake, neste provérbio, coloca toda a responsabilidade sobre o sujeito; concordamos com isso, já que de uma perspectiva ética, é disso mesmo que se trata: o sujeito teria o dever de assumir a responsabilidade do prolongamento daquilo que deseja, em ato; mas, do ponto de vista clínico, sabemos que nem sempre isso é possível e que a *arte da clínica* tem tudo a ver com isso; ou seja, a partir da invenção da psicanálise - pós Blake, diga-se de passagem - somos capazes de entender um pouco melhor que nem sempre o livre arbítrio basta para tirar o sujeito de uma situação de impasse, de ordem psíquica.

o clínico entra aí como um mecânico e, junto ao programa da sua clínica, favorece que o sujeito entre em uma série de relações consigo mesmo, trabalhando sobre os impasses que impedem que os seus desejos se tornem atos. clinicamente falando, pode-se dizer que há saúde quando o desejo engendra ou se prolonga numa ação ou ato; para isso é necessário um corpo, mas também um plano, não necessariamente no sentido de um planejamento, mas de um plano enquanto superfície onde se fará a inscrição do desejo, a sua expressão; o desejo necessita de um terreno onde possa ser construído; trata-se, nessa perspectiva, pode-se dizer, de um construtivismo do desejo.

no caso de um sujeito que deseja se tornar escritor, por exemplo, ou escrever um

livro, mas que tem isso como um sonho, uma centelha imaginária, uma vontade, é necessário construir um plano, um solo, que receba tal propósito. será preciso escrever, será necessário que o desejo saia, por assim dizer, do campo dos pensamentos e fantasias e comece a ganhar uma expressividade, através da ligação com a caneta e o papel, com uma máquina de escrever, tinta e papel, com um teclado ligado a um computador que execute um programa para escrever; em outras palavras, será necessário construir as condições para a invenção de um duplo, de um corpo para escrever, será preciso engendrar um devir-escritor, o que é o mesmo que dizer que será necessário tornar-se escritor através de sucessivas experimentações.

neste gênero de abordagem da experimentação em clínica, que vem da fala do sujeito, bastaria, talvez, que o analista formulasse uma questão, problematizando as *condições*: “mas como é que tu pensou em fazer isso?”; ao que, digamos, o nosso paciente hipotético, bloqueado e separado do que pode, responderia: “mas é muito difícil”, “já estou velho para isso”, “eu nunca conseguiria escrever como o fulano”, “ser escritor não dá dinheiro, não se pode ganhar a vida desse modo”, etc. note-se que a pergunta do meu analista exemplar, propositalmente, é sobre o “fazer”, pois, se há um desejo, a arte da clínica passa por *ver* se há uma ação que lhe corresponda – a prova do desejo; trata-se, por assim dizer, de um construtivismo do desejo, donde a responsabilidade pela ação, deve vir a ser toda do sonhador, daquele que deseja. quanto ao analista, sua arte é a mecânica das máquinas de desejo; haverá ou não haverá uma resposta afirmativa para uma pergunta sobre o fazer de um desejo; por enquanto, bastaria dizer que é preciso receber e trabalhar com as respostas do nosso paciente hipotético, no sentido de que ele tenha condições de avaliar o seu desejo; donde, se o paciente não pode lidar, ou evita arcar com os seus desejos, precisará lidar ao menos com o analista; é mais ou menos com isso que todos nós trabalhamos, nesse tipo de situação: a relação com o analista pode se transformar numa experimentação sobre os efeitos de um certo desejo - escrever, no exemplo - ou, se a situação não for mais de tanto bloqueio, como nas respostas que simulei acima, a construção de um desejo pode começar a adquirir alguma consistência, no sentido que leva a ganhar uma vida, a ganhar carne.

a Psicanálise pode ser considerada uma experimentação programada?

quanto a zona de incidência da experimentação que incide sobre a clínica, a própria psicanálise pode ser vista, segundo meu ponto de vista, como um processo experimental conduzido por programas:

um programa inventado por Freud?

a *regra fundamental* da livre associação: “diga tudo que lhe vier a mente...”¹⁵⁸”

quais os seus dispositivos?

o divã, por exemplo, que faz funcionar uma máquina para falar:

o divã psicanalítico, basicamente falando, é um dispositivo que funciona no sentido da experimentação do falar sem a presença do ouvinte no campo visual do falante, tendendo, pelos efeitos percebidos desde os primórdios da psicanálise, a facilitar a associação livre; e da parte do terapeuta, promover ou vir a facilitar, dependendo de como for utilizado, o que chamo de *devir-imperceptível* do analista. em um dos seus textos técnicos, “Sobre o início do tratamento I”, Freud faz uma de suas pouquíssimas, se não for a única, referência a esse dispositivo a qual, pela importância e raridade, cito inteiramente a seguir:

Atenho-me ao plano de fazer com que o paciente se deite num divã, enquanto sento atrás dele, fora de sua vista. Esta disposição possui uma base histórica: é o remanescente do método hipnótico, a partir do qual a psicanálise se desenvolveu. Mas ele merece ser mantido por muitas razões. A primeira é um motivo pessoal, mas que outros podem compartilhar comigo. Não posso suportar ser encarado fixamente por outras pessoas durante oito horas (ou mais) por dia. Visto que, enquanto estou escutando o paciente, também me entrego à corrente de meus pensamentos

158 *Sobre o início do tratamento*; a “regra fundamental”.

inconscientes; não desejo que minhas expressões faciais dêem ao paciente material para interpretação ou influenciem no que me conta. Em geral, o paciente encara a obrigação de adotar essa posição como um incômodo e rebela-se contra ela, especialmente se o instinto de olhar (escopofilia) desempenhar um papel importante em sua neurose. Insisto nesse procedimento, contudo, pois seu propósito e resultado são impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência. Sei que muitos analistas trabalham de modo diferente, mas não sei se esta variação se deve mais a um anseio de agir diferentemente ou a alguma vantagem que pensem obter dela¹⁵⁹.

poucas coisas desse trecho gostaria de comentar, neste momento. de que o uso do divã por Freud se estabelece conforme uma experimentação mantida pelo seu repertório clínico com a prática da hipnose para o tratamento das doenças nervosas (neuroses).

...

mais do que convidar um paciente a se deitar no divã ou na rede, é o divã e a rede que precisam atrair o paciente: em outras palavras, o divã ou a rede instalados ali, na clínica, devem entrar em ressonância (agenciamento maquínico) com algo no paciente, produzindo o movimento (disparando o processo).

na minha perspectiva, o que *convida*, mais do que a estética, a marca ou o glamour de um divã, é a qualidade do seu acolhimento: de que modo ele sustenta o corpo – firme, macio, reto, inclinado, curto, longo etc.

depois de uns 30 minutos, ele estava deitado de braços no divã, que é plano, conversando sobre atividade/passividade em relação ao seu desejo sexual, foi quando teve um momento de apercepção através da transferência:

159 *Obras Completas*, Vol. 12. . 1913, p.149

“Engraçado, não sei se tem a ver, mas lembro do primeiro dia que eu vim aqui, há 3 meses, como se fosse uma criança super reprimida, interessada no divã e na rede, mas sem me sentir à vontade para ir experimentá-los. Na verdade, eu to chegando ainda, né? Toda vez que eu fui para a rede ou para o divã, eu sempre te dizia antes ‘hoje vou pra rede, hoje quero experimentar o tatame’, ou seja, falava o meu desejo antes de agir, com medo de alguma retaliação. Quando experimentei a rede, no início me senti bastante tenso e depois, com o tempo, fiquei completamente relaxado. Sou muito observador, fico atento a tudo. Hoje notei que tu atendeu rápido o interfone, demorou pra descer e desceu as escadas bem devagar. Mas alguma coisa tá mudando. Diferente dos outros dias, hoje deitei no divã sem te pedir ou comunicar, depois virei de bruços também sem pedir”.

o que você acha?

partimos do sentido que a esquizoanálise dá para a experimentação e a colocamos no contexto de uma clínica que se entende atuando ainda no campo do *movimento psicanalítico*, sustentada também por bases e ferramentas da psicanálise: *a experimentação é imanente a psicanálise*. logo no início, comecei estudando a história da psicanálise e das suas experimentações que acabaram virando a “técnica psicanalítica”, os primeiros casos e os escritos técnicos de Freud¹⁶⁰, por exemplo. logo adotei a ideia de que a transferência podia ser entendida como o campo experimental psicanalítico por excelência. era o que buscávamos desde o projeto: como fazer um clínica experimental ainda como um trabalho de psicanálise. a transferência parecia ser uma das chaves.

enquanto no mestrado o problema foi criar um modo de conduzir, segundo a esquizoanálise, certas experimentações que inventamos para tentar lidar com os problemas que apareciam, o projeto de doutorado trouxe outras questões, mas

160 na bibliografia desta tese há a referência a todos os textos de Freud sobre técnica, estudados na pesquisa..

sobre o mesmo assunto. a partir daí, o campo de estudos havia duplicado: continuei a pesquisa sobre experimentação esquizoanalítica – o corpo sem órgãos e as experimentações programadas –, mas passei a estudar também a psicanálise, procurando pela técnica psicanalítica básica para sustentar uma clínica experimental esquizo na condução de uma análise.

Ora, essas coisas psicanalíticas só são compreensíveis se forem relativamente completas e detalhadas, exatamente como a própria análise só funciona se o paciente descer das abstrações substitutivas até os ínfimos detalhes. Disso resulta que a discricção é incompatível com uma boa exposição sobre a psicanálise. É preciso ser sem escrúpulos, expor-se, arriscar-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem alguma dessas ações, criminosas, não se pode fazer nada direito.

Freud: carta à Pfister, 5 de junho de 1910

BLOCO F:
VÍDEO AUTORRETRATO E NARCISISMO

este bloco é dedicado aos estudos que realizei para melhor compreender o dispositivo que chamei de Fale consigo, que tecnicamente falando, é um vídeo autorretrato com um interlocutor, a figura do terapeuta, ou do “entrevistador”. este estudo foi, sem dúvida, o que me deu mais trabalho e sobre o qual acho que reuni a maior quantidade de material, desde os tempos do mestrado. em certo momento do doutorado cheguei a pensar que podia fazer a tese só sobre esse assunto. os caminhos e descobertas disparados por este dispositivo nos levaram à pesquisa sobre a relação do ser humano com a própria imagem, seu rosto, mas também de como ele se vê subjetivamente, envolvendo temas importantes em psicanálise, como o estágio do espelho, o narcisismo e a formação e função do Eu; além do campo da *rostidade*, que já conhecia há mais tempo, da esquizoanálise. um campo de trabalho demasiadamente extenso que, a esta altura do campeonato, só poderei esboçar para a conclusão da tese pra defesa.

em algum lugar, Nietzsche diz assim... “feliz daquele que possui apenas uma virtude”; acho que ele deve estar se referindo ao risco de ter de se dividir, ter de cuidar de duas coisas importantes ao mesmo tempo. mas talvez interprete assim, simplesmente por me identificar e achar que é o meu caso: acabei me dividindo entre a clínica e a arte do vídeo (ou seria: “...acabei me duplicando”?). o fato é que só acabei trabalhando com vídeo na clínica por ser um artista do vídeo, além de psicólogo.

(...)

1. sobre a invenção do dispositivo: como funciona e como foi a invenção. o caso clínico em que a experimentação foi criada:

O dispositivo:

Fale consigo é como chamo um programa para a experimentação numa espécie de máquina para fazer vídeo autorretrato. nesta máquina, o participante

retratado, ao mesmo tempo em que fala ou age, vê o seu próprio rosto na tela e escuta a sua própria voz pelo sistema de fones de ouvido. basicamente, a experiência consiste em transformar um monitor de vídeo (TV) num espelho, num vídeo-espelho, melhor dizendo. (ligação entre objetos parciais); dito de outro modo, uma câmera de vídeo enquadra o rosto do participante, sentado simultaneamente em frente da câmera e da TV: a câmera filma o seu rosto e transmite a imagem ao vivo para o televisor – por isso pode-se dizer que se trata de um retrato em vídeo. a imagem retorna para o próprio participante que está sendo retratado – fechando o mecanismo desse vídeo-espelho. como há o fator tempo, por ser em vídeo, o personagem participa da construção da cena, com sua presença, sua imagem, seus gestos, sua arenga.

o programa que chamo de Fale consigo, funciona sobre esta instalação técnica do seguinte modo; aliás, isso foi desenvolvido e experimentado de vários modos, principalmente nos três primeiros anos de trabalho, até chegar neste modo de funcionar, que consiste em alternar um momento de gravação ao vivo, com a pessoa interagindo com a sua própria imagem ao vivo, e outro momento, seguinte, em que aquilo que foi recentemente gravado é assistido. o tempo de gravação pode variar, conforme uma variada gama de circunstâncias, e o disparador da experiência não precisa ser nenhuma instrução, como a de “falar consigo”, pode ser simplesmente o que vier a acontecer quando a figura começar a se enxergar; geralmente a dinâmica de uma sessão dessas, vem dos próprios efeitos disparados no processo.

para este programa funcionar a gente precisa estar acompanhado; se não, será outra coisa. este tipo de selfie em vídeo tem pouco a ver com o selfie fotográfico, tão em alta. no autorretrato fotográfico a gente prepara o rosto para a fixação de apenas um quadro – faz uma pose. mas em vídeo há um registro temporal da imagem, a gente é fotografado a vinte e quatro quadros por segundo, o que muda totalmente a situação da pose, a gente é filmado em ato. quem acompanha o retratado, no meu caso, como clínico ou entrevistador, faz com que a ligação com a imagem se mantenha, por causa da função que ocupa do lugar daquele a quem o ato também está se dirigindo, para além da tela. pode-se dizer que este lugar de quem acompanha é do

clínico ou do retratista; de modo que, por haver um retratista incluso, este programa de vídeo autorretrato é ao mesmo tempo um retrato e um autorretrato.

com a sucessão de muitas experimentações com o dispositivo, em certo momento percebi que não precisava fazer uma entrevista, e que não era isso que mais importava. comecei a perceber que as minhas interferências não precisavam ser feitas pensando somente numa resposta ou reação imediata da figura, pois como fazia parte do programa, assistir o que foi gravado logo em seguida, a interferir na hora da gravação podia sr feita pensando no futuro, ou seja, fazendo intervenções sabendo que o seu efeito seria registrado e visualizado imediatamente; dizendo de outro modo, uma intervenção durante a gravação ocorre simultaneamente no presente e no futuro, já que se pode intervir sabendo que o sujeito vai assistir sua performance no segundo momento – “o que seria interessante que ele se visse falando?”, ou “o que seria interessante que ele se visse fazendo?”; intervenções para ajudar que o participante siga em seu autorretrato.

Sua invenção (história):

A apresentação, com o histórico sobre a invenção deste dispositivo (2007), vem com a reapresentação do caso *Um corpo para falar*, do mestrado¹⁶¹. a invenção de dispositivos para que o paciente pudesse entrar em relação consigo mesmo, de modo a experimentar os seus sintomas expressos pela fala. *um corpo para falar*, quer dizer, um corpo sem órgãos produzido por uma experimentação clínica, para funcionar como base de trabalho para as questões da fala, e a percepção de si mesmo ao falar, apoiada nas imagens gravadas. a questão principal com esta experimentação, assim como com as outras, sobre as quais discorri no bloco C, incide também em inventar meios experimentais para favorecer que o paciente entre em relação consigo mesmo, através do analista e do dispositivo, a partir daquilo que ele próprio definiu com sendo o caso que queria tratar.

161 dissertação de mestrado Clínica experimental: programas para máquinas desejanter. 2007. PUC-SP

atualmente, com uma filmadora que grava em arquivos de vídeo, não em fitas, a experimentação com pacientes voltou a acontecer, porque ganhou um caráter efêmero, já que podemos apagar as imagens gravadas, no final de cada sessão; isso para garantir a manutenção de uma privacidade plena, de acordo com os mais simples procedimentos da clínica psicológica, e também para extrair o supramundo da experimentação, deixando de lado preocupações com o que poderia acontecer com este tipo de material arquivado.

ele me procurou para fazer terapia querendo modificar sua relação com a própria voz: uma gagueira e o bloqueio da fala em público, eram as suas queixas. então, o dispositivo possibilitou que ele, olhando para o próprio rosto e ouvindo sua própria voz, trabalhar o seu assunto. de imediato, logo nas primeiras, ele notou que o dispositivo permitia retardar um pouco o caminho que vai do pensamento à fala. esse retardamento, essa modificação temporal, ocorria principalmente porque ele estava vendo o próprio rosto e escutando sua voz ao vivo, como se isso duplicasse o seu corpo; minha hipótese, a partir dessa observação, foi de que lhe faltasse corpo para sustentar o sistema da fala. esse pequeno atraso, significava que ele poderia conter um pouco mais o pensamento até poder liberá-lo com a energia suficiente para que a voz não saísse “travada”, como ele dizia. o duplo produzido pelo vídeo parecia lhe duplicar o próprio corpo. era como se através do vídeo autorretrato, fosse possível inserir um vírus nessa maquinaria de bloqueio, cujo principal sintoma era a gagueira, liberando para um reinvenção.

o trecho abaixo foi gravado logo após ele assistir a um cena de vídeo autorretrato, onde podemos notar o efeito mais comum que observamos, a estranheza com a própria imagem:

0'00" Assistindo ao vídeo eu tava pensando em algumas coisas: a sensação de estar vendo alguém que não sou eu – tipo um outro, alguma coisa meio dissociada. Essa sensação de estar vendo um outro tem a ver com não sentir que aquelas questões ainda sejam minhas. Parece que eu não penso mais aquilo tudo e quando eu me vejo pensando tudo aquilo... o

que vem na minha cabeça, agora, é a ideia de um pensamento fechado dentro de si mesmo. ...fazer sentir pelo pensar [travou]. Parece que a minha brisa toda era articular um pensamento que pudesse fazer brotar a vida instantânea através de uma lógica qualquer. Acho que não penso mais assim. Hoje em dia eu tenho mais é uma sensação de abandono de mim mesmo, assim...

o efeito de não se reconhecer na imagem foi bastante comum, talvez o mais comum, entre os observados em todas as experiências com esse dispositivo; tenho uma hipótese que explica esse acontecimento do seguinte modo: a estranheza, o choque, ocorre entre a imagem que se imagina ter e a imagem que o vídeo mostra, tomada como a real, como realmente se é, como o outro te percebe.

logo depois que comecei a desenvolver o trabalho com video autorretrato com este paciente, surgiu uma oportunidade de colocar o dispositivo à prova de um público maior e estrangeiro a clínica. fui convidado para uma mostra de arte, nos idos de 2007, onde levei o video autorretrato com instalação, para quem quisesse experimentar.

na instrução da experimentação, preparando a pessoa, sugeria que ela “falasse consigo” ou “falasse de si”, olhando e escutando a si mesma, de onde veio o nome Fale consigo:

alguns falaram de si, outros do que estavam percebendo no ato, ou então de alguma coisa que acontecia na sua vida; e houve aqueles que reagiram ao que viam na TV com gestos do próprio corpo, dançando ao espelho. a gravação do primeiro bloco, que era o “fale consigo” propriamente dito, durava por volta de dez minutos; a segunda parte da experimentação consistia em assistir a gravação do primeiro bloco; e na terceira, em vez de uma continuação, eu pedia um comentário sobre o que o participante tinha visto, o que tinha percebido de si, o que tinha sentido sobre os efeitos do dispositivo ou enquanto assistia ao vídeo:

era apenas um modo de tentar colher uma fala sobre os efeitos da experimentação, mas, algumas vezes, ficou mais interessante do que a gravação do primeiro bloco, principalmente devido ao impacto causado por assistir a si mesmo no filme. esta participação na mostra encerrou-se com a experimentação de vinte pessoas, ao longo de dois finais de semana. alguns desses retratos, selecionei para apresentar agora, em forma de texto¹⁶²:

Ana: Sempre achei que minha cabeça fosse muito grande, mas pelo visto...

Peraí, que eu tenho uma dificuldade primeira de me achar, é meio natural isso em mim, assim. Eu não me localizo, tá vendo?

Ana: Um certo experimento de como, quando, onde. Gente eu não me enxergo! Só quando eu não olho pra mim que eu tô me enxergando, quer dizer, eu não me vejo mas é mais ou menos isso que acontece comigo e eu sei disso. E o pior é que aí entra a questão social, né?! Que eu não me enxergo também e aí eu tento representar o que eu percebo em mim, de mim, assim, sabe?

Ana: Um metro pro chão é que você tá bem concentrado em você, e eu tento me concentrar em mim, só que é difícil socialmente, eu tento me concentrar porque eu num queria representar, assim, sabe? E num tem problema assim, só ser assim. Mas tem. Então é aí que eu fico meio confusa e desencaixada.

Ana: Os lábios finos, né, que isso não convém, mas eu

162 um filme com as cenas desses diálogos está disponível no YouTube:
<https://youtu.be/h-YG6DfhBUE>

tenho. Não convém suar na testa também, mas eu sudo. Não convém ter a testa assim, mas eu tenho. Não convém, mas eu...

Ana: É...o que eu senti de mim? É...é algo, é muito forte que...é...que bom que também me escapa, mas se tem alguma coisa forte que me...sabe? É..é...parece que eu reconheço os momentos que morro de medo, eu tenho medo, os momentos que eu tenho medo.

Ana: É, eu sou...A sensação que eu tenho é que eu sou estranha pra mim mesma. Ai, que bom, que bom, que bom. Ai que bom que eu num sei como eu sou, assim olhando, sabe? É que bom... Às vezes nem é a minha voz, acho estranho, mas eu sinto quando ela muda também.

Ana: Você vê traços de família, né?! Você vê traços de antes de você, assim, esculpidos em você. Ai, eu acho tão legal isso. Ai, me dá um alívio, Eu, né?! Eu sei assim, Ana! Fala. Ana! Sua trouxa, você demora. Eu demoro. Você demora. Eu demoro. Eu demoro. A tá aqui só, assim...Fluindo, assim.

Ana:É difícil, né?! Nossa, é estranho. É difícil se reconhecer. Será que eu sou meio tooooooorta. Volta.

Ana: Eu tenho um leve problema de respiração, eu não sei respirar, eu não sei onde eu respiro. Eu não sei onde eu respiro, assim. E gente porque é ???? de um lado. Uma tendência a cair. A dar espaço a outras imagens assim, acho legal. Ah, que legal me ver com vergonha!!! Eu prefiro fazer careta e não olhar. As caretas elas me disfarçam. Aí eu acho que assim eu me

atrevo a simplesmente a falar com o maxilar.

Biba: ...esse espelho do vídeo é diferente do espelho do...do espelho da... princesa. Mas vamos lá, vou olhar pra esse espelho e vou dizer o que me parece esse espelho, espelho, então se parece comigo mesma na Nilva, acho que eu vejo a Nilva nesse espelho e talvez eu esteja buscando ela mesma, a Nilva. É isso. Porque meu nome é Nilva. Então, porque a Nilva é diferente da Biba e...bom quando eu falei a Biba, parece que eu já melhorei, parece que eu já tô me sentindo eu mesma agora. Então, queria, é muito difícil, acho que é muito difícil porque tem muitos, é...muitas camadas que num viam, e às vezes você tira todas de uma vez e vê e se vê, às vezes é bom, às vezes não. Mas num é sempre que você se vê, precisa ir se esforçando, é um trabalho, é igual quando você começa a escrever, que você vai escrevendo, vai ficando esquisito, fazer um desenho também e na, a busca de desenhar melhor faz você desenhando melhor, vendo o desenho, você vê o desenho antes dele nascer e se ver acho que é assim também, né?! Agora é por isso que eu tô me vendo um pouco mais. Acho que é um trabalho. Se eu ficar falando aqui talvez eu chegue lá, mas eu não tô me vendo totalmente ainda. Mas, tô melhorando.

Caio: Tá, tá bom. Tô me ouvindo. É estranho, é estranho ouvir a voz, né. Ela tem um timbre que num...É um timbre que num é o...É estranho, eu acho minha voz esquisitíssima quando eu ouço ela. Mas acho que é normal, todo mundo, todo mundo reclama né, eu acho que todo mundo reclama da própria voz, e eu tô achando ela estranha mesmo.

Gustavo: É o espelho do banheiro de manhã, só que com movimento. Absolutamente engraçado. Vejo o meu irmão, na voz...É...é uma viagem, psicológica mesmo. No outro lado do espelho, e neste caso tem uma câmara. De manhã no espelho do banheiro é...é consigo mesmo, aqui a gente já tem a presença do outro. Até de eu como o outro, né?! É... e é nesse contexto que a gente não se apropria do espaço e do som que vem de fora. E com um terapeuta aqui do lado que a gente já sabe que interpreta. Ou dizem que de graça, o que ajuda. Além do mais o terapeuta vai te ajudar de que se és um chargista, um desenhista? A caricatura dele que está fazendo em relação a minha própria caricatura interna, qual será? Sendo o mais velho do pedaço, mas por outro lado querendo experimentar, até pela própria força de todos os jovens que tão aí fora. E de meu próprio filho que está aí. E da Audrey que fala da arte contemporânea com uma...entusiasmo apaixonante. Esse olhar para baixo também é...Normalmente quando penso olho para cima. É, quase que Borges acho que não conheceu esse sistema, porque ele fala dos espelhos, mas isto é um espelho, um espelho contemporâneo.

Thereza: Bastante aflitivo. Eu não sinto vontade alguma de falar. Eu gosto de ficar olhando o reflexo no meu óculos. Me satisfaz . Um fundo infinito. É bastante interessante ter um fundo infinito no seu óculos. A imagem, da imagem, da imagem, da imagem.

Thereza: Que ridículo Ana Thereza, só porque vai ficar gravado você não quer falar nada? É pior para você que depois vai ter que ficar que ficar observando você em silêncio. Vai ser mais constrangedor ainda.

Thereza: É incrível como a pessoa fica com um comportamento ridículo perante a câmera, não sei, completamente idiota, só porque falou que vai gravar, que vai ter que ver de novo, parece que... não sei, que intimida o ser humano, fica besta, não sabe o que fazer, não sabe como agir, não sabe que... Não sei, é uma coisa muito esquisita, não consegue... Fica bobo. Fica como se diz... constrangido, acuado, arredio.

Thereza: Eu acho ridículo. Ridículo, totalmente ridículo. A pessoa se idiotiza perante a própria imagem, porque se vê e vê aquilo que fala que vai ficar registrado, a pessoa se idiotiza totalmente. Perde o rumo, perde o sentido, perde a direção, perde a razão de ser, a razão de existir, perde a razão de estar ali, não sabe por que está ali, não sabe porque está fazendo, não sabe mais nada. Se perde no meio do tudo. Se perde no cheiro das orquídeas. Se perde num lugar que nunca se quis estar.

3. Narciso, de Ovídio: *Metamorfoses*; Livro 3.

“Se embevece de si, e no êxtase pasma-se,
como um signo marmóreo, uma estátua de Paros.
Contempla, à beira, os seus olhos, estrelas gêmeas, (420)
a cabeleira digna de Apolo e de Baco,
a face impúbere, o pescoço ebúrneo, a grácil
boca e o rubor à nívea candura mesclado;
e admira tudo aquilo que o torna admirável.
Sem o saber, deseja a si mesmo e se louva, (425)
cortejando, corteja-se; incendeia e arde.”

“Este sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbia.
Ardo de amor por mim, faço o fogo que sofro.
Que faço? Rogo ou sou rogado? A quem rogar? (465)
Quero o que está em mim; posse que me faz pobre.
Oh! Se eu pudesse separar-me de meu corpo!
Desejo insólito: querer longe o que amamos!¹⁶³”

“iste ego sum”: este sou eu.
Narciso não se enxerga.
o ser humano não vê muito bem a si mesmo.

(...)

163 *As metamorfoses*, Ovídio.

EPÍLOGO (enquanto prólogo)

quando estava lendo os relatos de viagem de Cristóvão Colombo, dei-me conta que no diário da primeira viagem, a da descoberta, que ele introduz o relato apresentando o seu projeto segundo os critérios do que estou chamando de experimentação programada ...e que, portanto, tínhamos alguma coisa em comum.

assim como o diário de Colombo, à serviço do Estado monarca, se produz a partir de um endereçamento à instituição, na figura do rei e da rainha, a quem se deveriam às honras e a posse por quaisquer “ilhas ou terras virgens” encontradas no *além mar oceano*, meu trabalho, em primeiro grau, é endereçado ao Núcleo de Estudos de Subjetividade do Pós-graduação em Psicologia Clínica, que recebeu-me com mais um projeto de estudos para ser desenvolvido sob a sua orientação e supervisão... como aquele que, na figura do pesquisador das *artes da clínica*, presta contas das suas andanças experimentais de um aprendiz de analista (feiticeiro).

na intersecção com navegadores desse tipo sinto-me, enquanto pesquisador doutorando, como o comandante de uma nave cuja viagem é a própria pesquisa; viagem para destinos possíveis, mas ainda desconhecido, na cabeça de uma nau que não depende só de um timoneiro para navegar; mas que viaja a partir de um projeto sobre o qual cabe a ele toda a responsabilidade e palavra final; comandante, assim como Colombo, com um projeto planejando os seus desejos e ainda, toda uma coletividade dando sustentação a expedição. por isso, este comandante não responde apenas por si mesmo – o capitão não é o senhor absoluto, mas o servo que associa os seus propósitos individuais aos planos existenciais coletivos, submetendo-se aos desígnios da ética que toma a *vida como valor maior*. é como a escrita: só é possível, segundo esse modo de ver, se existe a figura do leitor – o par escritor-leitor é indissociável.

- esta tese , pode-se dizer, começou a ser produzida muito antes do processo de doutorado ter início; nos idos de 2003, quando do começo da pesquisa de mestrado, de maneira, digamos, inconsciente ainda, ou virtual, lá já estava o

germe do que veio a se transformar nesta pesquisa de doutorado e nesta tese que apresenta alguns dos seus resultados e conclusões. desde lá se vão cerca de quatorze anos de estudos orbitando o Núcleo de Subjetividade, como um elétron intermitente, até chegar neste instante. quatorze anos de estudos e pesquisas da subjetividade, que foram se conectando em torno de uma única, mas múltipla, experiência: a clínica.

o trabalho com clínica, que comecei em 2005, enquanto ainda estava no mestrado, norteou os caminhos dos estudos que se abriram sobre os meus planos desde àquele período. no mestrado, houve a junção entre duas questões que me interessavam: a experimentação programada de alucinógenos (religiosa ou não) e a experimentação programada segundo a esquizoanálise; foi desta junção que resultou um “método” de trabalho com experimentações em clínica, a partir da esquizoanálise, apresentado pela primeira vez na dissertação denominada “Clínica experimental: programas para máquinas desejanter”.

- enquanto estrutura, o mestrado apresentou quatro diferentes casos em que foram inventados, para cada um deles, a partir do que se podia entender como demanda de cada um, um tipo de experimentação específica: os títulos de cada um desses casos, na dissertação, dizia respeito ao tipo de desejo que eles expressavam: *um corpo para falar*, dizia respeito a um caso em que o desejo da figura estava ligado a sua vontade de trabalhar a própria comunicação oral (gagueira, travas ao falar em público) – para o qual foi criado a experimentação com video autorretrato que mais tarde chamei de Fale consigo; *um corpo para brincar*, dizia respeito ao caso que chegou para mim como uma crise de pânico, conforme trabalhado no bloco C desta tese; *um corpo para viajar* (objetos relacionais, estruturação do self); e ainda, o caso do “jogo do rabisco”. donde “um corpo”, nesses títulos, era uma referência a “um corpo sem órgãos”; um corpo para os desejos.

- cada uma dessas experimentações resultou numa série de efeitos que, concluído o mestrado, ainda necessitavam mais estudos para serem melhor compreendidas; assim como as teorias que embasavam o modo de trabalhar com experimentação em clínica. foi dessas necessidades que logo que o mestrado foi

concluído comecei a construir um projeto para o doutorado.

- os estudos de esquizoanálise seguiram a linha construída no mestrado, no sentido de melhor compreender o conceito central para a questão da experimentação em clínica, segundo a esquizoanálise, o de “corpo sem órgãos”. por outro lado, se fez necessário, por demanda da própria prática clínica, entrar em estudos mais intensos sobre a psicanálise, entender e aprender melhor qual era a arte desta clínica; como o tema de pesquisa era a experimentação na clínica, nosso foco de estudo sobre a psicanálise foi a sua história e os textos sobre a técnica psicanalítica.

- a tese recebeu o nome “A clínica e seu duplo”; donde a experimentação foi trabalhada como o duplo da clínica, seu meio conjugado, associado, imanente. a clínica, desde os primórdios da humanidade, lida com problemas para os quais se faz necessário empreender experimentações; pensemos por exemplo, na milenar experimentação com plantas de diversos tipos, utilizadas como medicina pelos xamanismos mais antigos (contemporâneos ainda).

- nosso exemplo mais íntimo e contemporâneo, aquele ligado ao tipo de clínica que praticamos e estudamos nesta pesquisa, vem da própria experimentação freudiana no momento em que ocorre a invenção da psicanálise; ou seja, as neuroses produzidas pelos sistemas de subjetivação e normatização da vida na Europa burguesa vitoriana criavam sintomas para os quais não havia explicações ou diagnósticos que determinassem causas puramente somáticas. as neuroses, que os contemporâneos de Freud tentavam “curar”, eram causadas por eventos existenciais, psicológicos, para os quais, inúmeras experimentações clínicas foram inventadas (a mais utilizada, sem dúvida, teria sido a hipnose), até o surgimento da psicanálise de Freud.

- durante o doutorado, várias linhas de estudo foram traçadas e percorridas em torno do que tinha a ver com experimentação e clínica: o corpo sem órgãos; a cartografia; a(s) técnica(s) psicanalítica(s); as experimentações programadas em diversos tipos de clínicas (psicanalíticas, esquizoanalítica e outras) e na arte; o inconsciente colonial (as navegações, história dos bandeirantes e dos gaúchos;

guerreiros: Iliada, Conquista de Canaã, a arte da guerra etc.), seguindo a pesquisa da minha orientadora, tratando da ligação entre a história pessoal e coletiva; a relação de objeto (no que dizia respeito ao uso de “objetos relacionais” na clínica; e por fim, mas desde o mestrado, o estudo da rotação, do narcisismo e do estágio do espelho, para compreender melhor os efeitos produzidos pelo dispositivo de vídeo autorretrato. alguns desses campos que não chegaram a se fazer presentes de modo bem tratado na tese, e que ficarão abertos para as nossas escritas e investigações futuras.

assim, chego ao final desta jornada, como quem toca no fundo da areia da praia e empurra o chão com os pés, procurando o impulso da terra para disparar um novo começo; ciente de que esta tese possui muitas entradas e diversas saídas, como linhas soltas se esparramando para fora das páginas, germinando novas viagens para um futuro por vir.

RESUMOS

. bloco a:

navegar é preciso: é o bloco sobre experimentação e cartografia, onde proponho uma visão do “método” de pesquisa esquizoanalítico para além da cartografia; ou seja, minha tese a esse respeito é de que a cartografia diz respeito a todo e qualquer meio de registro de experimentações, sendo que em esquizoanálise temos também indicações de outros “métodos” que não o cartográfico; como o que encontramos em “Como criar para si um cso”.

. bloco b:

no princípio era o ovo (estudo sobre o cso 1) é o primeiro a tratar do tema “corpo sem órgãos”, dividido em dois: o que é um cso e como criar. o que é? o ovo. vou a biologia para tentar mostrar que um corpo sem órgãos é o mesmo que um ovo, como está expresso no próprio texto a esse respeito – passo pelo ovo biológico e chego ao ovo humano, com Artaud e Deleuze.

. bloco c:

programa para máquinas desejantes (experimentação e clínica 1): depois de colocar a compreensão a que chegamos sobre o que é e como criar um cso, passo a apresentação de um caso clínico exemplar, de “aplicação” do “método”. primeiro, tratamos de dizer que toda experimentação clínica (do tipo de clínica que trabalho e investigo, do desejo) deve partir do caso e não dos desejos individuais do terapeuta; depois, como criar, como colocar em funcionamento (os programas) e como acolher os efeitos das experimentação e o que fazer com eles.

. bloco d:

sobre a ilha deserta (estudo sobre o cso 2): “a ilha deserta é o ovo do mar” diz Deleuze em seu primeiro texto conhecido; não por ser limitada circularmente pelo oceano, podendo se parecer com um ovo, mas por estar, do ponto de vista humano, desprovida das instituições existentes em qualquer comunidade de seres humanos. donde chego a afirmar que “o ovo está para o humano assim como a ilha está para o mundo humano”; numa ilha desse tipo, o ser humano

precisa re-começar.

. bloco e:

a arte da clínica (experimentação e clínica 2): qual o mínimo de psicanálise necessário a uma clínica do desejo, a partir de onde podemos trabalhar com experimentações? surgiu como decorrência dos estudos da história do movimento psicanalítico e das suas técnicas. donde tomamos o minimalismo psicanalítico de uma enunciação do próprio Freud em que ele assenta a psicanálise sobre o sistema repressão (ou recalque)- resistência; e a manifestação clínica relacional da transferência.

bloco f:

video autorretrato e narcisismo: este o bloco que tendo ficado por último, ainda está sendo trabalhado no sentido da produção de conteúdo. é sobre a experimentação com autorretrato, já tratada no mestrado, mas desenvolvida a partir de estudos que nos ajudaram a compreender melhor quais os sentidos apontados pelos efeitos desse dispositivo. o ser humano é o único animal que possui um rosto, mas também o único animal que terá uma relação consigo a partir de uma imagem de si mesmo construída desde as primeiras reações que o seu ambiente, aqueles que lidam com ele, lhe transmitirão; o bebê humano, passa a criar uma imagem de si mesmo antes mesmo de ter acesso ao campo da linguagem; ele já existe numa imagem, que será, segundo entendemos, a base sobre a qual se dará a construção do Eu. o video autorretrato, do modo como pratico, é um dispositivo que possibilita ao participante se ver da perspectiva em que o outro o vê e, por conta disso, essa a nossa tese a esse respeito, ele experimentará a diferença entre a sua imagem ideal de si e a sua imagem “real” reproduzida pelo vídeo.

AGRADECIMENTOS:

ao Núcleo de Subjetividade meu respeito e eterna gratidão por terem recebido os meus dois projetos de estudos, tendo sido um núcleo pelo qual orbitei aprendendo e me desenvolvendo entre os anos de 2003 e 2016; gratidão pelo acolhimento e colaboração na sustentação e desenvolvimento destes campos de pesquisa de mais um esquizoanalista. os agradecimentos a seguir, com tom mais de final de filme, são apenas um marca necessária para esta ocasião; lamento se faltar afeto ou poética e espero poder retribuir a minha gratidão com vocês e tantos outros mestres, mestras, amigos e amigas, que não citarei a seguir, para o resto das nossas vidas.

- . Suely Rolnik: orientação do doutorado, estímulos, indicações, ensinamentos..
- . Luiz Orlandi: orientação do mestrado, encaminhamento para o doutorado, ensinamentos, filosofia, banca.
- . Peter Pelbart: orientações, ensinamentos, parceria, escuta, filosofia, banca.
- . João Perci S.: ensinamentos, supervisão, sustentações, psicanálise, banca.
- . Damian Kraus: parceria, coleguismo, *gauchismos*, psicanálise, banca.
- . Cristina Vicentin e Felícia Knobloch: suplência da banca.
- . Ana Godoy: acompanhamento de escrita, orientações, ensinamentos, escuta, amizade.
- . Bruno Bernardi: fotografias (ovo, Fale consigo, gengibres...), parceria, viagens.
- . Elizabeth Lima: companheirismo, amizade, viagens, leituras.
- . a todos que participaram da experimentação com o Fale consigo, e aos que me permitiram utilizar as imagens dos seus retratos para fundo de pesquisa e exibição pública.
- . a todos os “pacientes” pacientes, que me permitiram aprender tentando ajudá-los.
- . Adalberto L.C., Johannes F., Alfredo N.N., meus terapeutas em diferentes períodos do antes e durante o doutorado, cujos cuidados fundamentais ajudaram a dar sustentação para um recomeço e a finalização de uma missão.
- . aos meus pais, por todo o carinho, os esforços da vida dura, o apoio e incentivos irrestritos.
- . as seguintes instituições: Biblioteca da PUC; Google; OpenOffice; Wikipedia; Youtube; Skype. CAPES e CNPQ, pelas bolsas.

...

R.D.A.

contato: rafaeladaime@gmail.com

currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6629198612923150>

adaime.wordpress.com

BIBLIOGRAFIA GERAL (referências e consultadas)¹⁶⁴:

fazer a bibliografia completa, no final do trabalho, é como um programa de recapitulação de todos os caminhos que percorremos, de todos os livros por onde passamos, passeamos, viajamos, aprendemos; “nossos amigos imaginários”. entrando neste lista, tudo que utilizei, tudo que ajudou, além da bibliografia citada no próprio texto. para tentar falar em nome próprio, nesta tese, foi necessário incorporar muitos textos e autores, que no final não foram citados diretamente no corpo da tese, mas suas presenças se manifestam em minha escrita. incluído obras lidas durante o doutorado, como parte dos estudos determinados pelo projeto, em cada uma de suas linhas; sem, no entanto, que esta bibliografia esgote o material consultado, seja integral.

A

ADAIME, R. D. Clínica experimental: programas para máquinas desejantes. Dissertação de mestrado. PUC-SP. 2007.

AGRIPPINO DE PAULA, José. Lugar Público. Ed. Papagaio. 2004.

ARTAUD, Antonin. Os Tarahumaras. Lisboa; Relógio D'água. 1985.

_____. Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre; Ed. L&PM. 1983.

_____. Pour en finir avec le jugement de dieu: Oeuvres completes Vol. 13. Paris, ed. Gallimard. 1976.

_____. O teatro e seu duplo. Tradução Teixeira Coelho. Ed. Martins Fontes. 2006.

B

BALINT, Michael. A falha básica. Tradução Francisco Settineri. Ed.

164 a bibliografia, assim como as notas de rodapé ainda serão acertadas no pós-defesa.

Artes Medicas. 1993.

BÍBLIA SAGRADA. Editora Santuário. 2013.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. Tradução Paulo Neves. Ed. Martins Fontes. 1999.

BLAKE, William. Provérbios do inferno. Em: O casamento do céu e do inferno. Porto Alegre, Ed. L&PM. 2007.

C

CARROL, Lewis. Alice no país das maravilhas. Porto Alegre, ed. L&PM.

CASTANEDA, Carlos. O fogo interior. Tradução: Antônio Trânsito. Ed. Record. s/d, Copyright 1984.

_____. O presente da águia. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro, ed. Record. 1981.

_____. Viagem a Ixtlan. Tradução Luiza Machado. São Paulo, ed. Circulo do livro. © 1972.

_____. A erva do diabo. Tradução de Luiza Machado. São Paulo, Circulo do Livro. © 1968.

_____. O poder do silêncio. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro, Nova Era. 2008.

CASTRO, Eduardo Viveiros. A inconstância da alma selvagem. São Paulo, Cosac

Naif.

COLOMBO, Cristóvão. Diários da descoberta da América. Tradução Milton Persson. Porto Alegre, Ed. L&PM. 2013.

D

DARWIN, Charles. A origem das espécies. Tradução Carlos Duarte. Ed. Martin Claret. 2014.

DICIONÁRIO de La lengua espanola para brasileiros. Ed. Martins Fontes. 2002.

DEFOE, Daniel. As aventura de Robinson Crusoé. Tradução: Albino Poli Jr. L&PM. 2014.

DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo, Ed. Iluminuras. 2006.

_____. Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológica. Em: Cadernos de Subjetividade. São Paulo, ed. Hucitec. 2003.

_____. Cinema 2: A imagem-tempo. Tradução Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo, ed. Brasiliense. 2007.

_____. Foucault. Tadução Renato Janine Ribeiro. São Paulo, ed. Brasiliense. 1988.

_____. Derrames: entre el capitalismo y la esquizofrenia. Tradução para o

espanhol da equipe Cactus. Buenos Aires, Ed. Cactus – Serie Clases. 2005.

_____. Lógica do sentido. Tradução Luiz Salinas. Ed. Perspectiva. 1974.

_____. Clínica e clínica. Tradução Peter Pál Pelbart. Ed. 34. 1997.

_____. Sacher-Masoch: o frio e o cruel. Tradução Jorge Bastos. Ed. Jorge Zahar. 2009.

_____. Espinosa: filosofia prática. Tradução Daniel e Fabien Lins. Ed. Escuta. 2002.

_____. Francis Bacon: Lógica da sensação. Tradução Roberto Machado. Ed. Jorge Zahar. 2007.

DELEUZE & GUATTARI. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vols. 1, 2, 3, 4 e 5. Vários tradutores. São Paulo, Ed. 34. 1996.

_____. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Luiz Orlandi. São Paulo Ed. 34. 2010.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. Diálogos. Tradução Eloisa Ribeiro. Ed. Escuta. 1998.

DICIONÁRIO HOUAISS. Ed. Objetiva. 2009.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. Crime e Castigo. S/tradutor. Ed. Abril cultural. 2002.

E

ELLIS JR., Alfredo. O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano. Coleção Brasileira: Companhia Editora Nacional. 1938.

ESPINOSA, Baruch. Ética. Tradução Joaquim de Carvalho. Ed. Nova Cultural. 1997.

E

FERENCZI, Sandor. Técnica ativa. Em Obras completas Vol.3. Tradução Álvaro Cabral. Ed. Martins Fontes. 2011.

FIVE HUNDRED SELF-PORTRAITS. Nova Iorque, ed. Phaidon. 2007.

FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. São Paulo, ed. Princípio. 1990.

FONTANA, Alberto. Psicoterapia com LSD e outros alucinógenos. São Paulo; Ed. Mestre Jou. 1969.

FREUD, Sigmund. Obras completas. Edição Jayme Salomão, Ed. Imago. 1996.

Textos de Freud sobre a psicanálise, estudados durante o doutorado, segundo um dos propósitos desta pesquisa:

_____. Sobre a psicoterapia (1905);

_____. Psicanálise silvestre (1910). Vol 11.

_____. Sobre a psicanálise (1913);

_____. O interesse científico da psicanálise (1913). Vol. 13

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). Vol. 17.

_____. Psicanálise: dois verbetes de enciclopédia (1922);

_____. Uma breve descrição da Psicanálise (1924);

_____. Psicanálise (1926);

- _____ . As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). Vol 11.
- _____ . Esboço de Psicanálise (1938).
- _____ . Historia do movimento psicanalítico (1914). Vol. 14.
- _____ . Cinco lições de psicanálise (1909). Vol. 11

Textos metapsicológicos, teóricos e clínicos de Freud, estudados durante esta pesquisa:

- _____ . Sobre o narcisismo: um introdução (1914). Vol. 14.
- _____ . Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). Vol. 11.
- _____ . O estranho (1919). Vol.17
- _____ . Os instintos e suas vicissitudes (1915). Vol.14.
- _____ . Repressão (1915). Vol. 14.
- _____ . O inconsciente (1915). Vol 14.
- _____ . Luto e melancolia (1915). Vol. 14.
- _____ . Contribuições à psicologia do amor 1, 2 e 3. Vol. 11.
- _____ . Fragmento de análise de um caso de histeria (1905). Vol. 7.
- _____ . Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Vol. 7.
- _____ . Estudos sobre a histeria (1893-1895). Vol. 2.
- _____ . Sobre o mecanismo dos fenômenos histéricos (1893). Vol. 3
- _____ . As neuropsicoses de defesa (1894). Vol.3
- _____ . Obsessões e fobias (1895). Vol. 3
- _____ . Neurose de angustia (1895). Vol.3
- _____ . A hereditariedade e a etiologia da histeria (1896). Vol.3
- _____ . Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896).

Vol.3

- _____ . A etiologia da histeria (1896). Vol.3
- _____ . A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). Vol. 3
- _____ . O mecanismo psíquico do esquecimento (1898). Vol.3
- _____ . Lembranças encobridoras (1899). Vol.3
- _____ . A interpretação dos sonhos (1900). Vol.4 e 5.
- _____ . Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). Vol 12.
- _____ . Tipos de desencadeamento da neurose (1912). Vol. 12.
- _____ . Além do princípio do prazer (1920). Vol. 18
- _____ . O ego e o id (1923). Vol. 19.
- _____ . A dissolução do complexo de Édipo (1924). Vol.19.
- _____ . A divisão do ego no processo de defesa (1940). Vol. 23

Textos sobre “técnica” de Freud, estudados durante esta pesquisa:

- _____ . Artigos sobre técnica:
- _____ . O manejo da interpretação dos sonhos (1911);
- _____ . A dinâmica da transferência (1912);
- _____ . Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912);
- _____ . Sobre o início do tratamento (1913);
- _____ . Recordar, repetir e elaborar (1914);
- _____ . Observações sobre o amor transferencial (1915). Vol 12.
- _____ . Uma nota sobre a pré-história da técnica de análise (1920). Vol. 18.
- _____ . A negativa (1925). Vol. 19.
- _____ . Inibições, sintoma e ansiedade (1926). Vol.20.
- _____ . A questão da análise leiga (1926). Vol. 20.

_____. Análise terminável e interminável (1937). Vol. 23

_____. Construções em análise (1937). Vol. 23

G

GAIARSA, José Angelo. Respiração, angústia e renascimento. Ed. Ícone. 1994.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina; Ed. L&PM. 2013.

GAUTIER, Theophile. O clube dos haxixins. Tradução José Brum. L&PM. 1986.

GODOY, Ana. A menor das ecologias. São Paulo, ed. EDUSP. 2008.

_____. A força das ilhas evanescentes.

GOETHE, J.W. Fausto. Tradução Silvio Meira. Ed. Abril Cultural. 1983.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Ed. Papyrus.

_____. Inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise. Ed. Papyrus: Campinas. 1988.

_____. Caosmose. Tradução Ana Lucia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. São Paulo, ed. 34. 1992.

_____. “Guattari na PUC” e “Guattari, o paradigma estético”: Cadernos de Subjetividade: Especial Félix Guattari. Núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade. São Paulo, Ed. EDUC (PUC-SP). 2a. ed., 1996.

_____. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo,

Brasiliense. Tradução Suely Rolnik. 2a. ed. 1985.

_____. Monografia sobre R.A. Em Psicanálise e transversalidade. Ed; Ideias e letras. 2004.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. São Paulo: Vozes. 4ed. 1996.

H

HERRIGEL, Eugen. A arte cavalheiresca do arqueiro zen. Tradução J.C. Israel. São Paulo, ed. Pensamento. 1975.

HOLANDA, Sergio Buarque. Visão do Paraíso. Ed. Brasiliense; Publifolha. 2000.

HOMERO. Ilíada. Vols. 1 e 2. Tradução: Haroldo de Campos. Ed. ARX e outra. 2010

_____. Odisseia. Tradução Trajano Vieira. São Paulo, Ed. 34. 2012.

HUXLEY, Aldous. As portas da percepção. Porto Alegre, ed. Globo. 1998.

I

ICHING: o livro das mutações. Sem autor definido. Tradução para o inglês Richard Wilhelm. Tradução português Brasil: Gustavo Alberto Corrêa Pinto. Ed. Pensamento. 2010.

K

KAFKA, Franz. O artista da fome. Tradução Guilherme Braga. L7PM. 2009.

_____. O castelo. Tradução de Modesto Carone. Companhia das letras. 2008.

KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Ed. Imago. 1996.

_____. Inveja e gratidão e outros trabalhos(1946-1963). Ed. Imago. 1991.

L

LACAN, Jacques. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Ed. Zahar. 1998.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu; em *Escritos*.

_____. A agressividade em psicanálise; em *Escritos*.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise; em *Escritos*.

_____. Variante do tratamento-padrão; em *Escritos*.

_____. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise; em O seminário, Livro 11. Tradução M.D. Magno. Ed. Zahar. 2008.

_____. A ética da psicanálise; em O seminário, Livro 7. Tradução Antonio Quinet. Ed. Zahar. 1991.

_____. Os escritos técnicos de Freud; em O seminário, Livro 1. Tradução Betty Milan. Ed. Zahar. 2009.

_____. A relação de objeto; em O seminário, Livro 4. Tradução Dulce Duque Estrada. Ed. Zahar. 1995.

LAPLANCHE; PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. Tradução Pedro Tamen. Ed. Martins Fontes. 2001.

LAO-TZU. Tao-Te Ching. Texto estabelecido por Richard Wilhelm. São Paulo, ed. Pensamento. 1975.

LEARY, Timoth. Flashback. São Paulo, ed. Beca. 1999.

LEARY, Timothy & METZNER, Ralph. Sobre a programação das experiências psicodélicas. Em: Mandala: A experiência alucinógena. Rio de Janeiro, ed. Civilização brasileira. 1972.

LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Ed. Nova Fronteira. 1980.

MAQUIAVEL. O príncipe. Tradução Antonio Caruccio-Caporele. Ed. L&PM. 2013.

MILLER, Henry. Sexus. Tradução Roberto Muggiati. Ed. Nova Cultural. 1988.

_____. A hora dos assassinos. Tradução Milton Persson. Ed. L&PM. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. Tradução Rubens Filho. 2ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. Ecce Homo. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo, Companhia das Letras. 1998

_____. Genealogia da Moral. São Paulo, Companhia das Letras. 1998.

_____. Humano demasiado humano. São Paulo, Companhia das Letras. 2000.

_____. Assim Falou Zaratustra. São Paulo: Civilização Brasileira. 1998.

_____. A gaia ciência. São Paulo, ed. Cia das Letras.

Q

ORLANDI, Luiz B. L. Corporeidades em mini-desfile. ...

_____. Anotar e nomadizar.

OVÍDIO. As metamorfoses. Tradução

P

PACHECO, Duarte. Esmeraldo de situ orbis. Edição do Senado Federal do Brasil.

PEIXOTO, Afrânio. História do Brasil. História do Brasil Afrânio Peixoto (1876-1947)

Fonte digital: Digitalização da 2ª edição em papel da Biblioteca do Espírito Moderno - Série 3.a - História e Biografia Cia. Editora Nacional – 1944:

<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/peixoto.html>

PELBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. Ed. Perspectiva. 1998.

PESSOA, Fernando. “Navegar é preciso...”. Fonte :

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpesso.html>

PLUTARCO. Vidas paralelas: Alexandre e César. Tradução Julia Simões. Ed. L&PM. 2011.

POLO, Marco. O livro das maravilhas: a descrição do mundo. Tradução Elói Braga Jr. Porto Alegre; Ed. L&PM. 2015.

R

RIBEIRO, Felipe. Thus Heard Sophia Harmony – by Few Many. Sem editora, sem

data.

RICE, Rob. Batalhas na Bíblia: 1400a.c. - 73 d.c.. São Paulo, Ed. M.Books. 2010.

RIMBAUD. Uma temporada no inferno & Iluminações. Tradução Ledo Ivo. Ed. Francisco Alves. 1982.

ROLNIK, Suely B. Cartografia sentimental. São Paulo, Estação liberdade. 1989.

_____. Por um estado de arte a atualidade de Lygia Clark. 1998.

_____. Os mapas moveções de Öyvind Fahlström. 2000.

_____. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. 2003.

_____. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. 1992.

_____. Memória do corpo contamina museu.

_____. O mal-estar na diferença. 1995.

_____. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio-pleno de Lygia Clark. 1999.

_____. Novas figuras do caos mutações da subjetividade contemporânea. 1999.

_____. Subjetividade Antropofágica. 1998.

_____. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. 2001.

_____. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura.

_____. Afinal, o que há por trás da coisa corporal?

_____. Lygia Clark: da obra ao acontecimento; catálogo da exposição; curadoria de Suely Rolnik, na Pinacoteca de SP, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Tradução Vera Ribeiro. Ed. Zahar. 1998.

S

SACHER-MASOCH. A vênus das peles. Ed. Hedra. 2008.

SCHIAVON, João Perci. Pragmatismo pulsional. Tese de doutorado, PUC-SP. 2012.

SCHNITZER, Arthur. Breve romance de sonho. Tradução Sergio Tellaroli. Ed. Cia das Letras. 2008.

SHAKESPEARE, William. Hamlet. Tradução Carlos Medeiros. Ed. Abril Cultural. 1978.

SERRES, Michel. Hermes.

SIMONDON, Gilbert. A gênese do indivíduo. Em: Cadernos de Subjetividade. São Paulo, ed. Hucitec. 2003.

SYLVESTRE, David. Enrevistas com Francis Bacon. Tradução Maria Costa. Ed. Cosac Naify. 2007.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Tradução Geir Campos. Ed. Abril cultural. 1982

STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Tradução Angel Bojadsen. Ed. L&PM. 2014.

SUETÔNIO. Calígula e Nero. Tradução Sadi Garibaldi. Ed. Pocket ouro. 2009.

SUZUKI, D.T Introdução ao Zen-budismo. Tradução Murilo Azevedo. Ed. Pensamento. 1993.

T

TOURNIER, Michel. Sexta-feira ou os limbos do pacífico. Tradução Fernando Botelho. Círculo do livro. 1993.

TZU, Sun. A arte da guerra. Tradução Sueli Cassal. Ed. L&PM. 2012.

V

VAN GOGH, Vincent. Cartas a Theo. Ed. L&PM. 2008.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento: O continente - Vol.1. Ed. Companhia das Letras. 2005.

W

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro, ed. Imago. 1975.

_____. Os objetivos do tratamento psicanalítico. Em: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, ed. Artmed. 1983 (reimpressão 2008).

_____. Sobre o uso de um objeto e O jogo do rabisco. Em: Explorações psicanalíticas. Porto Alegre, ed. Artmed. 1994.

Z

ZOURABICHVILI, François . O vocabulário de Deleuze. Tradução André Telles. (não encontrei a editora nesta versão digital; suponho que seja Relume-Dumará). Rio de Janeiro 2004.

Pois quem perfaz esses caminhos próprios não encontra ninguém: é o que sucede nos caminhos próprios. Ninguém aparece para ajudá-lo; tem de lidar sozinho com tudo o que se lhe depara de perigo, de acaso, de maldade e mau tempo. Pois ele tem o seu caminho para si – e, como é justo, seu amargor, seu ocasional dissabor com esse para si: o qual inclui, por exemplo, saber que nem seus amigos podem imaginar onde ele está e para onde vai, que às vezes perguntarão a si mesmo: ‘o quê? Ele prossegue? Ainda tem – um caminho?’

F. Nietzsche - Aurora
Prólogo. §2
